

8

8.^a classe

DE ACORDO COM
O NOVO PROGRAMA

Livro aprovado pelo
Ministério
da Educação

Teresa Nhampule / Ana Maria S. Mavie

História



 **PLURAL**
EDITORES
GRUPO PORTO EDITORA

LIVRO DO ALUNO
Inclui fichas de avaliação por unidade

ÍNDICE



- 6 **A História como ciência**
- 8 **1.1. Porque é que a História é uma ciência?**
- 10 **1.2. Importância da História**
- 10 1.2.1 O surgimento da História
- 12 **1.3 As fontes da História**
- 12 1.3.1 Definição de fonte histórica
- 12 1.3.2 Tipos de fontes históricas
- 13 1.3.3 As fontes da História de África e de Moçambique:
o papel da fonte oral
- 14 1.3.4 Os locais de interesse histórico
- 16 **1.4 A História e as outras ciências**
- 17 **1.5 O tempo e a História**
- 17 1.5.1 A contagem do tempo em História
- 19 1.5.2 A periodização em História
- 20 1.5.3 A periodização da História de África e de Moçambique
- 21 **Sintetizo os meus conhecimentos**
- 22 **Vamos descobrir!**
- 24 **Verifico o que aprendi!**



- 26 **Origem e evolução do Homem**
- 28 **2.1 A origem do Homem**
- 28 2.1.1 As várias tentativas de explicar a origem e evolução do Homem
- 30 **2.2 África – berço da Humanidade**
- 31 2.2.1 O lento processo de hominização
- 32 2.2.2 As principais transformações físicas
- 34 2.2.3 A descoberta do fogo e sua importância
- 36 **2.3 A evolução da vida económica, social e espiritual dos
homens em África**
- 41 **Sintetizo os meus conhecimentos**
- 42 **Vamos descobrir!**
- 44 **Verifico o que aprendi!**



- 46 **A diferenciação social e a formação de estados**
- 48 **3.1 O surgimento da diferenciação social nos exemplos do
Egipto e Mesopotâmia**
- 50 3.1.1 O Egipto (revisão)
- 50 3.1.1.1 Localização geográfica
- 52 3.1.1.2 Actividades económicas
- 53 3.1.1.3 O surgimento da diferenciação social
- 55 3.1.1.4 A religião e a cultura
- 60 3.1.2 Mesopotâmia

A HISTÓRIA COMO CIÊNCIA

A História é um dos domínios do conhecimento/saber humano. Constituiu-se como ciência ao longo do século XIX, ao adoptar e definir um objecto e um método de estudo.

A História é uma ciência humana, que se interessa pela evolução do Homem ao longo do tempo. Estuda os seus modos de vida, as suas crenças e costumes através dos vestígios do passado.

O historiador é o "cientista" que recolhe os testemunhos, analisa-os, estuda-os e compõe o *puzzle* do passado, para que nós possamos compreender o presente e preparar um futuro melhor.

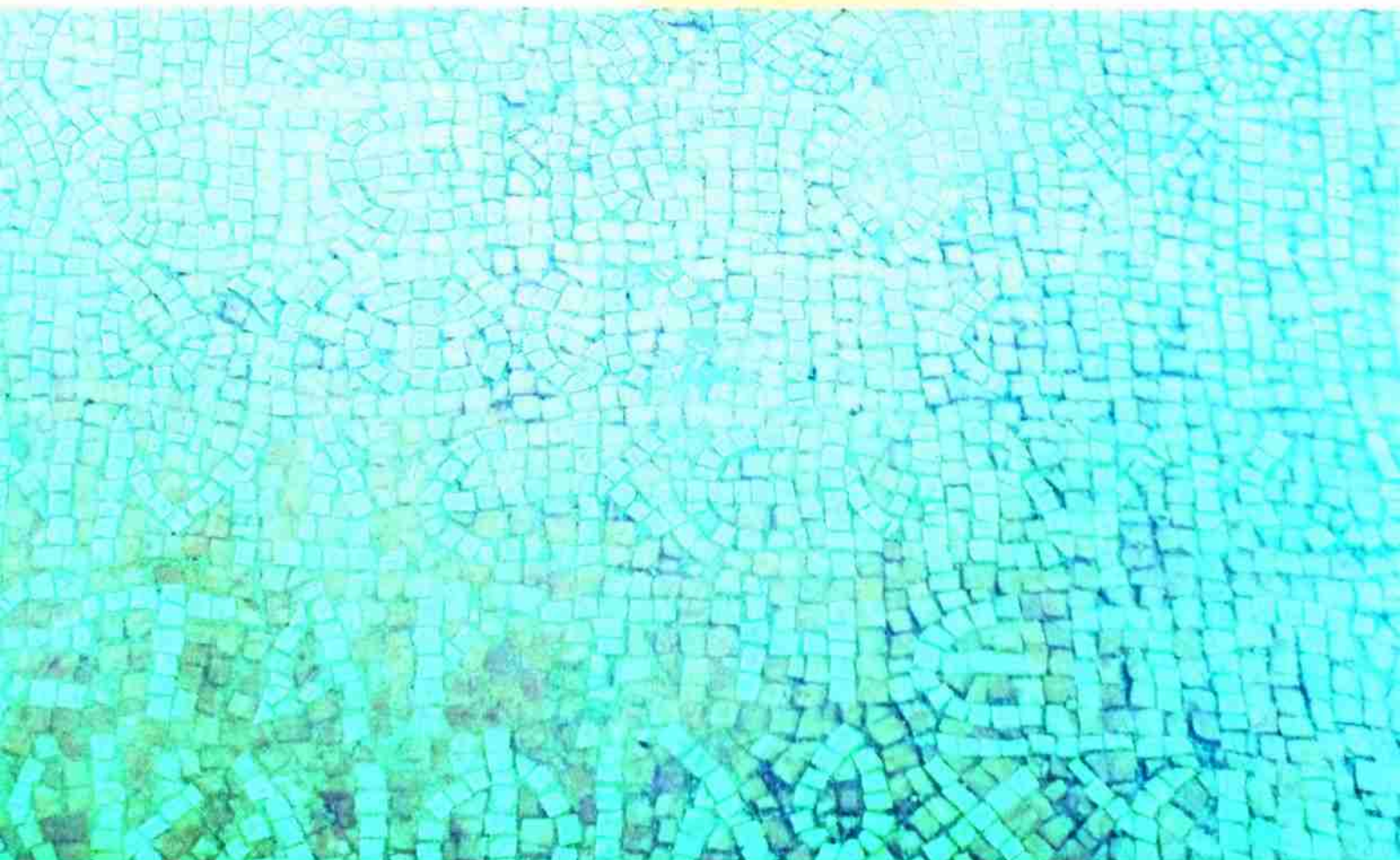


1. Porque é que a História é uma ciência?

2. Qual é a importância da História?

3. O que são as fontes históricas?

4. Qual é a relação da História com as outras ciências?



1

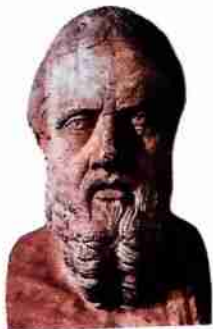
1.1. PORQUE É QUE A HISTÓRIA É UMA CIÊNCIA?



1. Marc Bloch, historiador, 1886-1944.



2. Marco Túlio Cícero, filósofo e pensador romano, 106-43 a.n.e.



3. Heródoto, historiador grego considerado o "pai" da História, 485-420 a.n.e.

SOU CAPAZ!

1. Qual é o objecto de estudo da História?
2. Em que século é que a História adquiriu o estatuto de ciência?
3. O que faz da História uma ciência?

Nesta unidade vamos conhecer a História como ciência e estudar as ferramentas ou meios que utilizamos para o seu estudo aprofundado.

A definição de História foi variando ao longo do tempo mas hoje é consensual afirmar que a História é a ciência dos homens no tempo (Marc Bloch), porque estuda o passado para melhor compreender o presente e perspectivar o futuro.

4. O que é a História?

A História é a ciência do Homem no tempo. O tempo facilita a compreensão da História, pois está em contínua mudança, sendo o Homem o protagonista dessa mudança [...]. O passado e o presente são intrínsecos, devendo o historiador partir do presente para o passado.

Marc Bloch, *Apologia da História*, 2001, p. 55

A História é uma ciência porque tem o seu objecto de estudo – o ser humano – e um método de estudo e de trabalho, que segue os vários passos do método científico.

- 1.º – Identificação de um problema relacionado com o objecto de estudo.
- 2.º – Levantamento de hipóteses para a resolução do problema.
- 3.º – Investigação e cruzamento de diversas fontes históricas para testar a validade das hipóteses.
- 4.º – Conclusões e construção de uma explicação para o problema.

Até ao século XIX, a História era um género literário, a narração de um conjunto de acontecimentos e dos seus protagonistas. Não havia qualquer rigor científico. Ao longo do século XIX, ao adoptar o método científico como método de trabalho, baseado no rigor e na objectividade, a História adquiriu o estatuto de ciência.

A História é a ciência que estuda a evolução, a vida do ser humano ao longo dos tempos e em diversos lugares. O ser humano é o agente da História. As suas acções, na relação com a sociedade e/ou na relação com o meio natural, promovem o avanço ou o retrocesso da Humanidade. A História debruça-se sobre estas acções ou acontecimentos que influenciaram o curso da História.

1

1.2. IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA

Desde o ensino básico que, na disciplina de Ciências Sociais, estudamos História. Qual será a importância da História? Qual será a utilidade de conhecer o passado?

A História é de extrema importância porque, ao reconstruir o modo de vida dos nossos antepassados, permite-nos conhecer e compreender o presente e perspectivar o futuro. Só assim somos capazes de compreender que todas as transformações socioeconómicas e políticas actuais estão ligadas às sociedades humanas do passado.

O conhecimento do passado e uma melhor compreensão do mundo em que vivemos são fundamentais para o desempenho do nosso papel de cidadãos activos e conscientes na construção de um futuro melhor.

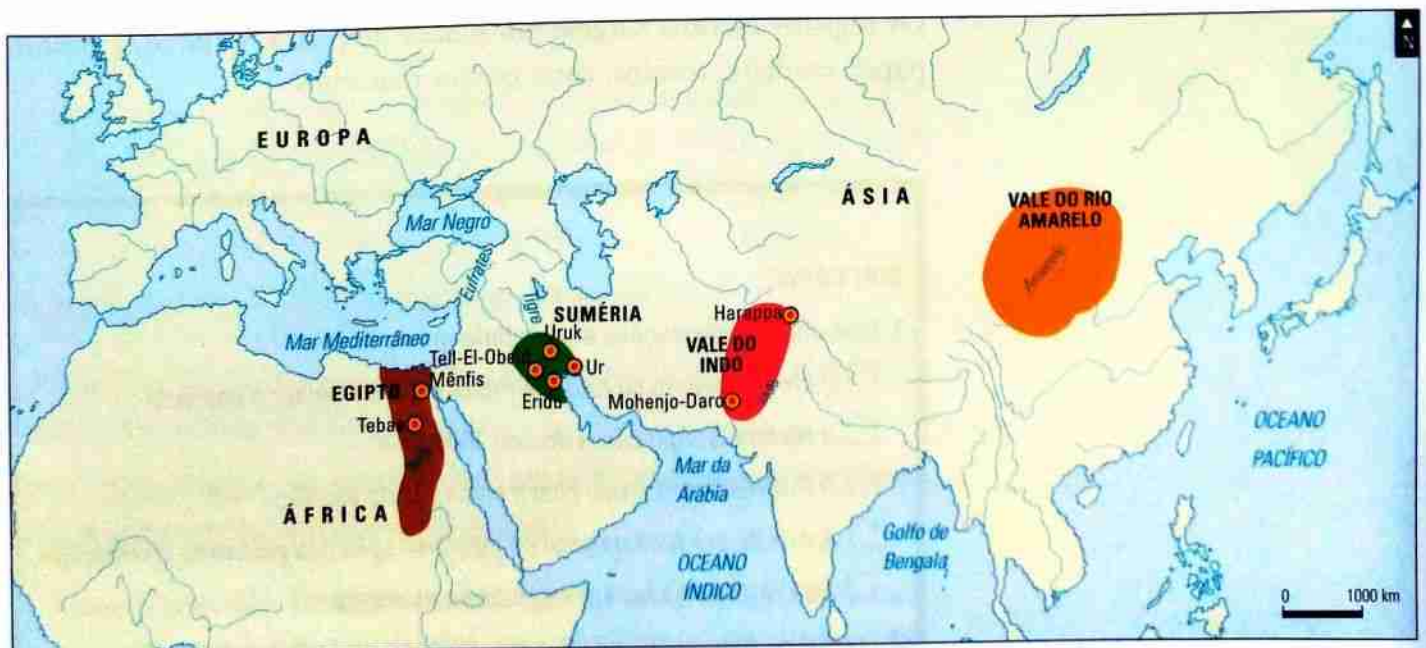
CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Objectividade: Aquilo que é na realidade, sem influência das opiniões, sentimentos ou preferências.

História: Ciência que estuda a evolução do ser humano no tempo e no espaço.

1.2.1. O surgimento da História

Foi com a invenção da escrita, cerca do ano 3500 a.n.e (entre o 4.º milénio e o 3.º milénio a.n.e.), por parte das primeiras civilizações localizadas junto dos grandes rios que se considera ter surgido a História.



5. As primeiras civilizações, onde a invenção da escrita marcou o início da História.

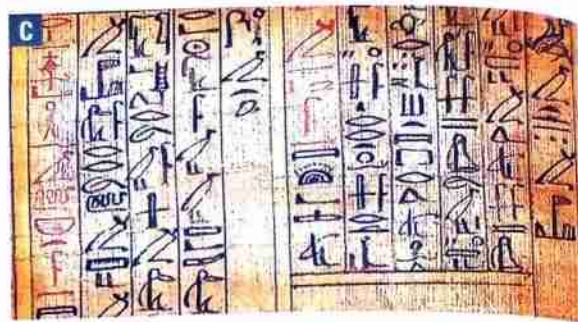


6. As primeiras formas de escrita:

A. Escrita chinesa (Civilização do Vale do Rio Amarelo);

B. Escrita cuneiforme (Civilização Suméria);

C. Escrita hieroglífica (Civilização Egípcia).

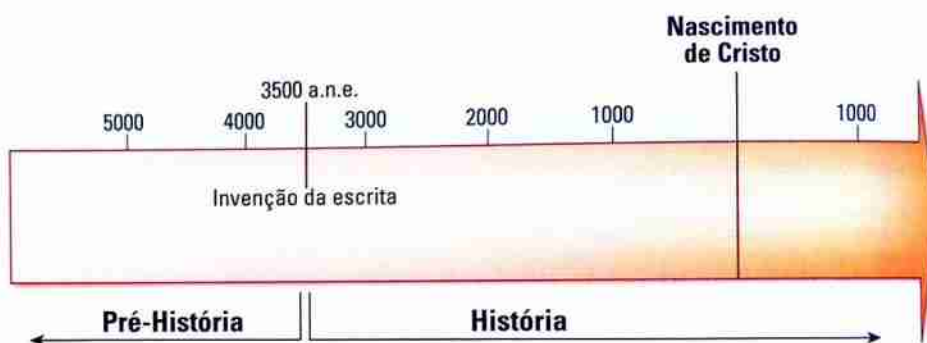


As primeiras civilizações desenvolveram sistemas de escrita imprescindíveis para a administração e para a criação cultural. Estas civilizações deixaram-nos vários registos do seu tempo: registos económicos, leis, orações, poemas, narrativas, entre outros.

Contudo, antes da invenção da escrita, no tempo da Pré-História, os acontecimentos eram transmitidos apenas oralmente e através de gravuras ou desenhos, como as pinturas rupestres.



7. Pinturas rupestres de Chinghamapere (Manica).



8. A invenção da escrita.

Com a invenção da escrita, a transmissão do passado às gerações futuras passou a fazer-se de forma mais fácil, variada e duradoura. Os registos escritos surgem em placas de pedra, papiros, pinturas, papel, madeira, tecidos, entre outros materiais.

SOU CAPAZ!

1. Classifica as afirmações em verdadeiras ou falsas.

- O conhecimento do futuro permite planear melhor o passado.
- A História surgiu cerca do ano 3500 a.n.e.
- A Pré-História nasceu com a invenção da escrita.
- A escrita era fundamental na administração das primeiras civilizações.
- Na Pré-História faziam-se pinturas rupestres.

2. Corrige as afirmações falsas, reescrevendo-as de forma verdadeira.

1

1.3. AS FONTES DA HISTÓRIA

O historiador tem um papel importante para o conhecimento do passado. É o profissional que nos dá a conhecer as sociedades do passado, através da investigação e interpretação das acções do ser humano ao longo do tempo.

Para tal, o historiador trabalha com as mais diversas fontes da História. Fonte histórica é todo o vestígio resultante da presença de seres humanos antepassados, em diferentes locais e em diferentes épocas.

O trabalho do historiador consiste na recolha, análise, cruzamento e interpretação das diferentes fontes para chegar a uma explicação sobre o fenómeno em estudo. Estas explicações constituem a História, que todos nós aprendemos.

1.3.1. Definição de fonte histórica

As fontes de informação da História são todos os vestígios ou materiais que permitem ao historiador reconstruir o passado da Humanidade.

1.3.2. Tipos de fontes históricas

Fontes orais (ex.: lendas, mitos, fábulas, etc.)

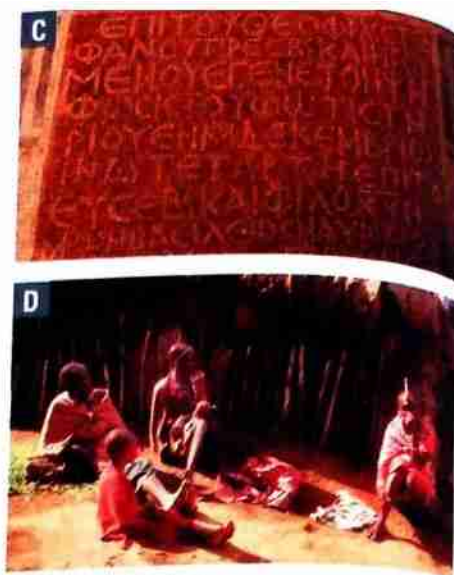
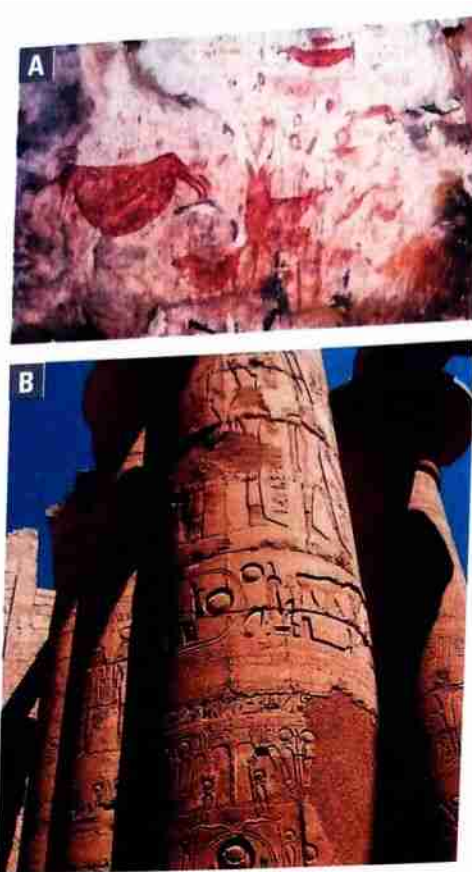
Estas fontes resultam da transmissão oral dos acontecimentos. Estas fontes eram muito usadas no período da Pré-História, antes da invenção da escrita, e ainda hoje, nas comunidades que não dispõem ou não dominam um código escrito.

Fontes escritas (ex.: cartas, leis, diários, livros, etc.)

Este tipo de fontes surgiu com a invenção da escrita e resulta do registo dos acontecimentos.

Fontes arqueológicas ou materiais (ex.: ossadas, utensílios, monumentos, gravuras, esculturas, vestuário, rochas, etc.)

Estas fontes são vestígios ou marcas deixadas pelos antepassados, encontrados nas escavações arqueológicas, que podem dar informações sobre o seu modo de vida.



9. Tipos de fontes:

A. Fonte material: pinturas rupestres;
 B. e C. Fontes escritas: relevo de escrita hieroglífica numa coluna num templo egípcio (B); escrita grega num painel de mosaico do período romano (C);
 D. Fontes orais: o saber de uma comunidade passado de geração em geração.

1.3.3. As fontes da História de África e de Moçambique: o papel da fonte oral

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Fontes históricas: Todos os vestígios que representam a presença dos seres humanos num determinado tempo e espaço.

Para o estudo da História de África e de Moçambique recorremos a vários tipos de fontes históricas: fontes escritas, orais e arqueológicas.

As fontes orais são muito importantes para a História de África e de Moçambique, porque a escrita não se expandiu com facilidade e, por isso, a maioria dos povos africanos não a domina. Poucos sabem ler e escrever. No entanto, muitos africanos viveram os acontecimentos da História recente ou receberam conhecimentos de tempos mais antigos transmitidos oralmente pelos seus pais e avós.

A falta de um código escrito fez com que a transmissão oral de conhecimentos fosse a forma mais comum de comunicar experiências e histórias. Desta tradição resultaram lendas, mitos, contos e fábulas, que devem ser usados pelos historiadores, no cruzamento com outro tipo de fontes históricas, para reconstruírem o passado de África e de Moçambique.

Na actualidade, a História de África e de Moçambique de períodos recentes, tal como o período do nacionalismo, independências africanas e da luta armada de libertação nacional, pode ser reconstruída com base na oralidade e na arqueologia sem descurar o uso de fontes escritas, pois todos os tipos de fontes contribuem para a reconstituição do passado.

Por outro lado, os historiadores devem ser prudentes no uso das fontes orais, seleccionando os factos ou as informações mais verosímeis (aquelas que mais se aproximam da verdade, conforme outras fontes históricas podem comprovar).

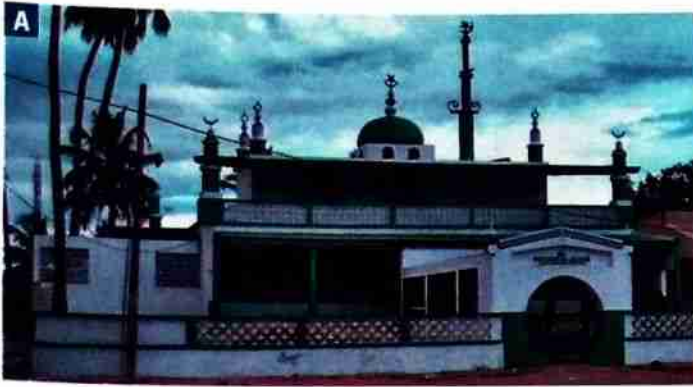


10. Fontes para a História de África e de Moçambique:
 A. Barco do período da penetração mercantil portuguesa em Moçambique;
 B. Crânios de homínidos encontrados em África, expostos num museu;
 C. Mobiliário tradicional – cadeirões em madeira expostos no Museu de História Natural, Maputo.

1.3.4. Os locais de interesse histórico

Qualquer povo ou sociedade tem lugares que são de interesse histórico, porque representam um acontecimento, uma pessoa, um grupo ou um período importante da História desse povo, fazendo parte da sua identidade. Os lugares de interesse histórico devem ser preservados para serem conhecidos e estudados pelas gerações futuras.

Existem muitos locais de interesse histórico, destacando-se museus, pirâmides, instituições governamentais, fortalezas, arquivos históricos, castelos, regulados, ruínas antigas e sítios de pinturas rupestres e de escavações arqueológicas.



11. Alguns locais de interesse histórico em Moçambique: A. Mesquita em Pemba; B. Museu da Revolução, Maputo; C. Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, actual Museu Militar de Maputo; D. Catedral de Maputo; E. Igreja da Rainha da Paz, Namaacha, província de Maputo.

Deste modo, para o conhecimento mais profundo da História de África e de Moçambique devemos:

- Preservar os lugares de interesse histórico (por exemplo, o Centro Administrativo de Mueda).
- Promover palestras, entrevistas, debates públicos com figuras ou protagonistas que viveram ou participaram em certos episódios da nossa História, como, por exemplo: os participantes na Luta Armada de Libertação Nacional (1964-1974), na assinatura do Acordo Geral de Roma (1992) e na assinatura dos Acordos de Lusaca (1974-09-07).
- Sensibilizar e mobilizar os estudantes do ensino médio e superior para a recolha de informações sobre vários locais de interesse histórico no período de férias.
- Investir na pesquisa e investigação científica, para a promoção da História nacional e valorização e preservação do nosso património histórico.

SOU CAPAZ!

1. Faz um levantamento do tipo de fontes históricas existentes na tua aldeia ou comunidade.
2. Constrói um arquivo da tua família ou comunidade, passando a registo escrito as fontes orais.
3. Classifica os tipos de fontes representadas nas imagens seguintes:



Fonte _____



Fonte _____

4. Qual é o tipo de fontes históricas mais importante para a História de Moçambique? Justifica.
5. Enumera três locais de interesse histórico no continente africano.
6. Explica a importância da preservação e valorização dos locais de interesse histórico.

VIVER A HISTÓRIA

Organiza uma visita de estudo a um lugar de interesse histórico de Moçambique. Nesta actividade, a turma pode ser dividida em dois grupos: o das fontes orais e o das fontes escritas. O objectivo é o cruzamento das informações orais e das informações escritas que os alunos foram capazes de assimilar/registar e a realização de um trabalho final, como por exemplo um cartaz sobre o que aprenderam.

VIVER A HISTÓRIA LOCAL

De acordo com a realidade da tua localidade, comunidade ou bairro e de acordo com as condições locais, e com a ajuda de familiares e das estruturas locais, identifica um local de importância histórica da tua região.

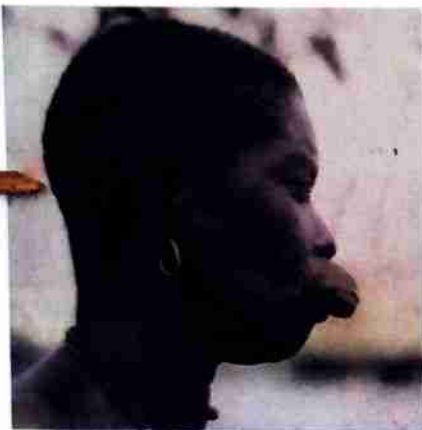
- Recolhe informações sobre o local entrevistando os mais velhos e consultando documentos existentes na Administração.
- Apresenta as tuas conclusões, explicando a importância desse local no estudo da História de Moçambique.
- Não te esqueças de identificar os tipos de fontes por ti utilizadas na tua pesquisa, a sua importância, vantagens e desvantagens!

1

1.4. A HISTÓRIA E AS OUTRAS CIÊNCIAS

Sendo a História uma ciência social e humana, que se debruça sobre o passado humano, relaciona-se com as outras ciências naturais (ex.: Química) e sociais (ex.: Geografia) para poder explicar os vários acontecimentos históricos que ocorreram nas sociedades humanas e para reconstituir o passado humano.

Por isso, a História utiliza conhecimentos da Geografia, Antropologia, Linguística, Economia, Arqueologia, Paleografia, Epigrafia e Numismática e Sociologia, entre outras ciências, para explicar factos e processos históricos. Desta forma, a História estabelece uma relação de interdisciplinaridade/interdependência com as outras ciências.



12. Pesquisa antropológica: registo fotográfico dos costumes do povo Maconde (foto exposta no Museu de História Natural, Maputo).



13. Escavação arqueológica.

SOU CAPAZ!

1. A História é uma ciência independente de outras, pois tem um objecto de estudo e um método de trabalho próprios. Concordas com a afirmação? Justifica a tua resposta.

Numismática	Ciência que estuda a evolução das moedas.
Paleografia	Ciência que decifra textos antigos.
Epigrafia	Ciência que estuda as inscrições feitas na superfície de materiais duros (pedra, mármore, bronze, cerâmica, etc.).
Arqueologia	Ciência que estuda os vestígios materiais de actividades humanas.
Antropologia	Ciência que estuda os agrupamentos humanos através do seu comportamento e da organização da sua vida.
Linguística	Ciência que estuda as diversas línguas faladas pelos agrupamentos humanos e procura decifrá-las.
Geografia	Ciência que estuda os fenómenos físicos, biológicos e humanos na Terra.
Cronologia	Ciência que localiza os acontecimentos no tempo.
Sociologia	Ciência que estuda a formação, organização e transformação das sociedades humanas.
Economia	Ciência que estuda as normas e os princípios que regulam a produção, distribuição e consumo de bens.

1

1.5. O TEMPO E A HISTÓRIA

1.5.1. A contagem do tempo em História

Como já sabes, a História estuda a evolução do ser humano no tempo. Por conseguinte, a contagem do tempo é fundamental para o historiador e para todos nós que estudamos História. A contagem do tempo e a datação dos acontecimentos evitam que a História se torne num conjunto de factos desordenados e confusos.

Os nossos antepassados já contavam o tempo. Todavia, usavam métodos diferentes dos que usamos hoje, havendo variações de país para país e de região para região.

A uniformização na contagem do tempo surgiu com um acontecimento que marcou a vida de várias sociedades do Globo terrestre – o nascimento de Jesus Cristo. O nascimento de Jesus Cristo foi de tal modo importante para os povos do Ocidente que é usado como marco da contagem do tempo, sendo considerado o ano um e o ponto de partida da chamada Era Cristã. O tempo da História da Humanidade anterior ao nascimento de Cristo é contado de forma decrescente até ao nascimento de Cristo e deve ser sempre assinalado com as siglas **a. C.** (antes de Cristo) ou **a.n.e.** (antes da nossa era). Já o tempo da História da Humanidade posterior ao nascimento de Cristo é contado de forma crescente e pode ser assinalado com as siglas **d. C.** (depois de Cristo) ou **n.e.** (nossa era).

Para localizar no tempo um determinado facto, constroem-se cronologias ou frisos cronológicos, que nos apresentam uma sucessão de datas e de acontecimentos.



14. Friso cronológico.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Era: Época fixa, assinalada por um acontecimento importante (por exemplo, o nascimento de Cristo, no caso da Era Cristã), a partir do qual se começa a contar as datas.

Milénio: Período de 10 séculos, 100 décadas ou 1000 anos.

Século: Período de 10 décadas ou 100 anos.

Década: Período de 10 anos.

Para contarmos o tempo, podemos usar várias medidas: o milénio, o século, a década, os anos, os dias e até as horas. No caso da História da Humanidade, como o tempo é muito longo, o mais comum é usar-se os anos e os séculos. Cada ano pertence sempre a um determinado século.

Para fazeres a correspondência entre os anos e os séculos, deves isolar o número das centenas e verificar se à sua direita restam zeros ou algarismos superiores.

No primeiro caso, o número das centenas já te indica o século – século II.

No segundo caso e sempre que os algarismos forem diferentes de zero, tens de acrescentar uma unidade às centenas – século III.

Não te esqueças que os séculos se escrevem em numeração romana.

Exemplos:

Ano 200 = 2/00 = 2+0 = Século II

Ano 206 = 2/06 = 2+1 = Século III

Ano 2000 = 20/00 = 20+0 = Século XX

Ano 1436 = 14/36 = 14+1 = Século XV

CURIOSIDADE

Os Romanos, povo anterior ao nascimento de Cristo, iniciaram a contagem do tempo no ano da fundação da cidade de Roma (753 a.n.e.).

Nem todos os povos consideraram o nascimento de Cristo como o acontecimento mais importante para o início da contagem do tempo. Os Muçulmanos começaram a contar o tempo a partir da fuga do profeta Maomé (fundador da sua religião – o Islão) da cidade de Meca para Medina (cidades santas muçulmanas) no ano 622 da nossa era. Por isso, no ano 622 da Era Cristã iniciou-se a Era da Hégira (= fuga) ou Era Maometana. Deste modo, quando os Muçulmanos iniciaram a contagem do tempo já os cristãos estavam no ano 622 depois do nascimento de Cristo. Consequentemente, quando os cristãos se encontram no ano 2009, os muçulmanos estão no ano 1387.



15. Nascimento de Cristo (pintura de Gentile da Fabriano, século XV), momento que significa o início da Era Cristã.



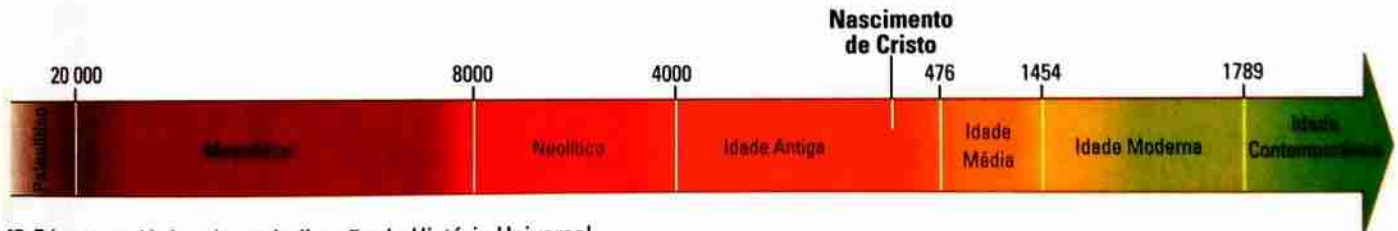
16. Pintura persa que retrata a ascensão de Maomé ao céu. A fuga deste profeta para o deserto marca o início da Era da Hégira.

1.5.2. A periodização em História

Como a História da Humanidade já conta com vários milhões de anos, tornou-se necessário, para facilitar o seu estudo, dividi-la em certos períodos. Por isso, a periodização em História é a divisão do tempo em períodos, com princípio e fim determinados por um acontecimento importante. Este acontecimento marca a passagem de um período para o outro. Todavia, nem sempre há um consenso entre a comunidade científica de historiadores sobre o facto histórico que delimita um determinado período.

Na sua evolução, a História divide-se em duas grandes partes:

PRÉ-HISTÓRIA	HISTÓRIA
Corresponde ao tempo em que o ser humano viveu antes da invenção da escrita. Subdivide-se em três idades.	Corresponde ao tempo em que o ser humano viveu, desde a invenção da escrita até aos nossos dias. Divide-se em 4 épocas ou idades.
Paleolítico – Idade da pedra inferior ou lascada (2 500 000 a 20 000 anos a.n.e.)	Idade Antiga
Mesolítico – Fase intermédia (20 000 a 10 000 a.n.e.)	Idade Média
Neolítico – Idade da pedra superior ou polida (10 000 a 4000 a.n.e.)	Idade Moderna
	Idade Contemporânea



17. Friso cronológico da periodização da História Universal.

A História Universal periodiza-se habitualmente em 4 períodos (exemplo 1), mas também se aplicam outras periodizações a outros temas de estudo (exemplos 2 e 3).

Ex. 1 – Periodização da História Universal ⇨ 4 Períodos	
1.º – Idade Antiga	século IV a.n.e.- -século V
2.º – Idade Média	séculos V-XV
3.º – Idade Moderna	séculos XV-XVIII
4.º – Idade Contemporânea	séculos XVIII-XXI

Ex. 2 – Periodização da História de África ⇨ 5 Períodos	
1.º – Antiguidade africana	século IV a.n.e.- -século IV
2.º – Dos Reinos aos Impérios	séculos VII-XV
3.º – Escravidão e comércio	séculos XV-XIX
4.º – Partilha de África	séculos XVII-XX
5.º – Liberdade e independência	séculos XX-XXI

Ex. 3 – Periodização da História de Moçambique ⇨ 5 Períodos	
1.º – As primeiras sociedades	séculos III-VIII
2.º – Penetração mercantil arábico-persa	séculos IX-XIV
3.º – Penetração mercantil portuguesa	séculos XV-XIX
4.º – Presença colonial portuguesa	séculos XIX-XX
5.º – Nacionalismo e independência	séculos XX-XXI

1

SINETIZO OS MEUS CONHECIMENTOS



• História é a ciência que estuda a evolução do ser humano ao longo do tempo, utilizando o método científico.

• O conhecimento do passado é importante porque permite uma melhor compreensão do presente e uma melhor preparação do futuro.

• A História da Humanidade divide-se em duas partes, a Pré-História e a História.

• A transição da Pré-História para a História ocorreu com a invenção da escrita, entre 3500 a.n.e. e 4000 a.n.e.

• Fontes da História são todos os vestígios ou marcas deixadas pelo ser humano.

• Tipo de fontes – orais, escritas e arqueológicas ou materiais.

• Os locais de interesse histórico (ruínas, museus, etc.) devem ser preservados e valorizados para se conhecer a História de Moçambique, de África e de toda a Humanidade.

• A História tem uma relação de interdisciplinaridade com outras ciências, tais como a Geografia, a Arqueologia, a Cronologia, etc.

• Em História a contagem do tempo é importante. Os povos cristãos começaram a contar o tempo a partir do nascimento de Cristo, enquanto que os muçulmanos iniciaram essa contagem a partir do ano 622 n.e. ou d. C. – a Hégira.

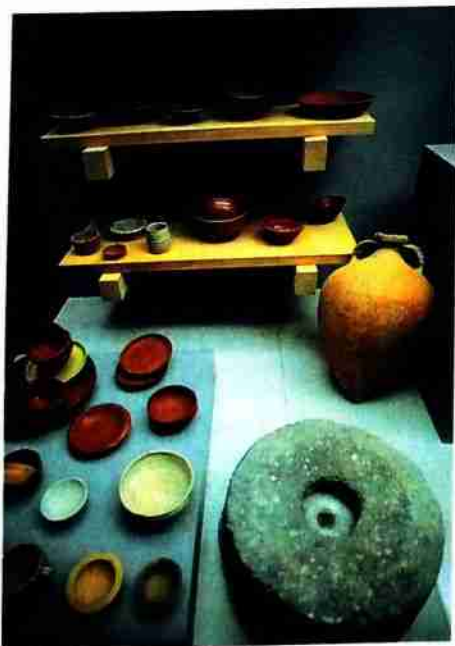
• A História de Moçambique divide-se em cinco períodos. A periodização em História facilita o estudo do passado. Cada período é delimitado por um acontecimento importante.



Escavação arqueológica.



Arqueólogo observando pedaços de cerâmica.



Achados arqueológicos expostos num museu.

A Arqueologia

Como aprendemos, a Arqueologia é uma ciência que estuda os vestígios materiais das actividades humanas de sociedades existentes ou já extintas. Aqueles vestígios apareceram com as primeiras formas de vida humana, há cerca de 6 a 4 milhões de anos, e perderam até à actualidade.

Por conseguinte, a Arqueologia tornou-se numa ciência, a par de outras, indispensável para o conhecimento de qualquer período histórico da Humanidade. Tradicionalmente, associamos a investigação arqueológica à Pré-História e às civilizações da Antiguidade. Contudo, ao longo do século XX, a arqueologia aplicou-se a períodos históricos mais recentes, como a Idade Média ou o período da industrialização (séculos XVIII–XIX).

Actualmente, existem vários tipos de arqueologia, consoante o período histórico ou o tema da investigação:

- Arqueologia pré-histórica
- Arqueologia clássica (Idade Antiga)
- Arqueologia medieval
- Arqueologia moderna
- Arqueologia industrial
- Arqueologia subaquática
- Arqueologia bélica

A principal fonte de achados arqueológicos são as escavações sistemáticas de lugares identificados com interesse arqueológico, depois de realizadas prospecções ou pesquisas no solo. Por vezes, a identificação de um sítio arqueológico faz-se através das referências históricas ou das tradições locais (inclusive mitos e lendas e outras fontes orais), ainda que as prospecções sejam o método mais rigoroso.

O gosto pela arqueologia surgiu com os “antiquários” nos séculos XVII e XVIII. Eram homens ilustres que ao viajarem por toda a Europa investigaram monumentos e outros vestígios. Recolheram objectos, classificaram-nos, preservaram-nos e promoveram o seu estudo.

Os achados arqueológicos são muito variados, desde fragmentos de cerâmica, ferramentas em pedra, instrumentos, restos de alimentos, ossos, restos de habitações, jóias, entre outros. Através da análise e estudo aprofundado destes vestígios materiais é possível reconstituir aspectos do passado da vida de uma certa comunidade.

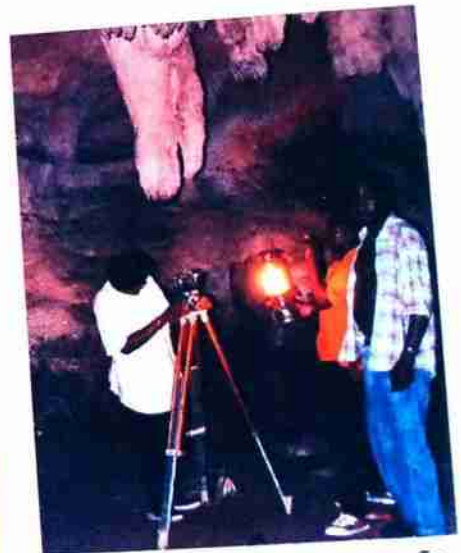
Como podemos ver de perto estes achados? Há estações ou sítios arqueológicos que recebem visitantes e fazem visitas guiadas. Mas, por norma, os achados arqueológicos são preservados e dados a conhecer nos museus.

Em África, há vários sítios arqueológicos.

Ao redor da ilha de Mombaça, os arqueólogos subaquáticos têm realizado pesquisas e já foram descobertos vestígios de navios afundados, inclusive fragatas portuguesas do século XVII e até fragmentos de cerâmica com milhares de anos.



Ruínas do sítio arqueológico de Manyiken, Moçambique.



Registo de medições numa escavação na caverna de Machaga, Tanzânia.

SOU CAPAZ!

1. Assinala com uma cruz (X) as expressões directamente relacionadas com a Arqueologia.

- Escavação
- Futebol
- Dança
- Achado
- Chapéu
- Cerâmica
- Museu

- Fontes históricas
- Economia
- Historiador
- Jipe
- Calor
- Deserto

2. Gostavas de ser um arqueólogo? Porquê?

3. Numera as fases do estudo arqueológico de 1 a 6.

- Preservação e exposição em museus
- Escavação
- Prospecção
- Recolha de vestígios materiais
- Lenda
- Estudo dos achados

1

VERIFICO O QUE APRENDI!

1. Explica por palavras tuas o que é a História.
2. Qual é a importância da História?
3. Qual é o papel do historiador no estudo da História?
4. Enumera de 1 a 5 as fases do trabalho do historiador.
 - Análise e estudo de fontes históricas.
 - Levantamento de hipóteses.
 - Conclusões/explicação da História.
 - Identificação de um problema.
 - Recolha de fontes históricas.

5. Define fontes históricas.

6. Relaciona os elementos das duas colunas.

- | | |
|-----------------------|--------------------|
| Mito • | • Fontes orais |
| Pinturas de Marere • | |
| Ruínas de Manyikene • | • Fontes escritas |
| Papiro • | |
| Conto • | |
| Fábula • | • Fontes materiais |

7. Explica a importância das fontes orais para a História de África e de Moçambique.

8. Completa os espaços em branco.

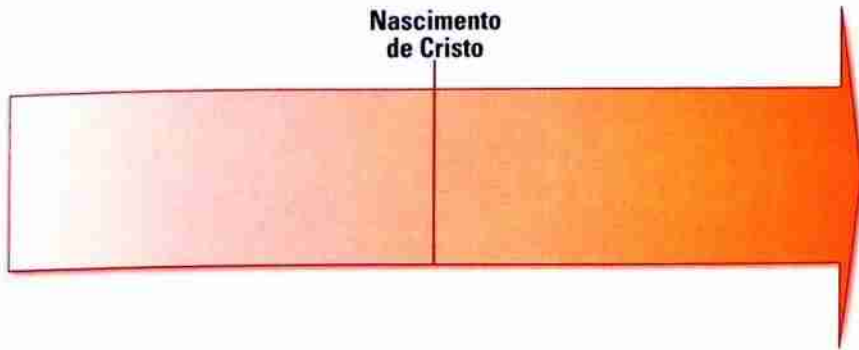
Segundo o calendário cristão, as sociedades humanas começaram a contar o tempo a partir do _____ no ano _____ e, segundo o calendário muçulmano, a contagem do tempo fez-se a partir da _____ no ano _____ n.e.

O tempo anterior ao nascimento de Cristo designa-se por antes de Cristo (a. C.) ou antes da nossa era (a.n.e.) e a contagem do tempo faz-se em ordem _____.

O tempo posterior ao nascimento de Cristo designa-se por depois de Cristo (d. C.) ou nossa era (n.e.) e a contagem do tempo faz-se em ordem _____.

9. Situa no tempo os seguintes acontecimentos:

- Invenção da escrita – 3500 a.n.e.
- Idade Antiga – séculos IV a.n.e.-V n.e.
- Partilha de África – séculos XVII-XX
- Nacionalismo e independência de Moçambique – séculos XX-XXI



10. Qual é o século correspondente a cada ano?

- 1453 ⇒ século ____ 15 a.n.e. ⇒ século ____
 504 a.n.e. ⇒ século ____ 200 ⇒ século ____
 1091 ⇒ século ____ 2009 ⇒ século ____

11. Situa os séculos acima referidos na barra cronológica anterior.

12. Preenche o quadro.

Título:	
Numismática	
	Ciência que decifra textos antigos.
Cronologia	
	Ciência que estuda as inscrições feitas em materiais duros.
Antropologia	
Arqueologia	
	Ciência que estuda as normas e os princípios que regulam a produção, distribuição e consumo de bens.
Geografia	

13. Escreve conceitos relacionados com a História.



2

ORIGEM E EVOLUÇÃO DO HOMEM

Há cerca de 6 milhões de anos, surgiram na África Oriental e do Sul os primeiros hominídeos, isto é, os primeiros seres que haviam evoluído a partir dos primatas e que já apresentavam algumas características humanas.

África tornava-se, assim, o berço da Humanidade.

A evolução humana nunca mais parou. Se os primeiros grupos de humanos eram recolectores e nómadas, a partir de 12 000-10 000 anos a.n.e., com a descoberta da agricultura e da pastorícia, os seres humanos fixaram-se junto dos cursos de água e prepararam-se para fundar os primeiros estados.

1. Como se explica a origem e evolução do ser humano?
2. Como viviam esses nossos antepassados longínquos?
3. Como evoluiu a vida econômica, social e espiritual?



2

2.1. A ORIGEM DO HOMEM

A origem e evolução do Homem é um tema que continua a merecer um estudo aprofundado por parte dos pré-historiadores, pois o ser humano actual quer conhecer as suas origens e ainda há muitas questões por responder sobre o modo de vida dos nossos antepassados. Com efeito, há muitas teorias explicativas da origem e evolução do ser humano, destacando-se duas: a teoria da criação e a teoria evolucionista. A crença em cada uma delas depende das convicções e crenças religiosas, políticas e científicas de cada um.

2.1.1. As várias tentativas de explicar a origem e evolução do Homem

Teoria da criação

A teoria da criação baseia-se na Bíblia e no seu livro Gênesis. Defende que o Homem é um produto da criação divina, isto é, que o Homem foi criado por Deus no sexto dia de criação do Universo. Depois de ter projectado e criado o Universo, Deus criou todas as espécies de vida na Terra e também o Homem, que fez à sua imagem e semelhança. Esta teoria é aceite por todos aqueles que explicam a origem do mundo e de tudo o que acontece através das suas



1. A criação do Homem, segundo um painel dos frescos da Capela Sistina, em Roma, de Miguel Ângelo, século XVI.

convicções religiosas. O aparecimento de todos os seres vivos explica-se, assim, pela acção de um Deus omnipresente e omnipotente. Por outro lado, os cientistas não têm provas de que a vida não resultou de um acto de criação.

Teoria da evolução ou evolucionista

Charles Darwin, naturalista e biólogo inglês do século XIX, ficou conhecido como o autor da teoria da evolução das espécies.

Darwin defende que o Homem é um produto da matéria abiótica e da evolução dos primatas, que sofreram várias transformações físicas e mentais ou intelectuais durante milhões de anos, dando origem ao ser humano actual. A este lento processo de evolução física e mental do ser humano dá-se o nome de **hominização**. As transformações foram motivadas por grandes alterações climáticas, que ditaram a extinção de algumas espécies e a sobrevivência e modificação de outras.

Na realidade, as transformações climáticas e ambientais ditaram a selecção natural das espécies, ou seja, os mais fortes e aqueles que conseguiram adaptar-se sobreviveram, enquanto que os outros se extinguiram. Era neste processo de adaptação que os seres vivos adquiriam novas características.

3. Os fósseis.

Os fósseis são as evidências da existência de vida no passado. No entanto, os cientistas não têm encontrado muitas provas da evolução de uma espécie noutra espécie.

Niles Eldredge, *The New Evolutionary Timetable*

SOU CAPAZ!

1. Indica duas teorias explicativas da origem e evolução do Homem.
2. Distingue essas duas teorias.
3. Lê e analisa o documento 3.
 - 3.1. Qual é a teoria explicativa da origem e evolução do ser humano referida no documento 3?
 - 3.2. Qual das teorias consideras mais correcta ou verosímil? Justifica.
4. O que foi a hominização?



2. Retrato de Charles Darwin, autor da Teoria da Evolução. Nasceu em 1809. O pai era médico. A mãe faleceu quando ele tinha 8 anos. Estudou Medicina na Universidade de Edimburgo e trabalhou como naturalista.

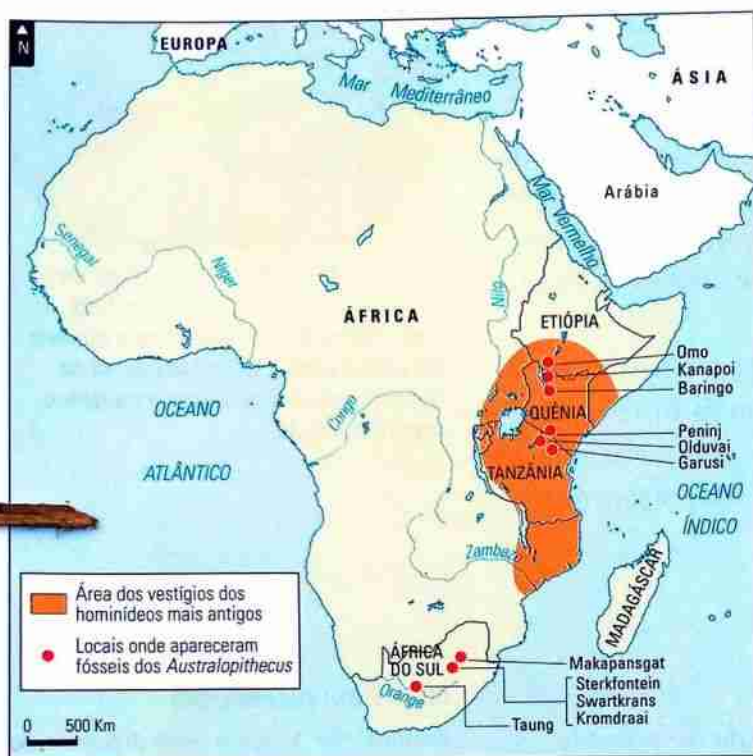
CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Hominização: Longo e lento processo de evolução física e mental do ser humano desde os primatas até ao estado actual.

Evolução: Sequência de transformações lentas, desenvolvimento progressivo.

2

2.2. ÁFRICA – BERÇO DA HUMANIDADE



4. Origem geográfica do Homem.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Hominídeo: Homem na sua fase de lenta evolução física e intelectual, desde o estágio primitivo ao estágio de desenvolvimento actual.

Recolecção: Forma de vida dos povos que se limitam a recolher do meio natural o que necessitam para sobreviver.

Nomadismo: Modo de vida dos povos que se deslocam de região em região em busca de alimentos.

Como já estudámos nas classes anteriores do Ensino Básico, África é o berço da Humanidade, uma vez que foi neste continente que se encontraram vestígios do mais antigo hominídeo – o *Australopithecus*. Este hominídeo viveu em África (na região da actual Tanzânia) há cerca de 6 milhões de anos, pois este continente apresentava condições climáticas, de fauna e flora mais favoráveis do que outras regiões.

Além da Tanzânia, também foram encontrados restos ósseos dos primeiros hominídeos no Quênia, na Etiópia e na África do Sul. África é a única região do mundo onde foram encontrados restos ósseos dos mais antigos antepassados do ser humano actual, numa sucessão regular e sem descontinuidade na sua evolução.

Na África Austral, os **Khoisan** podem ter sido os descendentes de antigos povos pré-históricos.

Os **Khoisan** eram povos que viveram até aos anos 200-300 n.e. (séculos III e IV) e que tinham a caça e a recolecção como actividades principais, isto é, alimentavam-se de raízes, frutas silvestres, bolbos, ovos, que encontravam directamente na Natureza e da carne dos animais que caçavam. Havia uma forte dependência da Natureza, porque ela fornecia tudo o que era indispensável à sobrevivência.

Nas comunidades dos **Khoisan**, o trabalho dividia-se por sexo e por idades. Ou seja, os homens, como eram os mais fortes, caçavam e as mulheres, as crianças e os mais velhos praticavam a recolecção e trabalhavam colectivamente. O produto do trabalho era dividido igualmente por todos os elementos da comunidade, pois todos tinham colaborado.

Os **Khoisan** viviam em bandos nómadas e não havia um chefe permanente. O líder só existia para organizar os trabalhos da caça e da recolecção, nos quais ele também participava. Por isso, nestes grupos de povos, não existia a exploração do homem pelo homem. Os **Khoisan** viviam no deserto de Kalaari, na Namíbia e no Botswana.

2.2.1. O lento processo de hominização

Como já sabemos, a **hominização** constituiu um lento e longo processo de transformações físicas e mentais dos primeiros hominídeos até ao Homem actual (*Homo sapiens sapiens*).

Ao longo do processo de hominização, os hominídeos passaram por cinco fases ou estados de evolução, consoante as necessidades de adaptação ao meio.






- 1.º – *Australopithecus*
- 2.º – *Homo habilis*
- 3.º – *Homo erectus*
- 4.º – *Homo sapiens*
- 5.º – *Homo sapiens sapiens*



5. Macaco.

6. *Australopithecus*.

7. O processo de hominização.

AUSTRALOPITHECUS 6 A 4 MILHÕES DE ANOS	HOMO HABILIS 2 MILHÕES DE ANOS	HOMO ERECTUS 1 MILHÃO DE ANOS	HOMO SAPIENS 100 MIL ANOS	HOMO SAPIENS SAPIENS 40 MIL ANOS
				
– Conquista da bipedia	– Capacidade de fabricar e utilizar instrumentos – Construção dos primeiros abrigos para habitar	– Domínio do fogo – Desenvolvimento da linguagem – Instalação em grutas ou em acampamentos ao ar livre	– Desenvolvimento da inteligência – Fabrico de instrumentos especializados – Primeiros enterramentos	– Fabrico de instrumentos de lâmina e em osso – Primeiras manifestações artísticas

EXPLORO O DOCUMENTO

1. Quais são as principais diferenças físicas entre o *Australopithecus* e o *Homo sapiens sapiens*?
2. Qual foi o primeiro hominídeo a fabricar instrumentos?
3. Qual foi a grande descoberta feita pelo *Homo erectus*?
4. Caracteriza cada uma das fases de evolução dos hominídeos.

VIVER A HISTÓRIA

Imagina que és um hominídeo e escreve um texto sobre o teu dia-a-dia.

2.2.2 As principais transformações físicas

Ao longo de milhões de anos, as principais transformações físicas e mentais dos primeiros humanos foram:

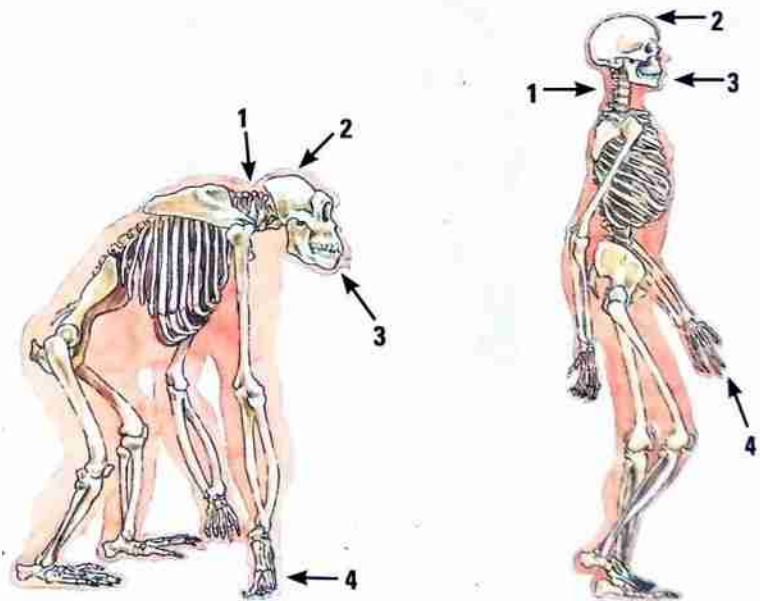
- a conquista da posição vertical e da bipedia, que libertou as mãos da marcha e possibilitou a sua utilização no fabrico de instrumentos, como os bifaces;
- aumento da caixa craniana e da massa cerebral, o que significou um desenvolvimento da inteligência;
- desenvolvimento da linguagem, facilitando a comunicação dentro das comunidades.

Este conjunto de transformações físicas diferenciou o ser humano dos primatas. Ao conseguir fabricar instrumentos de grande precisão, o *Homo habilis* conseguiu aproveitar melhor os recursos naturais. Este domínio sobre a Natureza aumentou com a descoberta da produção do fogo pelo *Homo erectus*.

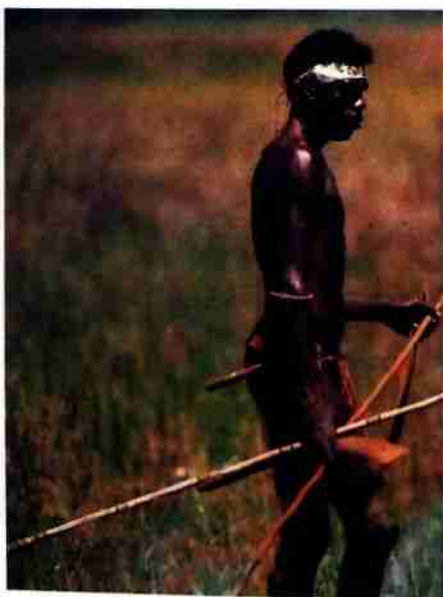
A pedra, a madeira, os ossos e os chifres dos animais eram os materiais usados para produzir instrumentos no Paleolítico. Estes instrumentos eram variados (bifaces, pontas de seta, arpões, raspadores, etc.) e serviam para raspar, cortar, coser e furar.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

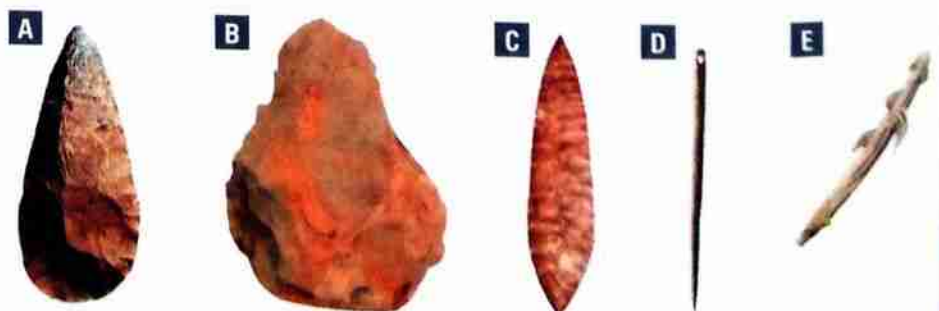
Bipedia: Capacidade de caminhar apenas sobre os dois pés.



8. Diferenças entre o esqueleto de um gorila e de um ser humano: 1 – posição da coluna; 2 – caixa craniana; 3 – maxilares/mandíbulas; 4 – mãos.



9. Um caçador-recolector na actualidade (África).



10. A utilização de instrumentos:

A. Biface (c. 150 000 anos); B. Machado para cortar e talhar (c. 100 000 anos); C. Ponta de seta (c. 20 000 anos); D. Agulha (c. 15 000 anos); E. Arpão em osso (c. 15 000 anos).

Contudo, foi com o *Homo sapiens*, que viveu um pouco por todos os continentes, que ocorreram importantes transformações intelectuais: o desenvolvimento da sua inteligência e o aperfeiçoamento de uma linguagem articulada. O *Homo sapiens* vestia-se com peles de animais e já tinha as suas crenças mágico-religiosas, pois enterrava os seus entes queridos, com alimentos, flores e instrumentos, manifestando a crença na vida para além da morte.

O *Homo sapiens sapiens* apresentava características, quer físicas quer intelectuais, semelhantes ao ser humano actual. Vivia em grutas e cavernas, fazia os seus objectos de adorno, como colares. Tinha as suas manifestações artísticas e religiosas.



11. Pinturas rupestres de Rihane, Nampula.

Todas estas transformações do processo de hominização estiveram relacionadas com mudanças climáticas, da fauna e da flora, que obrigaram os primeiros homínídeos a adaptar-se às novas situações para conseguirem sobreviver. Nesta luta pela sobrevivência, os mais fracos não sobreviveram e desapareceram, alguns sobreviveram e continuaram a viver em cima das árvores saltando de ramo em ramo, dando origem, mais tarde, aos macacos, gorilas, chimpanzés e orangotangos antropomorfos. Outros conseguiram adaptar-se às novas condições e exigências, vindo a dar origem ao Homem actual. Todas estas transformações foram ocorrendo em simultâneo com o desenvolvimento de várias actividades essenciais à sobrevivência. Por isso, o trabalho desempenhou, e continua a

CURIOSIDADE

Quando o *Australopithecus* libertou as mãos da função de locomoção, passou a usá-las no fabrico de instrumentos. Com esta actividade, o dedo polegar tornou-se oponível aos restantes. A mão tornava-se mais flexível, ágil e segura.

SOU CAPAZ!

1. Justifica as transformações do processo de hominização.
2. Explica a importância do trabalho para as comunidades de caçadores-recolectores.

desempenhar, um papel importante para o desenvolvimento de qualquer ser humano e das próprias sociedades, porque dignifica, liberta e conduz ao progresso pessoal e social.

Para os primeiros homens, o trabalho foi importantíssimo porque através dele sofreram várias transformações físicas e mentais: passaram a produzir o fogo; a fabricar os seus instrumentos de trabalho, primeiro mais simples e depois mais complexos, pequenos e precisos, com apurada técnica e eficácia; aperfeiçoaram a linguagem. Desta forma, o ser humano exercia o seu domínio sobre a Natureza.

2.2.3. A descoberta do fogo e sua importância

Saber produzir fogo foi uma das grandes conquistas dos hominídeos. O fogo já existia no seu estado natural e os hominídeos conheciam-no de ser provocado por trovoadas, da lava dos vulcões e da faísca do choque de duas pedras.

Durante o fabrico de instrumentos, o *Homo erectus* percebeu que, batendo duas pedras ou friccionando dois pedaços de madeira, era possível produzir fogo. A partir deste momento, as condições da vida humana melhoraram muito.



12. Dois métodos para a produção de fogo.

O fogo permitiu afugentar os animais selvagens, cozinhar os alimentos, aperfeiçoar o fabrico de instrumentos de madeira, que aquecida se torna maleável, aquecer e iluminar as grutas e as cavernas, desenvolver a linguagem e os laços sociais entre os elementos da comunidade, pelo convívio em volta da fogueira. O fogo foi a primeira fonte de energia que o ser humano produziu e colocou ao seu serviço.

13. Viver no Paleolítico.

Eles [os habitantes das cavernas] mantinham o centro da vida familiar na entrada da gruta, onde encontravam simultaneamente abrigo, luz e a saída do fumo das fogueiras [...]. Por norma, só se metiam nas profundezas para executar obras de arte e celebrar os ritos mágicos.

*In Fernando Conceição e Manuela Alcântara,
Da Pré-História aos Finais do Século XIV*

Apesar da importância da descoberta de técnicas de produção do fogo, os nossos antepassados continuaram a praticar a caça e a recolção e, por consequência, a serem nómadas, isto é, a deslocarem-se de região em região em busca de alimento. De qualquer modo, este tipo de vida requeria um aprofundado conhecimento do ciclo de vida das plantas e dos animais, bem como da localização de rios e grutas.

14. A importância do fogo.

O fogo foi um elemento da organização social porque o lar, aquecido e iluminado, tornou-se num lugar privilegiado de convívio familiar e social.

*Ralph Furnor, in Fernando Conceição e Manuela Alcântara,
Da Pré-História aos Finais do Século XIV*

SOU CAPAZ!

1. Classifica as afirmações em verdadeiras (V) ou falsas (F).

- O fogo era retirado da Natureza pelos hominídeos.
- Os animais ferozes fogem do fogo.
- O fogo era usado para cozinhar os alimentos.
- O interior das grutas era escuro, porque não se podia fazer fogo.
- A madeira aquecida pelo fogo pode ser moldada.

2. Corrige as afirmações falsas, tornando-as verdadeiras.

3. Lê e analisa o documento 14.

3.1. Concordas com a sua mensagem? Porquê?

2

2.3. A EVOLUÇÃO DA VIDA ECONÓMICA, SOCIAL E ESPIRITUAL DOS HOMENS EM ÁFRICA

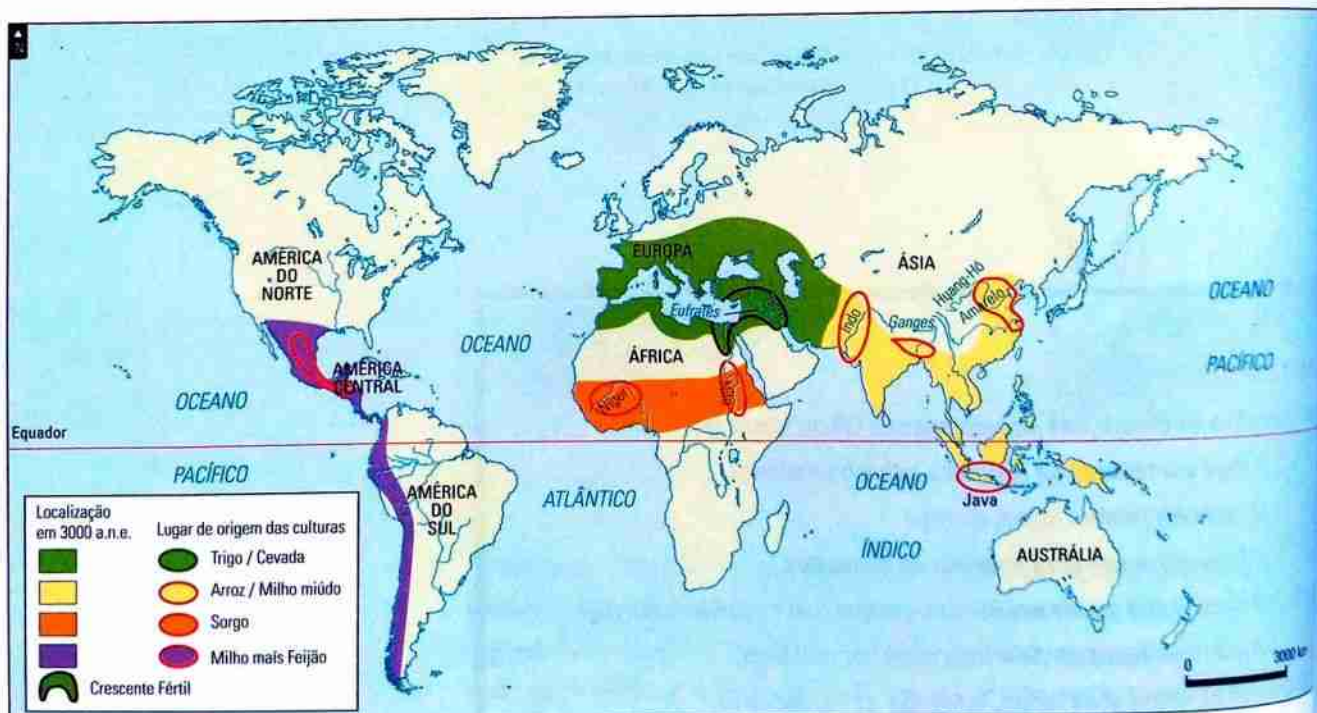
CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Sedentarização: Fixação de uma comunidade num mesmo local, onde desenvolve as suas actividades produtivas.

Durante o Paleolítico, os homínídeos eram caçadores e recolectores nómadas, em cujas comunidades já se tinham implementado as primeiras formas de organização social: os homens praticavam a caça e a pesca e as mulheres, as crianças e os idosos dedicavam-se à recolecção.

Todavia, a descoberta de actividades económicas produtivas – a agricultura e a pastorícia – marcou a transição das comunidades nómadas de caçadores e recolectores para as comunidades sedentárias de agricultores e pastores. Entrava-se no período pré-histórico do Neolítico (entre 10 000 e 4000 a.n.e.).

Os primeiros homens terão descoberto a agricultura na Ásia, na zona do Crescente Fértil, entre o 10.º e 8.º milénios a.n.e. Durante o processo de recolecção, caíam alguns grãos e sementes, que depois germinavam e davam uma nova planta. Ao observar este fenómeno, o ser humano percebeu este processo e passou a controlá-lo, ao recolher as sementes e ao lançá-las à terra.



15. Regiões onde surgiram as primeiras culturas agrícolas.

O Crescente Fértil corresponde aos vales dos rios Nilo, Tigre e Eufrates, onde se desenvolveram importantes civilizações, como a Civilização Egípcia e a Civilização Suméria. Chama-se crescente por ter a forma da Lua na fase de quarto crescente e fértil por ser uma região com excelentes condições para a prática agrícola.

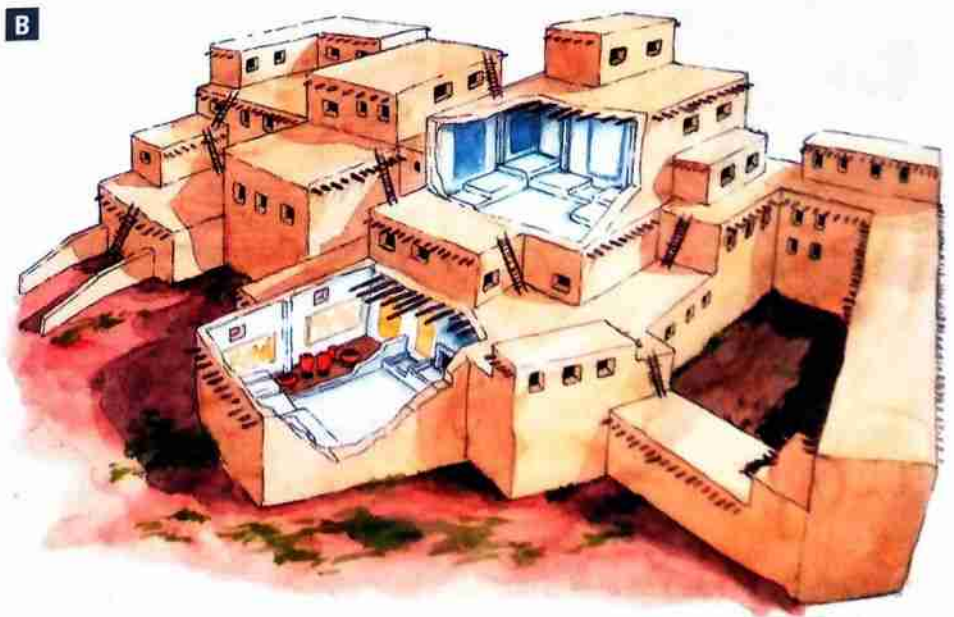
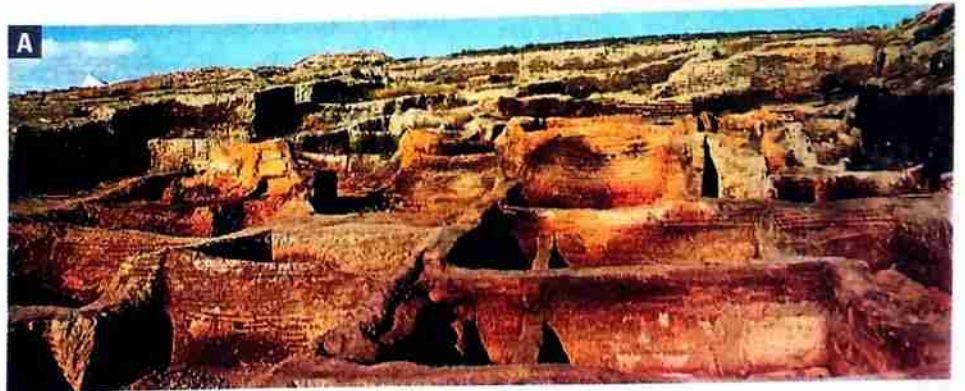
O trigo, a cevada, a aveia e o centeio foram os primeiros cereais a serem cultivados a partir do 8.º milénio a.n.e. A partir do Crescente Fértil, a prática da agricultura expandiu-se para a Europa, África e Ásia. Ao longo do 4.º milénio a.n.e., o cultivo de cereais já estava enraizado no Norte de África. Simultaneamente, no vale do Alto Níger, surgiram espécies selvagens, originárias da savana, tais como o arroz e o milho-miúdo. Nas regiões de floresta equatorial, o inhame e a palmeira eram as principais espécies cultivadas.

Os homens descobriram a pastorícia durante o trabalho de caça, quando retiravam das armadilhas crias ou animais ainda pequenos para os fechar em cercas. Com o tempo e o convívio com os seres humanos, estes animais acabariam por ser domesticados. O cão, o carneiro, a cabra, o boi e o porco foram os primeiros animais a serem domesticados. Desta forma, o ser humano passou a dispor de carne, leite, lã, peles e ajuda animal nos trabalhos da agricultura. No 5.º milénio a.n.e. criavam-se cabras, carneiros e porcos no Egipto.

Na região do Sara foram descobertos vestígios da prática da pastorícia durante o Neolítico. Trata-se de restos de peixes, crocodilos, hipopótamos, bovinos e caprinos. Estas espécies animais necessitam de água em abundância, o que leva a crer que o Sara era uma zona irrigada, propícia à domesticação e criação de animais.

Contudo, o aquecimento climático, as queimadas e o intenso pastoreio contribuíram para a desertificação do Sara e obrigaram os pastores sarianos a dirigirem-se para as estepes do Sul a partir do 3.º milénio a.n.e.

Com a descoberta destas actividades económicas, os homens tornaram-se sedentários, porque já produziam os seus próprios alimentos, não precisando de os procurar noutras regiões. Por outro lado, os primeiros homens também sentiram necessidade de se fixar num determinado local, por norma junto dos rios, para cuidarem dos campos e dos animais.



16. Um dos primeiros aldeamentos da História – Çatal Hüyük, na actual Turquia: A. Foto actual das ruínas; B. Reconstituição.



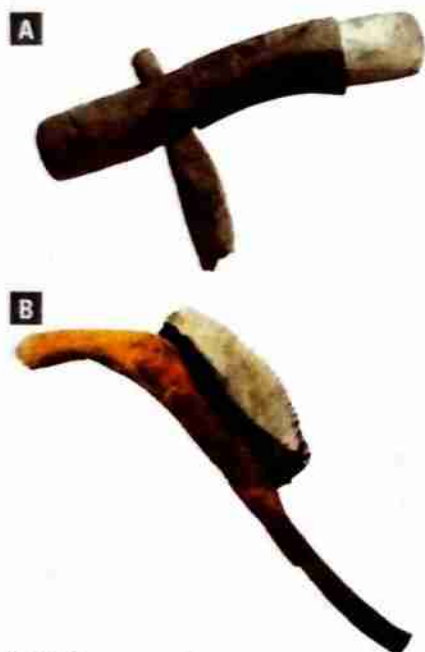
17. Um aldeamento actual.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Aldeamento: Comunidade fixa numa dada região, onde desenvolve as suas actividades produtivas: agricultura, artesanato, pastorícia, construção, etc.

Divisão do trabalho: Método de execução das actividades, em que cada elemento de um grupo desempenha uma tarefa especializada.

Religião: Crença na existência de um poder sobre-humano e superior, do qual o Homem se considera dependente.



18. Instrumentos do Neolítico: enxada (A) e foicinha em pedra (B).

A prática da agricultura e da pecuária ou pastorícia melhorou e diversificou a alimentação, originando um aumento da população.

As pequenas comunidades fixas num mesmo local passaram, então, a formar os primeiros aldeamentos. As casas de pedra, madeira, tijolo ou argila, cobertas de colmo, situavam-se próximas umas das outras e estavam protegidas por uma muralha, que também resguardava os campos e os animais. Os aldeamentos mais antigos encontram-se na Ásia Menor: Çatal Hüyük (na actual Turquia) e Jericó (na actual Palestina).

A economia produtiva dos aldeamentos, em que as sociedades humanas produziam os seus alimentos, fez com que surgissem outras actividades e uma nova organização social.

Iniciou-se a divisão do trabalho, por idades e por género, em que cada habitante do aldeamento se especializava numa determinada função. Aos mais velhos cabia a administração ou chefia do aldeamento; os homens continuavam a ser caçadores, pastores, agricultores e artesãos, para além de garantirem a defesa do aldeamento em caso de ataque. As mulheres tinham a seu cargo as crianças, os trabalhos domésticos e os trabalhos menos pesados do cultivo da terra e do artesanato (cerâmica, tecelagem, cestaria e moagem).

Sociedades do Paleolítico (ex.: Khoisan)

Acreditavam e adoravam vários deuses, ou seja, eram politeístas, e acreditavam na imortalidade da alma, isto é, na continuação da vida para além da morte. Por isso, enterravam os mortos com os seus objectos pessoais (adornos, comida, flores, etc.). Com o objectivo de dominar as forças da Natureza, os primeiros humanos dançavam, mascaravam-se e sacrificavam animais em honra dos deuses e da deusa-mãe. As estátuas das deusas-mãe acabaram por se tornar numa forma de expressão religiosa e artística do ser humano do Paleolítico. Chamou-se-lhes vénus por simbolizarem a fertilidade e fazem parte da arte móvel (peças de arte que podem ser transportadas).

Outra forma de expressão artística foram as pinturas e gravuras de caçadas ou sinais abstractos, representadas nas rochas, ao ar livre ou no interior das grutas. Estas representações também tinham um significado mágico, pois esperava-se que proporcionassem maior sucesso nas caçadas.

As manifestações artísticas e religiosas dos primeiros homens surgiram da necessidade de querer explicar os fenómenos e os mistérios que se passavam à sua volta. Na África Austral há grandes quantidades de gravuras e pinturas rupestres, sobretudo no planalto dos vales do Orange e do Vaal. As mais antigas datam do 10.º milénio a.n.e. e representam cenas de caça e dança.



Vénus de Willendorf.



Gravuras rupestres do Vale do Côa.



Pinturas rupestres de Rihane Nampula.

As funções de cada um determinavam a sua importância na sociedade do aldeamento, pelo que os chefes eram os mais importantes, a quem todos deviam obediência.

A cerâmica e a cestaria permitiram a obtenção de recipientes para armazenar e transportar alimentos. Com o mesmo objectivo foram construídos silos e celeiros para armazenar os excedentes da produção, conseguidos graças à melhoria dos instrumentos de trabalho e à adopção de novas técnicas.

Nos aldeamentos do Neolítico, os excedentes da produção eram trocados por outros produtos em falta com outras comunidades, ao mesmo tempo que o ser humano desenvolvia o sentido de propriedade e de riqueza.



19. Vasos em cerâmica encontrados na Escócia (cerca 2500 a.n.e.).

Sociedades do Neolítico (ex.: Bantu)

Os Bantu vão dar continuidade às crenças dos Khoisan e dos seus antepassados, pois acreditavam que o seu bem-estar dependia da sua dedicação (homenagens e oferendas) para com os antepassados.

Eram também politeístas, adoravam como divindades as forças naturais (vento, chuva, trovoadas, etc.) e acreditavam na imortalidade da alma.

Faziam vários cultos e cerimónias mágicas, nas quais sacrificavam animais, pintavam o corpo e se mascaravam. As principais formas de expressão artística e religiosa das sociedades neolíticas eram as deusas-mães, os menires, os cromeleques, os alinhamentos e as antas ou dólmenes.

As deusas-mães eram figuras femininas, identificadas com a terra, e símbolo de fertilidade.



Escultura de deusa-mãe.



Cromeleque de Stonehenge, Inglaterra.



Anta do Cercal, Portugal.



Túmulo de um chefe, na Bulgária.



Menir de Abelhoa, Portugal.



20. Cestos em palha do final do Neolítico.

Os menires, rochas com forma fálica, também simbolizavam a fertilidade. Um conjunto de menires alinhados designa-se alinhamento e dispostos em círculo cromeleque. Alinhamentos e cromeleques eram locais de ritos mágicos. As antas ou dólmenes eram usados para sepultar os mortos. Estes monumentos eram feitos em pedra e atingiam grandes dimensões. Por isso, são designados por megálitos (pedra grande). Estas práticas ainda hoje se mantêm em alguns povos, nomeadamente na maioria dos povos africanos.

Em África, os Bantu foram uma importante comunidade de agricultores e pastores sedentários, em oposição aos nómadas Khoisan. Os Bantu praticavam a agricultura e a pastorícia, mas também já conheciam o uso dos metais.

No entanto, quer os Khoisan quer os Bantu tinham as suas crenças mágico-religiosas, tal como as demais comunidades do Paleolítico e do Neolítico.

SOU CAPAZ!

1. Qual era a utilização dada aos instrumentos das figuras?



2. Quais eram as principais actividades económicas praticadas nos aldeamentos neolíticos?

3. Diz o que entendes por aldeamento neolítico.

4. Distingue as sociedades nómadas das sociedades sedentárias de África.

5. Como estava organizada a sociedade e a produção nos aldeamentos?

6. Distingue as manifestações religiosas e artísticas dos seres humanos do Paleolítico e do Neolítico.

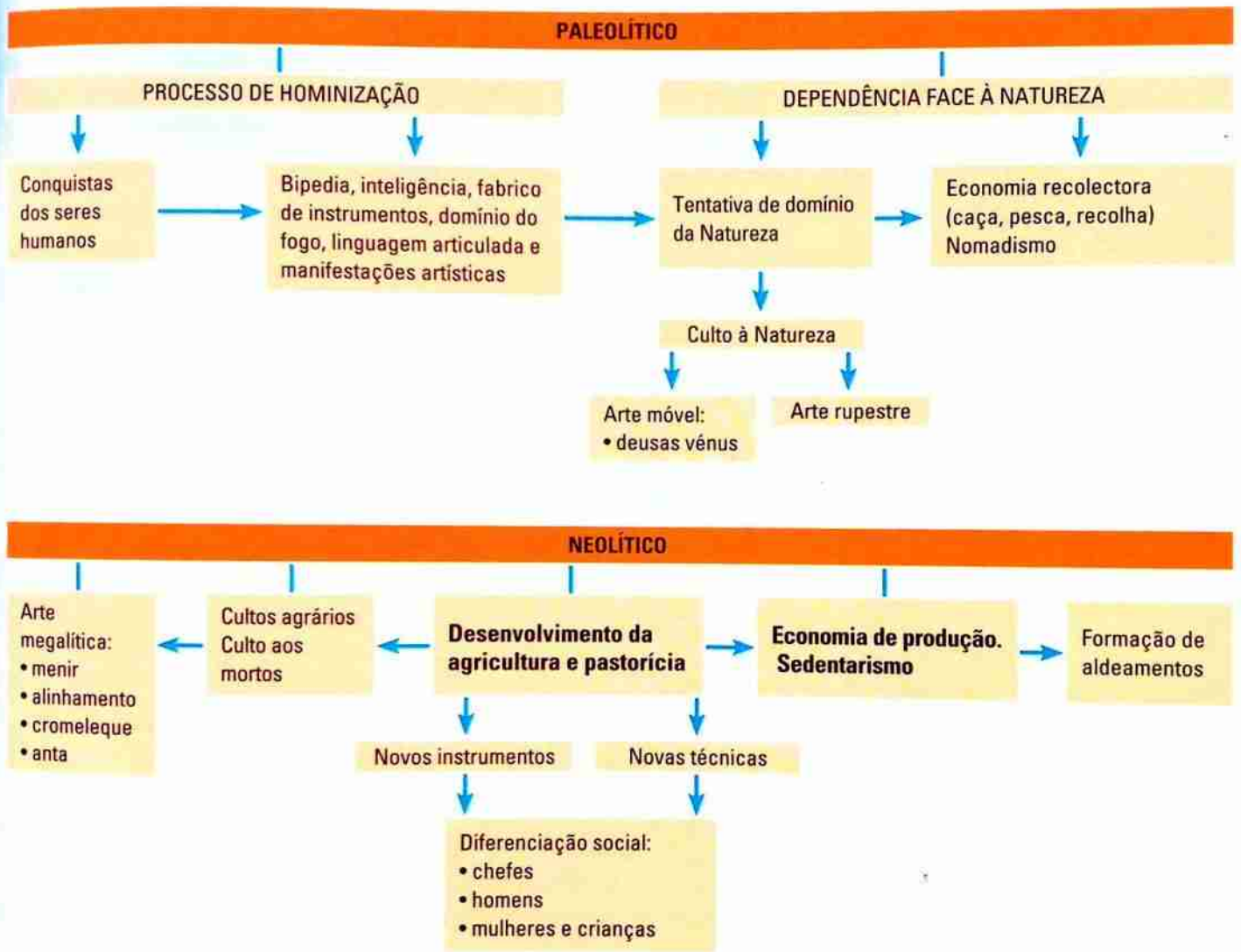
7. Faz a legenda das figuras.



8. Escreve um P ou um N por baixo das imagens, consoante estejam relacionadas com o Paleolítico ou com o Neolítico.

2

SINTETIZO OS MEUS CONHECIMENTOS

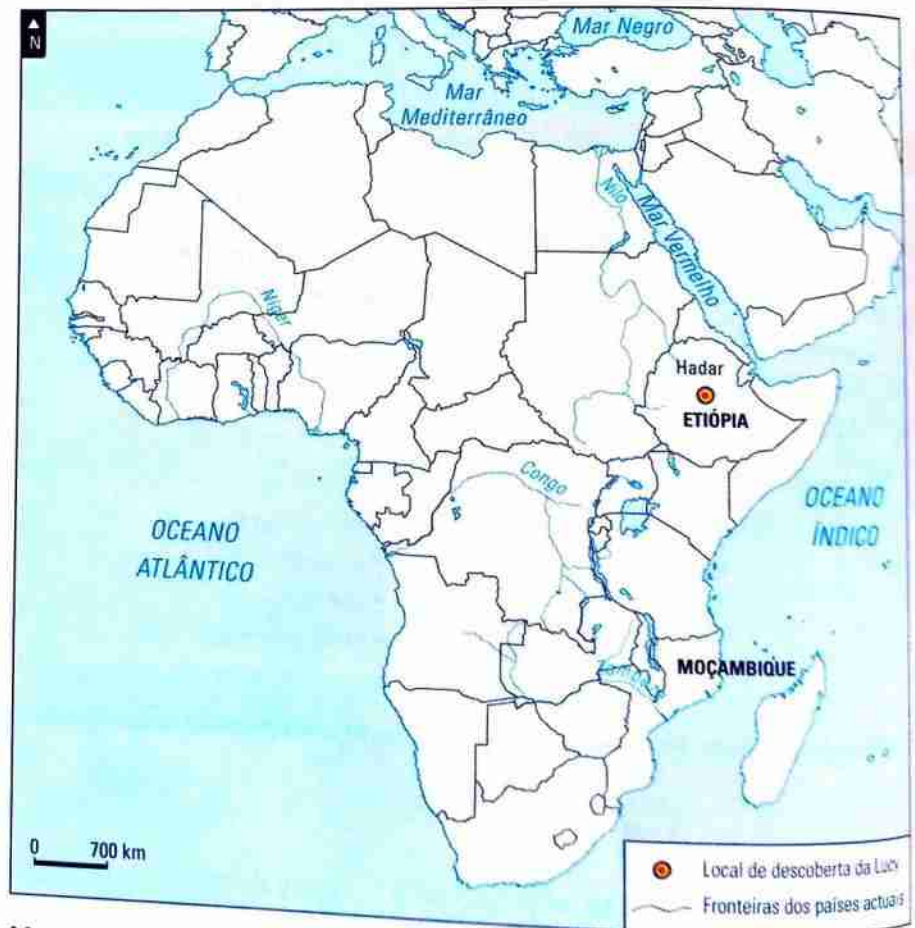


SOU CAPAZ!

Redige um texto em que uses os seguintes conceitos do mapa conceptual: hominização, arte rupestre, sedentarismo e aldeamentos.

LUCY, *Australopithecus*

Lucy foi o nome atribuído ao esqueleto do homínido encontrado em Hadar, no deserto de Afar, na Etiópia, em 1974. Durante escavações, uma equipa de arqueólogos encontrou o esqueleto mais completo (cerca de 40%) que se conhece até hoje de um *Australopithecus* (que significa macaco do Sul). Atribuíram-lhe o nome Lucy por se tratar de uma fêmea e porque, na altura da descoberta, os arqueólogos escutavam a música *Lucy in the sky with diamonds* da banda britânica *The Beatles*.

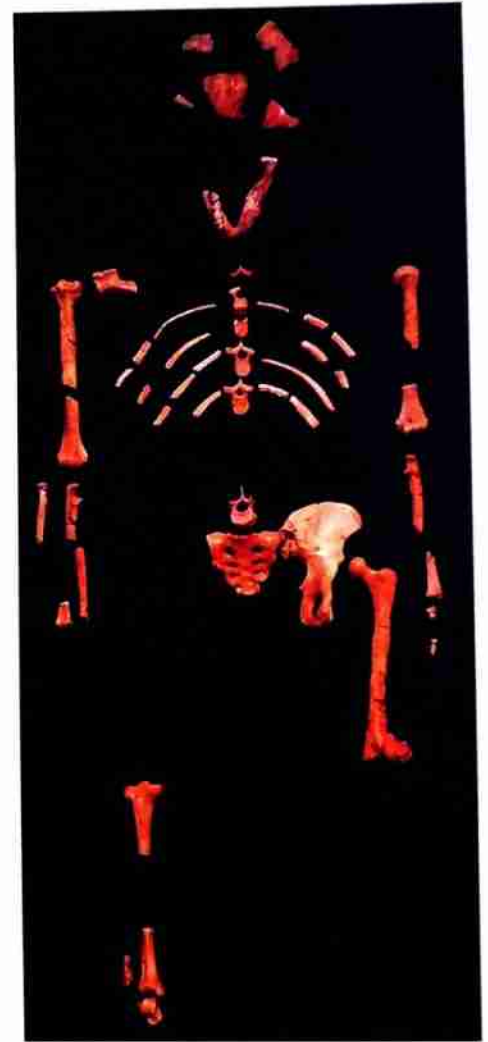


Mapa de localização do lugar onde foram descobertos os vestígios da Lucy.

Sabes quantos anos tem a Lucy? Cerca de 3 200 000 anos. Media pouco mais de um metro, pesava cerca de 29 quilogramas e parecia-se com um chimpanzé. No entanto, as suas pernas

desempenhavam funções idênticas às de um ser humano actual, ou seja, eram utilizadas na marcha. O bipedismo e a verticalidade eram características da Lucy e de todos os *Australopithecus*. Ainda não se descobriram as causas da sua morte, sabendo-se, porém, que era uma adulta jovem quando morreu.

O célebre esqueleto encontra-se no Museu Nacional da Etiópia, em Addis Abeba, tendo deixado, algumas vezes, a sua terra natal para ser estudado e exposto em museus estrangeiros. Entre Agosto de 2007 e Setembro de 2008, o esqueleto esteve exposto no Museu de História Natural de Houston, no âmbito de uma exposição itinerante nos EUA intitulada *O legado de Lucy: os tesouros escondidos da Etiópia*, aprovada pelo Governo etíope e organizada em colaboração com aquele museu. No entanto, esta exposição itinerante gerou alguma contestação por parte de cientistas e museus, que temiam a destruição do esqueleto devido à sua fragilidade. Por isso, em vários museus mundiais de História Natural são exibidas réplicas da Lucy, como forma de preservar o original.



Esqueleto da Lucy.

SOU CAPAZ!

1. Localiza no tempo e no espaço a descoberta da Lucy.
2. Preenche o documento de identificação da Lucy.

Bilhete de Identidade

Nome: Lucy

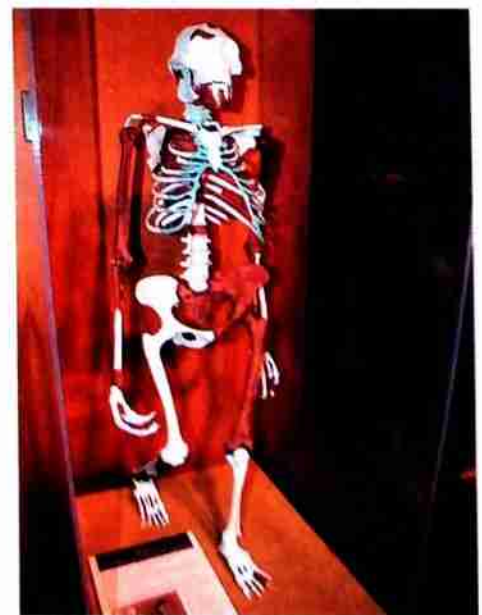
Altura: _____

Peso: _____

Idade actual: _____

Características físicas humanas: _____

3. Concordas com a realização de exposições itinerantes de objectos raros e frágeis? Justifica.



Uma réplica do esqueleto da Lucy.

2

VERIFICO O QUE APRENDI!

1. Completa o quadro.

Diferenças físicas	
Primata	Ser humano
• Coluna _____	• Coluna _____
•	•
•	•
•	•

2. Identifica as principais teorias que explicam a origem e evolução do Homem.

3. Define "hominização".

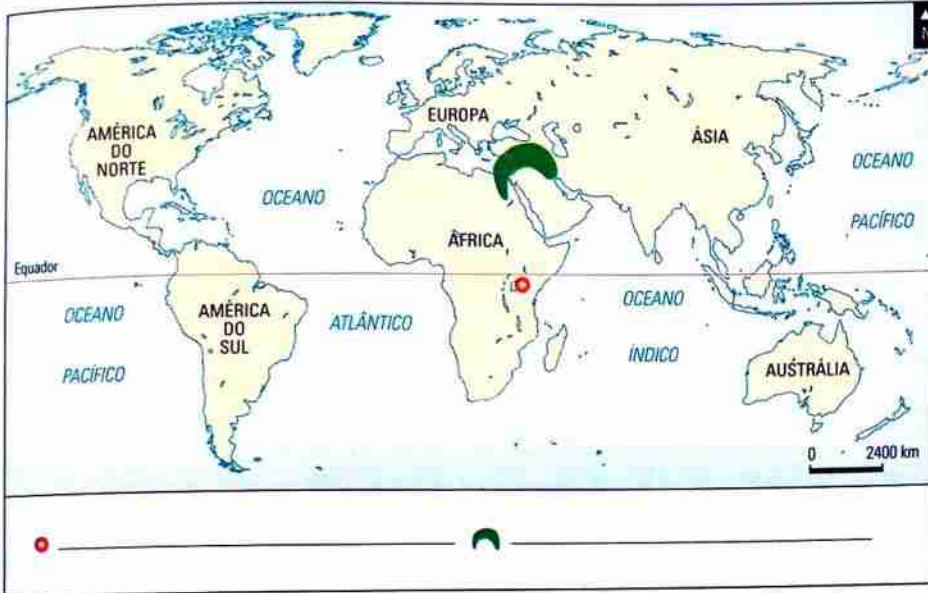
<i>Australopithecus</i>	
<i>Homo habilis</i>	
<i>Homo erectus</i>	
<i>Homo sapiens</i>	

4. Quais foram as principais conquistas de cada hominídeo?

5. Explica a importância do fogo na vida dos primeiros humanos.

6. Explica como se fez a transição das comunidades de caçadores e recolectores para as de agricultores e pastores.

7. Completa a legenda do mapa.



8. Explica o significado do termo “Crescente Fértil”.

9. Preenche o quadro sobre a evolução da vida económica, social e espiritual dos primeiros homens africanos.

Povos	Vida Económica	Vida Social	Vida Espiritual	Instrumentos
Khoisan				
Bantu				

10. Completa os espaços em branco do texto que se segue.

Nos aldeamentos neolíticos, havia uma nova _____, que consistia na divisão do trabalho por todos os habitantes, consoante as suas idades e o seu género. As mulheres dedicavam-se às actividades _____ e _____. Já os homens tinham de _____, _____, apascentar o gado e defender o aldeamento. Os mais _____ eram os chefes e administradores da comunidade.

3

A DIFERENCIAÇÃO SOCIAL E A FORMAÇÃO DE ESTADOS

Com a divisão social do trabalho, surgiram novas formas de organização social e até a diferenciação social, que está na base da constituição dos primeiros estados da História.

Alguns destes primeiros estados foram o Egipto e a Suméria, onde se desenvolveram as várias áreas da vida humana: a organização económica, política e social e as produções culturais e científicas.

Na Europa, no final do 1.º milénio a.n.e., floresceram duas importantes civilizações, onde se lançaram os fundamentos da actual civilização ocidental – Grécia e Roma. A prosperidade e elevado grau de desenvolvimento de ambas assentou, porém, num sistema de exploração esclavagista.



Il teatro romano era un luogo di incontro e di scambio culturale. Le rappresentazioni teatrali erano spesso accompagnate da giochi di abilità e da spettacoli di combattimento. Il teatro era anche un luogo di incontro per i politici e i funzionari pubblici, che si riunivano lì per discutere di affari di Stato e per prendere decisioni importanti.

Il teatro romano era un luogo di incontro e di scambio culturale. Le rappresentazioni teatrali erano spesso accompagnate da giochi di abilità e da spettacoli di combattimento. Il teatro era anche un luogo di incontro per i politici e i funzionari pubblici, che si riunivano lì per discutere di affari di Stato e per prendere decisioni importanti.

Il teatro romano era un luogo di incontro e di scambio culturale. Le rappresentazioni teatrali erano spesso accompagnate da giochi di abilità e da spettacoli di combattimento. Il teatro era anche un luogo di incontro per i politici e i funzionari pubblici, che si riunivano lì per discutere di affari di Stato e per prendere decisioni importanti.



3

3.1. O SURGIMENTO DA DIFERENCIAÇÃO SOCIAL NOS EXEMPLOS DO EGIPTO E MESOPOTÂMIA

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Diferenciação social ou estratificação social: Divisão dos elementos de uma comunidade em grupos, consoante a actividade "profissional" de cada um e o seu nível de riqueza.

A diferenciação social surgiu com o aparecimento das novas actividades económicas. A agricultura e a pastorícia exigiam uma maior divisão do trabalho, pois havia um conjunto de tarefas para cada membro da comunidade (semear, regar, colher, apascentar o gado, etc.). Esta divisão do trabalho e a cooperação de todos era fundamental para a sobrevivência e desenvolvimento da comunidade.

Relacionadas com a agricultura e a pastorícia, surgiram novas actividades, nomeadamente a cerâmica, a cestaria, a tecelagem e a moagem.



1. Triturador de cereais do período do Neolítico.



2. Mó de cereais semelhante às usadas no Neolítico (na foto, mulher do Magreb).



3. Tear em madeira semelhante aos do Neolítico (na foto, mulher do Irão).



4. Cestaria (actualidade).



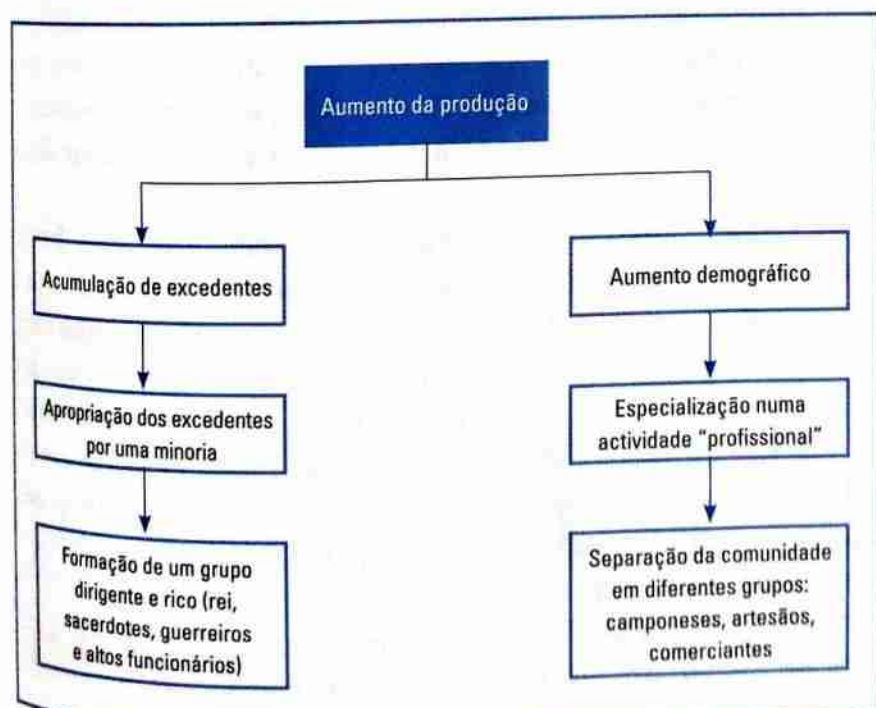
5. Moagem de cereais.

Estas novas actividades deram origem a novas profissões, em que cada elemento da comunidade desempenhava uma função. Começava, assim, a surgir a diferenciação social. A acumulação de excedentes de produção (produtos que sobravam do consumo) acentuou a diferenciação social nas primeiras comunidades, porque cabia aos chefes controlar e distribuir os excedentes pela população e iniciar as primeiras formas de comércio com outras comunidades através da troca directa (troca de produto por produto). Progressivamente, os chefes e as suas famílias apropriaram-se destes excedentes de produção, que eram propriedade colectiva, como se fossem senhores de pleno direito dessas riquezas. Nascia, deste modo, a desigualdade social (homens ricos e não ricos).

Foi neste contexto que emergiu a noção de grupo social, isto é, o aparecimento de grupos detentores de bens, com poderes e influência sobre outros e, por vezes, dotados de poderes mágicos e sobrenaturais. Por outro lado, havia os grupos menos importantes, porque não possuíam bens, embora os produzissem. Foi esta diferenciação social que levou à formação dos primeiros estados nas várias regiões do Mundo.

Os primeiros estados surgiram nos vários continentes:

- África (Nordeste de África e na África Central): Egipto, Méroe e Axum;
- Ásia: Mesopotâmia, China Antiga e Índia Antiga;
- América (Sul): Civilização Maia, Civilização Inca e Civilização Asteca;
- Europa: Grécia Antiga e Roma Antiga.



6. Surgimento da estratificação social ou diferenciação social.

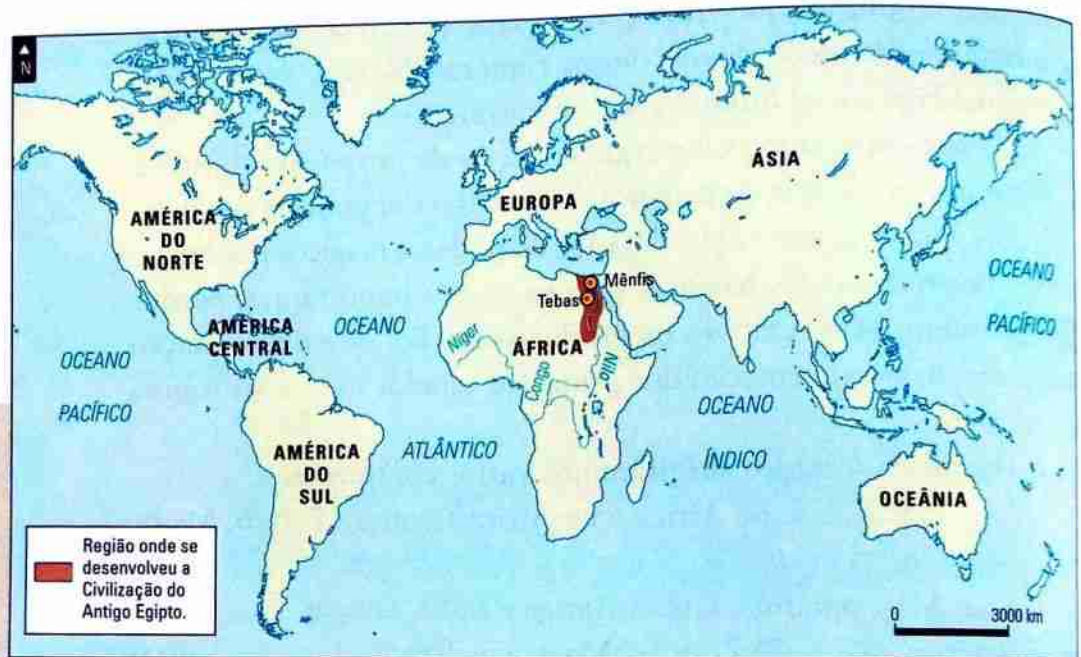
SOU CAPAZ!

1. Explica o aparecimento da estratificação social, com base no documento 6.
2. Enumera os primeiros estados do continente africano.

3.1.1. O Egito (revisão)

3.1.1.1. Localização geográfica

Como estudámos em classes anteriores, o Egito fez parte das primeiras civilizações da História da Humanidade, que se desenvolveram há cerca de 5000 anos a.n.e., numa região conhecida como Crescente Fértil. Aquelas civilizações fazem parte das chamadas Civilizações dos Grandes Rios.



EXPLORO O DOCUMENTO

1. Em que continente se localiza o Egito?
2. Que rio banha o Egito?
3. Em que mar desagua esse rio?

7. Localização do Antigo Egito no Mundo.

O Egito localiza-se no Nordeste de África, limitado ao norte pelo mar Mediterrâneo e rodeado pelos desertos da Líbia (a oeste) e da Arábia (a leste), que ocupam a maior parte do território. O Egito é banhado pelo grande rio Nilo, que desempenhou um papel importante no desenvolvimento social, económico, político e cultural do país. Este rio corre de sul para norte e desagua em delta no mar Mediterrâneo.

O Egito Antigo dividia-se em duas grandes regiões: o Baixo Egito e o Alto Egito. O Baixo Egito localizava-se no Norte e tinha capital na cidade de Mênfis. É uma região húmida com temperaturas agradáveis e boas condições para a fixação do ser humano e para o desenvolvimento das actividades económicas. O Alto Egito, cuja capital era a cidade de Tebas, localizava-se no Sul, numa região quente, com terras áridas, não muito propícias para a fixação das populações nem para o desenvolvimento das actividades económicas.

Num país onde predomina o deserto, diz-se que o rio Nilo é um dom do Egito. A única terra fértil são as margens do Nilo, alagadas pelas cheias periódicas. Entre os meses de Junho a Setembro, as cheias do Nilo fertilizavam as terras com um lodo rico e espesso.

Quando o rio regressava ao seu estado normal, as margens estavam prontas para serem cultivadas, possibilitando colheitas abundantes.

O rio Nilo servia também de via de comunicação para comerciantes e pescadores.

Por tudo isto, os egípcios consideravam o rio Nilo como um deus, prestando-lhe culto.

8. Pequenas esculturas representando pescadores egípcios.



9. Em louvor do rio Nilo.

CÂNTICO DO NILO

*“Salve, ó Nilo!
A ti que chegas em paz
Para dar vida ao Egito.
Tu matas a sede à terra
Em todos os lugares,
Deus dos grãos, senhor dos peixes,
Criador do trigo, produtor da cevada.”*

Cântico egípcio em honra do Nilo

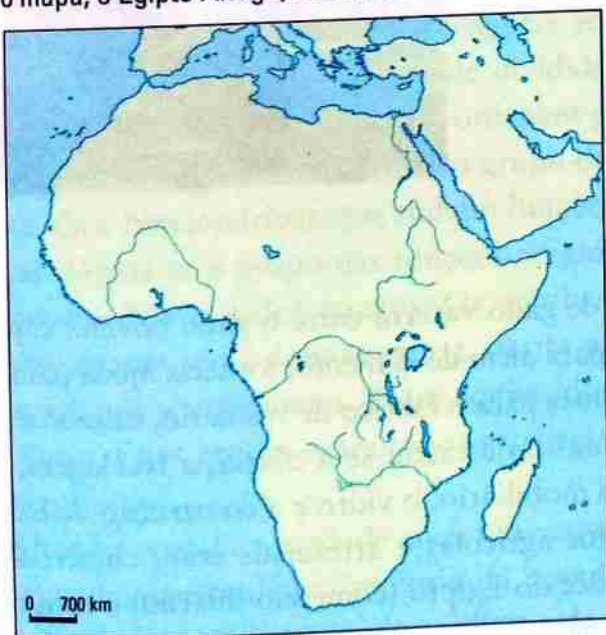
HINO AO NILO

*“Bendito sejas, Nilo que corres nesta terra,
cujas leis são ocultas e encharcas os campos
que Rá cria, para dar vida a todo o gado.
Senhor dos peixes,
Tu que trazes do sul bandos de aves,
Bendito sejas!”*

Cântico egípcio em honra do Nilo

SOU CAPAZ!

1. Assinala, no mapa, o Egito Antigo, o mar Mediterrâneo e o rio Nilo.



2. Explica a importância do rio Nilo no Egito Antigo.

VIVER A HISTÓRIA

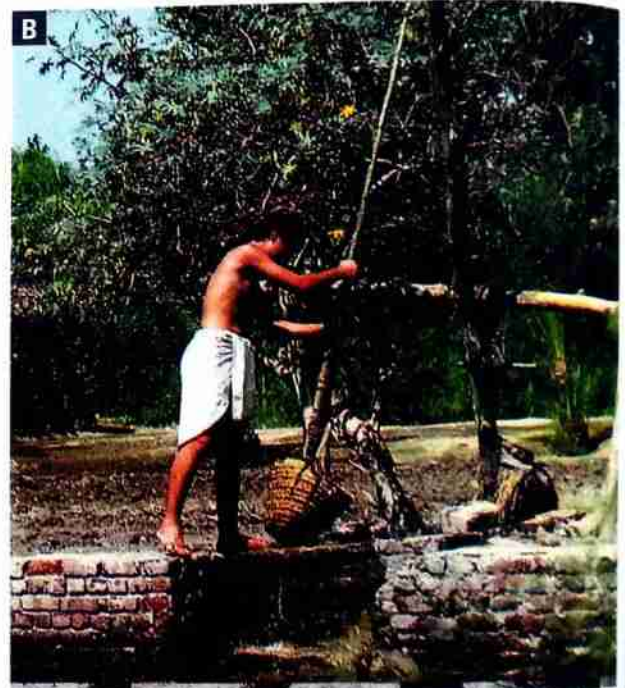
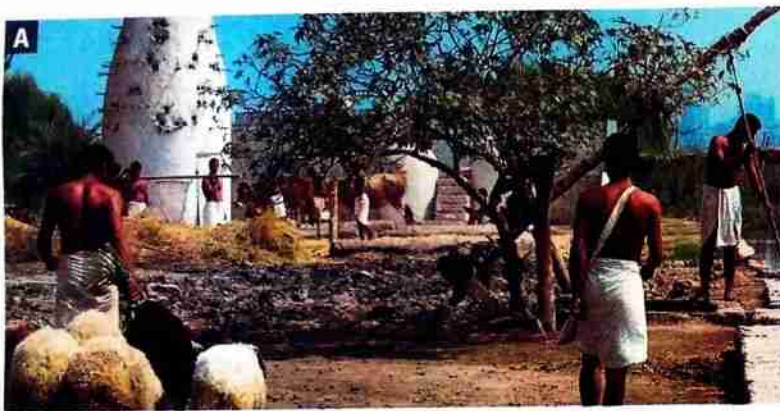
Constrói um poema em homenagem a um elemento natural importante da tua região.

3.1.1.2. Actividades económicas

O rio Nilo é fonte de água para irrigação, permitindo a prática da agricultura e da pastorícia, para além da pesca e do comércio.

A agricultura foi a actividade predominante. Cultivava-se o trigo, a cevada, o centeio, o milho miúdo, a vinha, frutos, legumes variados, papiro e linho. Com as inundações cresciam plantas aquáticas como o lótus, cujas raízes eram comestíveis. O papiro era utilizado para o fabrico de papel, tecidos, colchas e barcos.

Para controlar e regular as cheias do Nilo, os egípcios construíam canais e diques, e desenvolveram utensílios como a “cegonha” conhecida por *shaduff* (utilizada para puxar a água do poço). Desta forma, fazia-se chegar a água a zonas mais distantes, aumentando as áreas de cultivo e as zonas de pastagem.

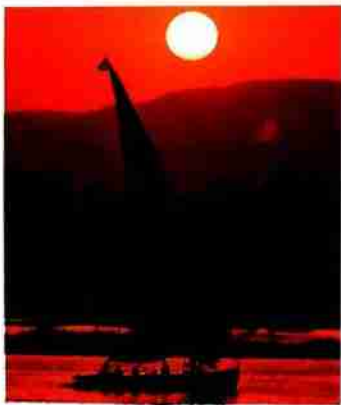


10. Reconstituições de cenas da agricultura e pastorícia no Antigo Egito:

A. Agricultores;
B. *Shaduff*.

SOU CAPAZ!

1. Enumera as actividades económicas praticadas no Egito Antigo.
2. Quais eram as principais culturas agrícolas do Egito Antigo?
3. Qual era o elemento natural indispensável a quase todas as actividades económicas? Justifica.



A criação de gado variava entre o gado bovino, caprino, ovino e cavalhar, que, para além de alimento, fornecia ajuda para a agricultura e matérias-primas para o fabrico de vestuário, calçado e outros bens.

No artesanato, destacou-se a olaria, a tecelagem, a cestaria, a ourivesaria, o mobiliário, o vidro e a construção de barcos.

Os produtos agrícolas e artesanais eram comercializados entre as várias regiões do Egito (comércio interno) e com os povos vizinhos da Fenícia e da Suméria (comércio externo), usando-se o rio Nilo como via de comunicação (navegável em quase toda a sua extensão).

As várias actividades económicas enriqueceram o Egito Antigo, tornando-o numa das mais importantes civilizações da Idade Antiga.

3.1.1.3. O surgimento da diferenciação social

As características geográficas do território e a utilização de técnicas agrícolas desenvolvidas permitiram o aumento da produção agrícola e dos aglomerados populacionais designados por *nomos*. Estes aglomerados eram normalmente dirigidos por sacerdotes.

O crescimento destas aldeias deu origem às primeiras cidades, que passaram a ser o centro das actividades económicas. Entretanto, os *nomos* mais fortes foram impondo o seu poder aos outros, daí resultando a formação de dois reinos: o reino do Alto Egipto, a sul, e o do Baixo Egipto, a norte.

Por volta do ano 3000 a.n.e. deu-se a unificação do Egipto pelo faraó Menés. A unificação do território esteve ligada à necessidade de uma autoridade forte que pudesse resolver o problema da distribuição das águas do Nilo pelas diversas regiões egípcias.

O faraó tinha um poder sagrado e um poder absoluto: chefe político, religioso (supremo sacerdote), militar (comandante do exército), judicial (juiz supremo) e dono de toda a riqueza. Era considerado um deus vivo na Terra, a quem os egípcios prestavam culto.

No Egipto Antigo, cada pessoa tinha direitos e ocupava um lugar específico na sociedade, de acordo com a sua riqueza.

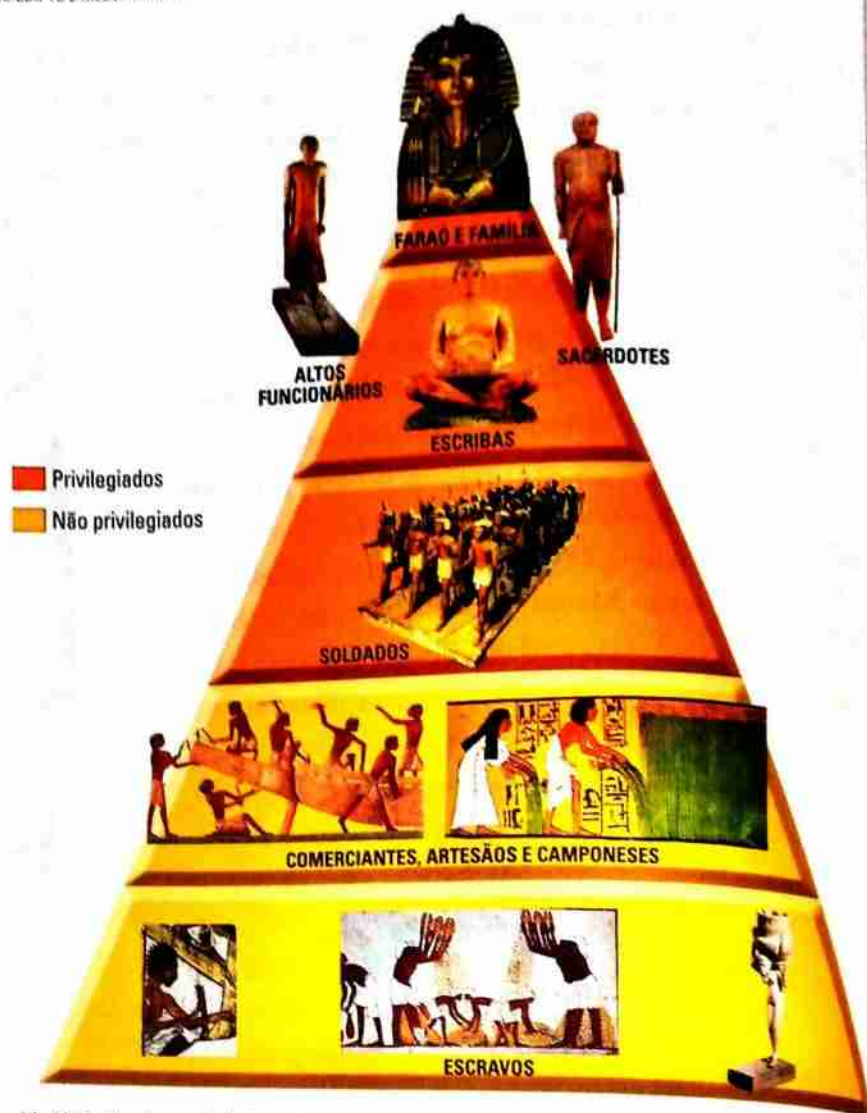
Como vimos, a divisão do trabalho, a acumulação de excedentes e a especialização em diferentes actividades levaram à diferenciação social. Por conseguinte, a sociedade egípcia era uma sociedade hierarquizada e estratificada (sociedade dividida em estratos ou grupos sociais), que se hierarquizam ou ordenam por ordem de importância social. No topo encontrava-se o grupo dos mais abastados (nobres e altos funcionários), que tinham funções administrativas e políticas. Seguia-se o grupo das funções religiosas, dos dirigentes do culto dos deuses e dos mortos. Os escribas constituíam outro grupo importante, pois dominavam a escrita para o registo das leis, textos religiosos e impostos. Eram conhecidos como olhos e ouvidos do faraó. Estes grupos eram todos privilegiados, ou seja, não pagavam impostos.

Nos estratos inferiores da sociedade encontravam-se os artesãos e os camponeses que constituíam a maioria da população. Trabalhavam nas terras e oficinas do faraó, dos nobres e dos sacerdotes e pagavam impostos, pois não eram privilegiados.

Por último, os escravos que constituíam a grande massa dos homens-objecto, geralmente eram prisioneiros de guerra e desempenhavam todo o tipo de trabalhos, desde a construção até ao trabalho nas minas.



11. Tampo da urna de Tutancamón onde são visíveis os símbolos do poder dos faraós.



12. Pirâmide da sociedade egípcia.

SOU CAPAZ!

1. Analisa o documento escrito.

1.1. Quais eram os poderes do faraó?

1.2. Por que razão alguns egípcios tinham de pagar impostos?

1.3. Quem pagava impostos?

2. Desenha a pirâmide da hierarquia da sociedade egípcia.

VIVER A HISTÓRIA

Imagina e escreve um diálogo entre um camponês e o faraó.

Os egípcios pagavam impostos ao seu rei o qual desempenhava importantes funções. Fazia as leis para que todos os egípcios vivessem em paz e, ajudado pelos seus nobres, zelava pelo seu bom cumprimento. Também dirigia o exército, protegendo o vale do Nilo e as tribos nómadas do deserto [...]. Em troca, o povo egípcio tinha de sustentar o rei, pagando-lhe, a ele e aos seus funcionários, parte do que cultivavam e fabricavam.

Trevor Cairns, *Los Inicios de la Civilización*, Akal

3.1.1.4. A religião e a cultura

A religião

As condições naturais do Egito e os recursos naturais dominantes determinaram as características da religião egípcia. Os egípcios acreditavam em vários deuses, eram politeístas. Os deuses estavam relacionados com a Natureza.



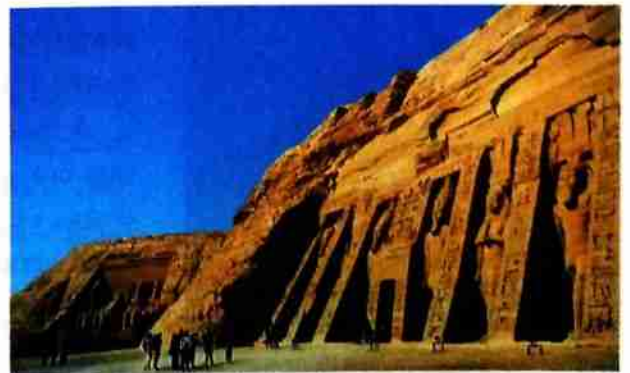
13. Alguns deuses egípcios.

Os sacerdotes eram os grandes organizadores do culto religioso, através de cerimónias e oferendas regulares, tendo a seu cargo a administração dos templos, ainda que o faraó fosse o sacerdote supremo.

Os egípcios acreditavam na imortalidade da alma e na reencarnação. Por isso, consideravam a vida terrena como uma passagem para o mundo do Além e deram grande importância ao culto dos mortos, através da mumificação dos seus corpos e da construção de gigantescos túmulos (pirâmides), nomeadamente para as grandes personalidades, como os faraós. Os membros da nobreza e os sacerdotes eram depositados em mastabas.

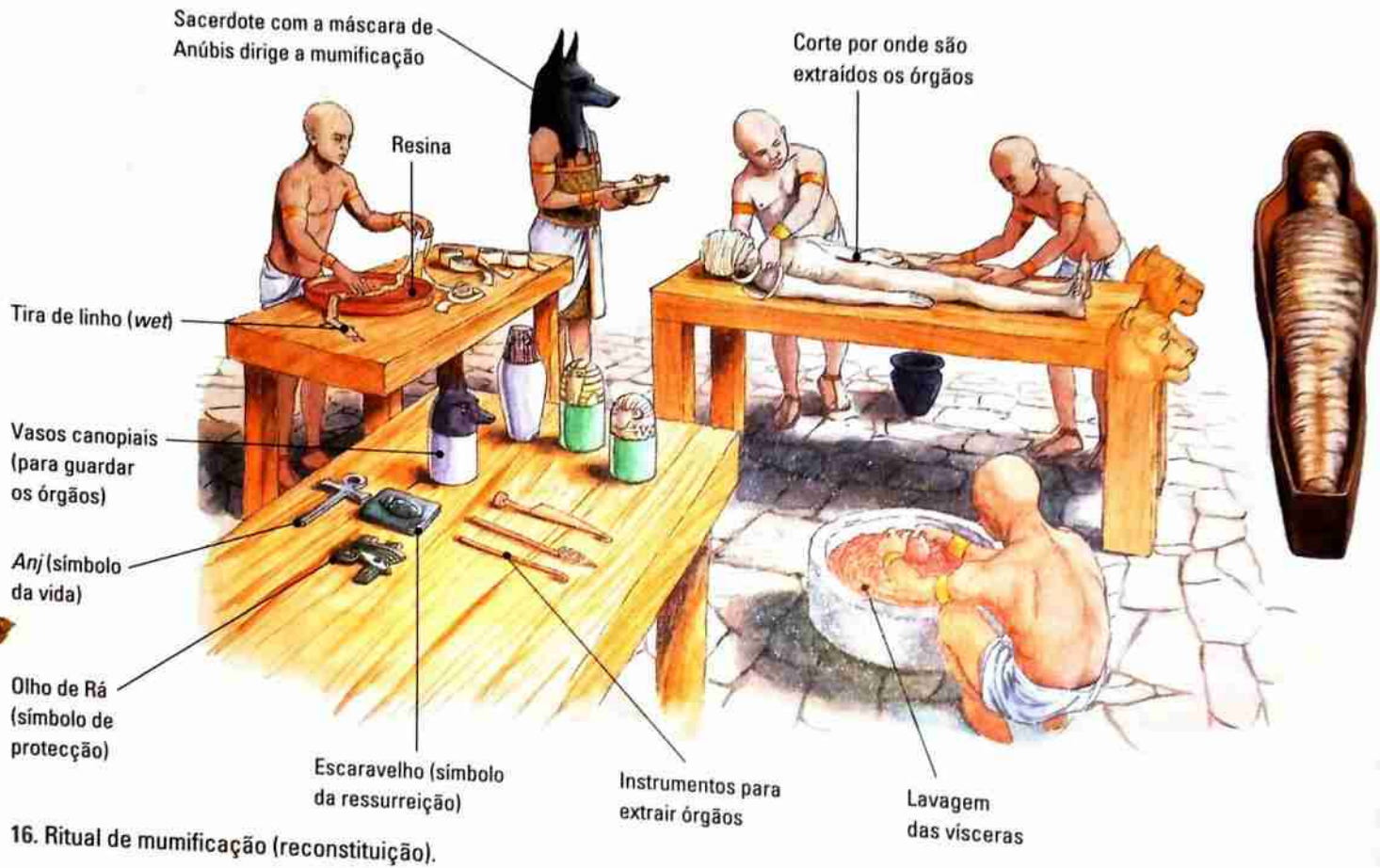


14. Pirâmides de Gizé.



15. Templo (Abu Simbel).

A mumificação era a técnica utilizada para a preservação dos corpos para a vida extraterrena. Os órgãos internos eram removidos e o corpo enchido com substâncias naturais conservantes e, por fim, envolto em faixas de tecido de linho. A múmia era colocada dentro de um sarcófago e fechada dentro de uma câmara secreta dentro da pirâmide, a *casa da eternidade*.



A cultura

A escrita

As necessidades da administração levaram os egípcios a inventar um sistema de escrita (hieroglífica) baseado em desenhos representativos de objectos, plantas, animais e figuras humanas. Esta escrita foi usada em inscrições de pedra, nos papiros e nas pinturas.

A escrita hieroglífica deu origem, mais tarde, à escrita hierática que era utilizada pelos sacerdotes para os textos sagrados. Além destas escritas, os egípcios também usaram a escrita demótica nos documentos mais correntes.

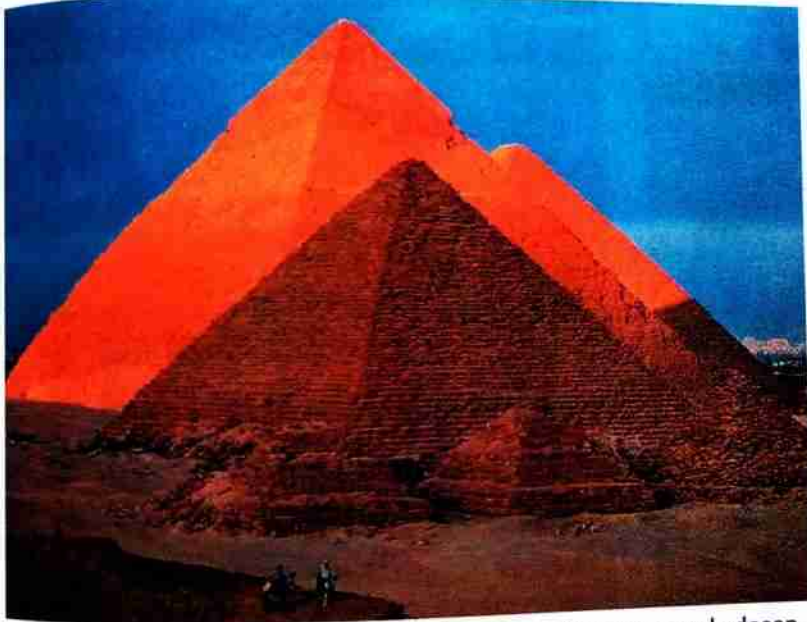
A ciência

Os Egípcios desenvolveram várias ciências, como, por exemplo, a Matemática (aritmética, geometria, as bases da adição e multiplicação, raiz quadrada, números fracionários, proporções e os volumes dos corpos). Estes conhecimentos eram aplicados na construção de pirâmides, templos, túmulos e outros monumentos. Também desenvolveram a astronomia, devido à sua forte relação e dependência da Natureza e dos astros. Os sacerdotes observavam os astros e conseguiam prever eclipses. Desta forma, criaram um calendário e dividiram o ano em 365 dias. A medicina foi uma das ciências que mais se desenvolveram graças à mumificação dos mortos, que possibilitava a realização de experiências e estudos com o corpo humano.

Os médicos egípcios conheciam muitas doenças e já faziam cirurgias. Nos seus tratamentos usavam plantas como o anis, açafão e cominhos e bicarbonato de sódio.

CURIOSIDADE

O ano egípcio iniciava-se com a inundação do Nilo, isto é, cerca dos nossos dias 19 a 21 de Junho.



18. Pirâmides de Gizé. A construção das pirâmides exigiu um grande desenvolvimento da Matemática, ao mesmo tempo que permitiu a sua aplicação prática. A pirâmide quadrangular é uma figura geométrica.

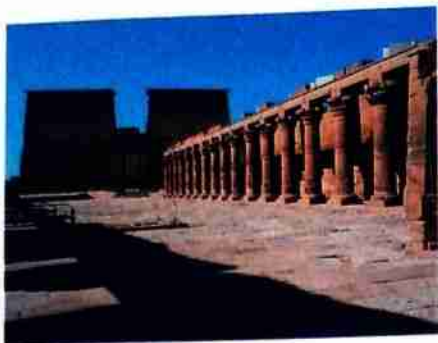


19. Pintura num templo egípcio que representa o céu e as constelações conhecidas dos egípcios.

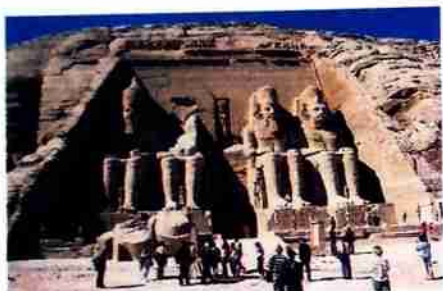
A arte

No Antigo Egito, as maiores obras de arte estão relacionadas com a religião e o culto dos deuses e dos mortos. Por conseguinte, os Egípcios construíram templos e túmulos, ornamentados com relevos, estátuas, hieróglifos e pinturas. Todavia, obeliscos e palácios também eram construções grandiosas.

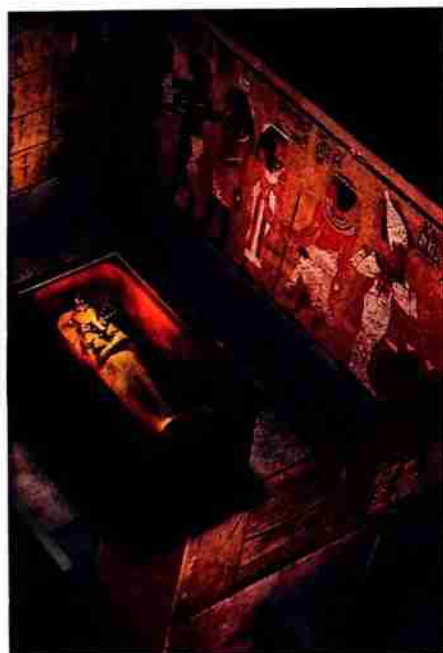
A arquitectura egípcia caracteriza-se pela monumentalidade (edifícios de grande dimensão) e pela durabilidade (as construções duram há vários milhares de anos).



20. Templo de Ísis, em Assuão.



21. Entrada do templo de Abu Simbel.



22. Pinturas no interior de um túmulo, com o sarcófago no centro da sala.

A pintura e a escultura eram usadas na decoração das fachadas e interiores de templos, pirâmides e palácios. As pinturas eram feitas sobre as paredes com a argamassa ainda fresca e representavam cenas religiosas, do cotidiano ou hieróglifos. Quanto à escultura, os egípcios faziam estátuas de grandes proporções e estatuetas pequenas, para além dos relevos. Os materiais usados eram a madeira, a pedra, o bronze e a terracota.

O grande desenvolvimento da escultura egípcia atingiu-se no fabrico de sarcófagos. Esculpia-se com fidelidade as figuras dos mortos, para que a alma reconhecesse rapidamente o corpo na outra vida.

Na pintura e na escultura, sempre que se representava a figura humana, respeitava-se a *lei da frontalidade*, isto é, as figuras estão representadas de frente (os ombros e o abdómen estão de frente), podendo, contudo, ter os membros inferiores e a cabeça de lado.

Os egípcios antigos desenvolveram também as artes decorativas: peças de ourivesaria, mobiliário, cerâmica, trabalhos de marfim e de pedra.



23. A lei da frontalidade na pintura.



24. Escultura egípcia em ouro representando alguns deuses.



25. Escultura de um casal egípcio.



26. Peça em madeira.

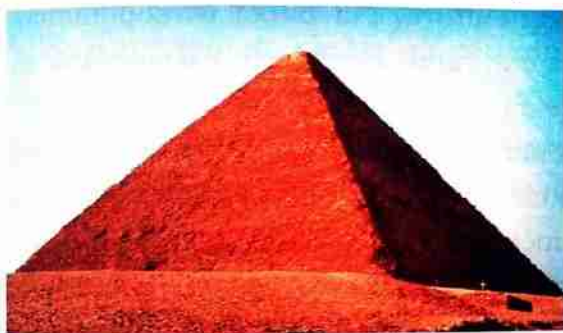
SOU CAPAZ!

1. Define politeísta.
2. Estabelece a correspondência correcta entre os nomes e as figuras.



- HÁTOR
- HÓRUS
- RÁ
- OSÍRIS
- ANÚBIS

3. Identifica o monumento representado na figura.



- 3.1. Explica a função deste tipo de monumento.
4. Explica por que razão os egípcios mumificavam os mortos.
5. Quais foram as principais ciências desenvolvidas pelos egípcios?
6. O que é a lei da frontalidade?
7. Que elementos decoram os edifícios do Egipto Antigo?
8. Lê o documento.

Se examinares um homem com uma ferida no peito, deves ligá-lo com carne fresca no primeiro dia, depois deves tratá-lo com azeite, mel e ervas até que ele se cure.

Papiro egípcio

- 8.1. Atribui um título ao documento escrito.
- 8.2. Assinala a área do saber desenvolvida pelos egípcios a que se refere o documento escrito.

Literatura

Arquitectura

Medicina

Pintura

3.1.2. Mesopotâmia

3.1.2.1. Localização geográfica

A região da Mesopotâmia foi o berço das primeiras cidades-estados, instituições políticas, administrativas e da primeira forma de escrita. Etimologicamente, “Mesopotâmia” significa terra entre rios e actualmente corresponde ao território do Iraque.

A Mesopotâmia localizava-se numa vasta planície de aluvião entre os rios Tigre e Eufrates, estendendo-se desde o planalto da Arménia até ao Golfo Pérsico. Os limites geográficos da Mesopotâmia eram o mar Mediterrâneo, a oeste, o Golfo Pérsico, a este, a Arábia, a sul, e as montanhas do Zagre, a norte.

A Mesopotâmia era uma terra bastante fértil e com óptimas condições para a fixação do ser humano e para o desenvolvimento das suas actividades económicas (agricultura e pastorícia), pois as cheias anuais dos rios fertilizavam o solo. Dividia-se em duas regiões: a Alta e a Baixa Mesopotâmia. A primeira região era constituída pela Assíria com planícies estreitas e, por isso, com fracas condições para a prática da agricultura. Na Baixa Mesopotâmia, formada pela Acádia, a terra era muito fértil, com vastas planícies que circundavam os rios Tigre e Eufrates.

Na região da Mesopotâmia desenvolveu-se a Civilização Suméria, entre 4000 a.n.e. e 2000 a.n.e., altura em que a região foi conquistada por outros povos. Os Sumérios, povo asiático de origem desconhecida, tinham um enorme espírito inventivo. Produziram instrumentos cada vez mais eficazes para o aumento da produção, domesticaram animais, trabalharam os metais e construíram mecanismos de regularização das cheias do Tigre e do Eufrates, tais como diques e canais.



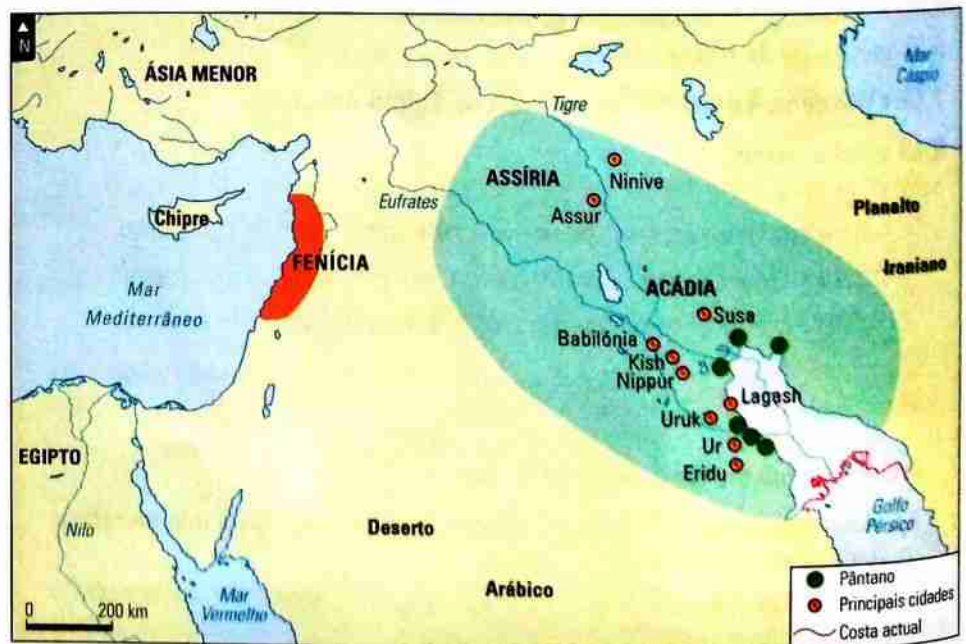
27. Roda de oleiro, uma invenção suméria.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Fenícios: Povo de comerciantes e marinheiros que se desenvolveu nas costas do Mediterrâneo Oriental.

ANOS a.n.e.	ACONTECIMENTOS E PROTAGONISTAS
3000	Cidades sumérias
2200	Sargão I
1800	1.º Império da Babilónia Código de Hamurábi
1650	Invasão dos cassitas
800	Império Assírio
600	2.º Império da Babilónia

28. Cronologia das civilizações suméria e mesopotâmica.



29. Mesopotâmia.

Tal como os rios de que acabámos de falar, os rios de Moçambique também possuem um grande valor económico, pois nas suas margens desenvolvem-se actividades agrícolas e pecuárias. Constroem-se barragens hidroagrícolas, diques e canais de irrigação nos rios que não têm capacidade para produzir energia eléctrica, como por exemplo os rios do Sul (Incomati, Limpopo, Umbeluzi, etc.), que correm nas zonas baixas de planícies.

Já no Centro e Norte, os rios correm nas zonas planálticas e montanhosas, como por exemplo o Zambeze, o Revure, entre outros. Neles são construídas barragens hidroeléctricas para o fornecimento de energia a várias actividades económicas e às populações.

Também se faz o aproveitamento dos rios para a pesca e para o abastecimento de água para consumo. Por todos estes factores, devemos utilizar a água dos rios de uma forma sustentável, para que, tal como nós, as futuras gerações possam deles tirar benefícios.

O uso indevido e a má conservação desses recursos podem provocar a sua contaminação e poluição, o que afecta as populações provocando doenças diarreicas, de pele, bilharzioses, etc.

Por outro lado, como os rios de Moçambique são de regime periódico e apresentam cheias no período chuvoso, as populações devem ser sensibilizadas para não construírem as suas casas e machambas nas zonas de cheia dos rios para evitarem os danos que elas provocam (destruição, doenças e até mortes).

3.1.2.2. Actividades económicas

A agricultura, a pastorícia (gado bovino, ovino, caprino e suíno), o artesanato (cerâmica, tecelagem, cestaria e metalurgia) e o comércio eram as principais actividades económicas dos sumérios.

Os artesãos sumérios trabalhavam nas oficinas dos templos e dos palácios. Peças de cerâmica, de joalharia e de vestuário de elevada qualidade eram fabricadas naqueles locais.

A elevada qualidade das peças de artesanato e a grande produtividade agrícola, promotora da acumulação de excedentes, favoreceram o desenvolvimento do comércio, quer ao nível regional (trocas comerciais com outras regiões asiáticas), quer ao nível internacional (comércio de longa distância, realizado com o Egipto e tendo os fenícios como intermediários). Nestes dois tipos de comércio trocavam-se objectos de vidro e cerâmica, cereais (trigo e cevada), frutos (tâmara), madeira, metais, tecidos e escravos. Os rios eram as grandes vias de comunicação.

O comércio permitiu o enriquecimento económico de algumas cidades-estados, que passaram a exercer o seu domínio sobre outras, menos abastadas e menos influentes. As principais cidades-estados da Suméria eram Ur, Uruk, Lagash, Nippur e Kish.

30. O comércio sumério.

*Que das terras da Turquia venha para ti o ouro!
Que da Etiópia te tragam as pedras preciosas, a madeira e os grandes barcos!*

Que o Egipto te traga o precioso cobre! [...]

Que a Fenícia te traga o ébano!

Que da terra do Elam cheguem a lã e os pesados tributos!

Que Ur, o trono da realeza, a cidade, te traga o grão, o óleo de sésamo, nobres e belas roupas e grandes barcos.

Poema sumério

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Cidade-estado: Cidade com um governo próprio e leis independentes de outras cidades do mesmo território.

CURIOSIDADE

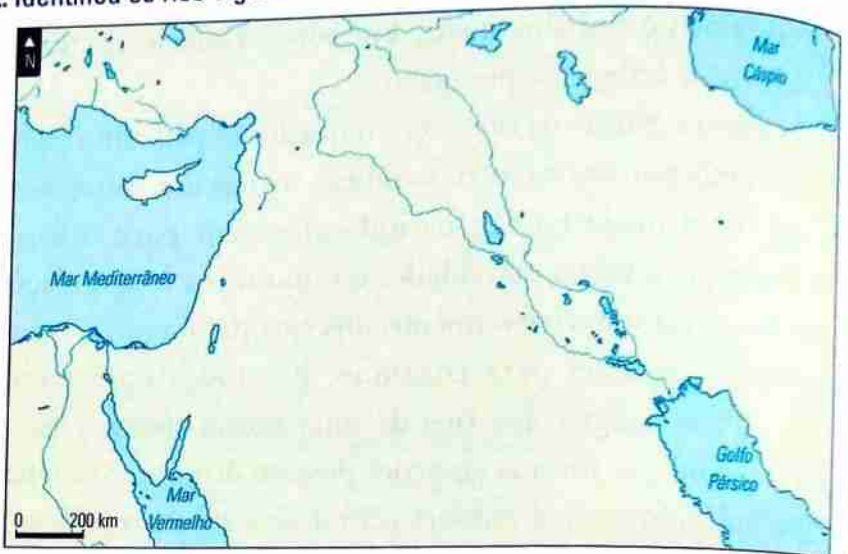
As actividades económicas desenvolviam-se nos templos. Só nos finais do 3.º milénio a. n. e. é que o palácio assumiu também funções económicas.



31. Escrita cuneiforme.

SOU CAPAZ!

1. Pinta, no mapa, a região da Mesopotâmia.
2. Identifica os rios Tigre e Eufrates.



3. Analisa o poema sumério.
 - 3.1. Identifica as actividades económicas referidas indirectamente no poema.
 - 3.2. Identifica os parceiros comerciais da Civilização Suméria.

3.1.2.3. O surgimento da diferenciação social

À semelhança do Egípto, a sociedade suméria era uma sociedade estratificada, em que o rei, com o seu poder sacralizado ou sagrado, ocupava o lugar cimeiro. Os sacerdotes, guerreiros, funcionários e escribas constituíam o grupo dominante ou dirigente.

Os sacerdotes constituíam um grupo privilegiado, com prestígio e importância, por vezes disputando-o com o próprio rei. Acumulavam muitas riquezas, através das oferendas do povo. Eram pessoas dotadas de profundos conhecimentos da Natureza, dos astros, das estações do ano, curavam doenças e achavam-se com poderes sobrenaturais.

Os escribas eram um grupo também muito importante porque dominavam a primeira forma de escrita que foi inventada: a escrita cuneiforme, em que os símbolos significavam ideias.

Para além do grupo dos dirigentes, existia o grupo dos produtores, constituído pelos mercadores, artesãos, camponeses e escravos. Os mercadores tinham um poder económico forte e ocupavam lugares de destaque nas cidades sumérias. Os camponeses tinham as suas próprias terras. Os escravos trabalhavam na agricultura, no artesanato e nos serviços domésticos. Todavia, não eram livres, eram propriedade dos seus senhores.

A importância de cada grupo social dependia da proximidade relativamente aos grupos dirigentes ou privilegiados.



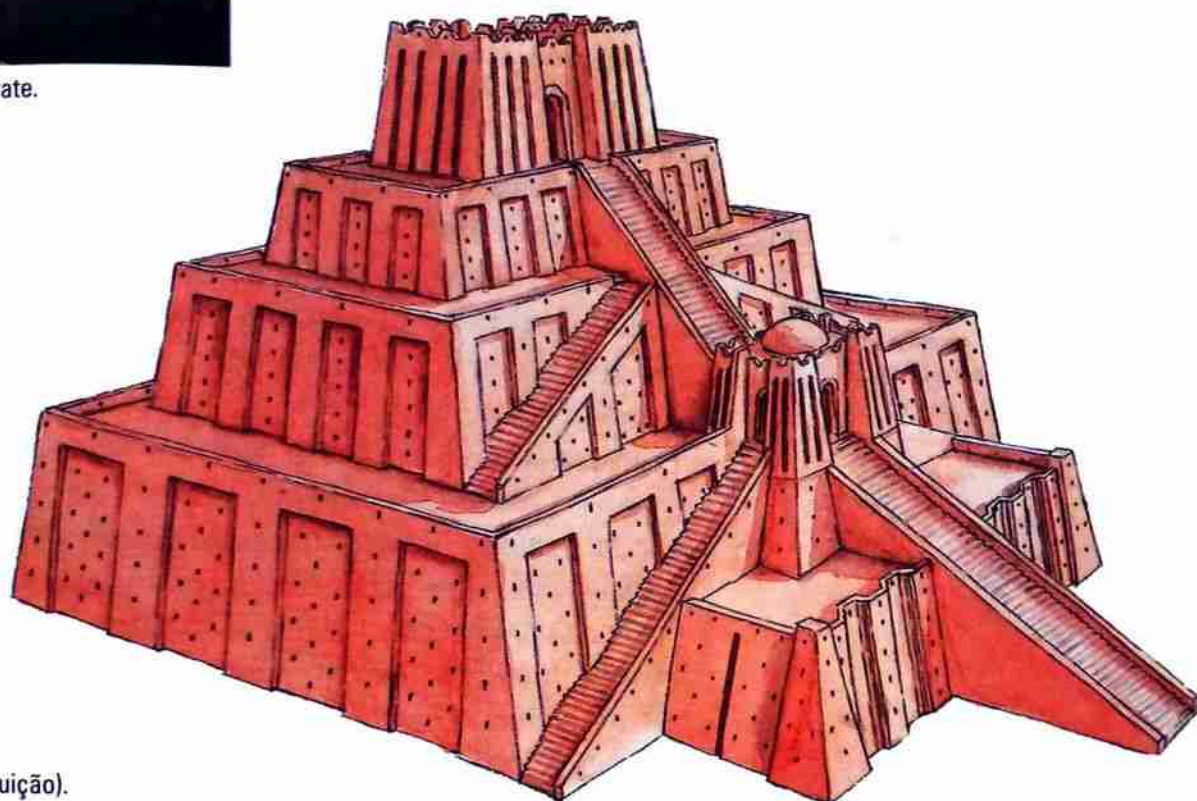
32. Suméria: uma sociedade estratificada.

3.1.2.4. A religião

Os Sumérios eram politeístas, adoravam várias divindades ligadas aos astros e às forças da Natureza. Os zigurates eram grandiosos edifícios, com torres de vários andares, para observação dos astros.



33. Ruínas de um zigurate.



34. Zigurate (reconstituição).

Os deuses tinham uma representação humana (antropomorfismo) e apenas se distinguiam dos homens pelo seu poder e imortalidade. Os principais deuses eram: Ar (deus do céu), Enil (deus do ar), Enki (deus da água) e Nin (deusa-mãe).

O culto dos deuses fazia-se com orações, festas e sacrifícios. Os Sumérios, por terem uma visão negativa da vida depois da morte e por não acreditarem na imortalidade da alma, davam pouca importância ao culto dos mortos.

Ao contrário dos Egípcios, os Sumérios acreditavam que o Além era um lugar triste. Por conseguinte, os defuntos eram sepultados em covas ou, no caso dos reis, em sepulturas de tijolos de argila.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Antropomorfismo: Ser inanimado com forma humana.

CURIOSIDADE

Crê-se que as torres dos zigurates serviam para escapar às cheias dos rios Tigre e Eufrates.

SOU CAPAZ!

1. Como estava organizada a sociedade suméria?
2. Quais eram os principais deuses sumérios?
3. Distingue a religião egípcia da religião suméria.

3.1.2.5. A Babilónia

As cidades-estados da Suméria entraram em conflito pela posse de terras, pastos e canais de irrigação. A Babilónia foi a primeira a formar um reino em 2300 a.n.e.

Tinha uma excelente localização geográfica: na região em que o rio Eufrates se aproximava do Tigre e no cruzamento dos caminhos comerciais que permitiam a comunicação com a Ásia Ocidental e com o Golfo Pérsico e a Índia. Os soberanos desta cidade adoptaram uma política expansionista, conquistando os estados e reinos vizinhos e alargando as fronteiras do Estado até ao mar.

Hamurábi foi um dos soberanos notáveis e o sexto rei da primeira dinastia babilónica, que, entre 1792-1750 a.n.e., unificou a Mesopotâmia e formou o Império Babilónico. Hamurábi era um hábil administrador, tendo elaborado um código de leis, conhecido por “O Código de Hamurábi”.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Despotismo: Regime político, em que o rei tem o poder absoluto (faz as leis, manda executá-las e aplica a justiça).

Constituição: Documento com os direitos e deveres dos cidadãos e com a organização política de um Estado democrático.

3.1.2.5.1. Os fundamentos do despotismo e o Código Hamurábi

O Código de Hamurábi foi criado cerca do século XVIII a.n.e., por Hamurábi, para regular as relações entre o Estado e a comunidade.

35. Código de Hamurábi.

Se num pleito um homem faz uma falsa declaração e as palavras que disse não provam, então, se o caso envolver a vida de alguém, esse homem será morto. E quem quer que receba os objectos também será morto. [...]

Se um homem roubar bens de um deus ou de uma casa de senhores, esse homem será morto. E quem quer que receba os objectos também será morto. [...]

HOMEM LIVRE E ESCRAVO

Se alguém favorecer a fuga de um escravo, homem ou mulher, do palácio ou da casa de um nobre, é digno de morte.

Se um homem se apoderar nos campos de um escravo ou de uma escrava em fuga e os trouxer ao seu senhor, este deve dar-lhe duas moedas de prata.

Se alguém partir os dentes a um homem livre, deve também ser-lhe partido os dentes.

Se alguém partir os dentes a um servo, pagará um terço de uma moeda de prata.

Código de Hamurábi (adaptado)

No Império Babilónico, os poderes políticos estavam concentrados nas mãos do rei, senhor absoluto dos seus súbditos. O rei era um chefe militar e um legislador.

Para manter a paz e a justiça no império, Hamurábi redigiu uma importante colecção de leis, que fixava as penas para os crimes, as obrigações dos funcionários, entre outras regras do Direito. Este código continha 282 artigos, gravados num bloco de pedra, substituindo deste modo os sacerdotes pelos juízes na administração da justiça. O Código de Hamurábi protegia os ricos em prejuízo dos pobres e fortalecia o poder do imperador.

36. Constituição da República de Moçambique (2004).

TÍTULO III

DIREITOS, DEVERES E LIBERDADES FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO I

Princípios Gerais

Artigo 35

Princípio da universalidade e igualdade

Todos os cidadãos são iguais perante a lei, gozam dos mesmos direitos e estão sujeitos aos mesmos deveres, independentemente da cor, raça, sexo, origem étnica, lugar de nascimento, religião, grau de instrução, posição social, estado civil dos pais, profissão ou opção política.

Artigo 36

Princípio da igualdade do género

O homem e a mulher são iguais perante a lei em todos os domínios da vida política, económica, social e cultural.

Artigo 45

Deveres para com a comunidade

Todo o cidadão tem o dever de:

- a) servir a comunidade nacional, pondo ao seu serviço as suas capacidades físicas e intelectuais;*
- b) trabalhar na medida das suas possibilidades e capacidades;*
- c) pagar as contribuições e impostos;*
- d) zelar, nas suas relações com a comunidade, pela preservação dos valores culturais, pelo espírito de tolerância, de diálogo e, de uma maneira geral, contribuir para a promoção e educação cívicas;*
- e) defender e promover a saúde pública;*
- f) defender e conservar o ambiente;*
- g) defender e conservar o bem público e comunitário.*

SOU CAPAZ!

1. Localiza no espaço e no tempo a formação do Império Babilónico.
2. Quem formou o Império Babilónico?
3. Por que se redigiu o Código de Hamurábi?
4. Atenta nas frases sublinhadas no Código de Hamurábi.
 - 4.1. Faz a correspondência correcta.
 - 1.ª frase • • Pena para o crime de roubo
 - 2.ª frase • • Pena para o crime de falsas declarações
 - 3.ª frase • • Pena para o crime de fuga de escravo
5. Consideras ser necessário haver regras que regulem a vida dos seres humanos numa comunidade? Justifica a tua resposta.
6. Que código de regras conheces (na tua escola, região ou mesmo no país)?
7. Costumas agir de acordo com essas regras? Porquê?
8. Na actualidade, para além das regras e das leis tradicionais, existe uma Constituição que regula a vida da sociedade moçambicana.
9. Depois de leres e analisares a actual Constituição da República de Moçambique (doc. 36), classifica as afirmações em verdadeiras (V) ou falsas (F).
 - Em Moçambique, há cidadãos privilegiados e cidadãos não privilegiados.*
 - As mulheres não têm os mesmos direitos e deveres que os homens.*
 - Um cidadão responsável é aquele que paga as suas contribuições e impostos.*
 - Todos os moçambicanos têm direitos e deveres para com a sua comunidade e o seu país.*
10. Corrige as afirmações falsas.

VIVER A HISTÓRIA

Debate a importância da Constituição da República de Moçambique para o desenvolvimento social e económico do país. [Trabalho de grupo orientado pelo professor, podendo debruçar-se sobre o documento integral ou outros artigos, conforme sugestão do programa oficial.]

VIVER A HISTÓRIA LOCAL

Já no tempo colonial e ainda actualmente, no período pós-independência, existem os régulos ou líderes comunitários que representam o poder local. Desenvolve um trabalho de pesquisa sobre o líder comunitário da tua comunidade.

- Identifica o líder comunitário da tua comunidade, mencionando a composição da sua árvore genealógica e traçando uma pequena história da sua família em que foques os seguintes aspectos: desde quando a sua linhagem ou família está no poder; como é que se fazia a sucessão; os conflitos que terão surgido entre os seus membros...
- Descreve que tipo de trabalhos o líder comunitário desenvolve nas comunidades, localidades ou bairros.
- Recolhe a opinião da comunidade sobre a actuação dos líderes comunitários desde o tempo colonial até hoje.

Para a realização deste trabalho, terás de conversar com o líder comunitário mas também com vários membros da tua comunidade.

O QUE JÁ
APRENDI...



Subunidade: 3.1. O surgimento da diferenciação social nos exemplos do Egíto e Mesopotâmia

1. Localiza no mapa o Egíto e a Mesopotâmia.
2. Caracteriza geograficamente o Egíto.
3. Quais eram as principais actividades económicas do Egíto?
4. Qual era a importância dos rios para o Egíto e para a Suméria?
5. Os Egípcios eram politeístas. Concordas? Justifica a tua resposta dando exemplos concretos.
6. Diz o nome do faraó que unificou o Egíto.
7. Como estava hierarquizada a sociedade egípcia?
8. Explica a diferenciação social com base no caso do Egíto Antigo e da Mesopotâmia.
9. Lê o documento escrito.

Aquele que fizer o que quer que seja contra este, que o crocodilo o ataque na água, que a serpente o ataque em terra.

Maldição gravada no interior de um túmulo

9.1. Qual é o assunto do documento? Assinala a opção correcta.

- Culto dos mortos
- Aumento das colheitas
- Culto dos deuses

9.2. Porque era importante a preservação dos mortos no Antigo Egíto?

10. Diz qual é o significado da palavra Mesopotâmia.
11. Como se chamava a primeira civilização a desenvolver-se na Mesopotâmia?
12. O que eram zigurates?
13. Escreve um pequeno texto, entre 8 e 10 linhas, sobre a importância da escrita na actualidade.
14. Em que consistia o Código de Hamurábi?
15. Redige ou reformula o código da escola. [Trabalho de pares ou de grupo.]



Ruínas de um zigurate.

3

3.2. O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE ESCLAVAGISTA NA EUROPA: GRÉCIA E ROMA

3.2.1. Localização geográfica e povoamento da Grécia

Foi na Grécia que se desenvolveu uma das mais importantes e ricas civilizações da Europa e do Mundo.

A Grécia localiza-se na Península Balcânica, no Sudeste do continente europeu. A sul é banhada pelo Mediterrâneo Oriental, a este pelo mar Egeu e a oeste pelo mar Jónico.

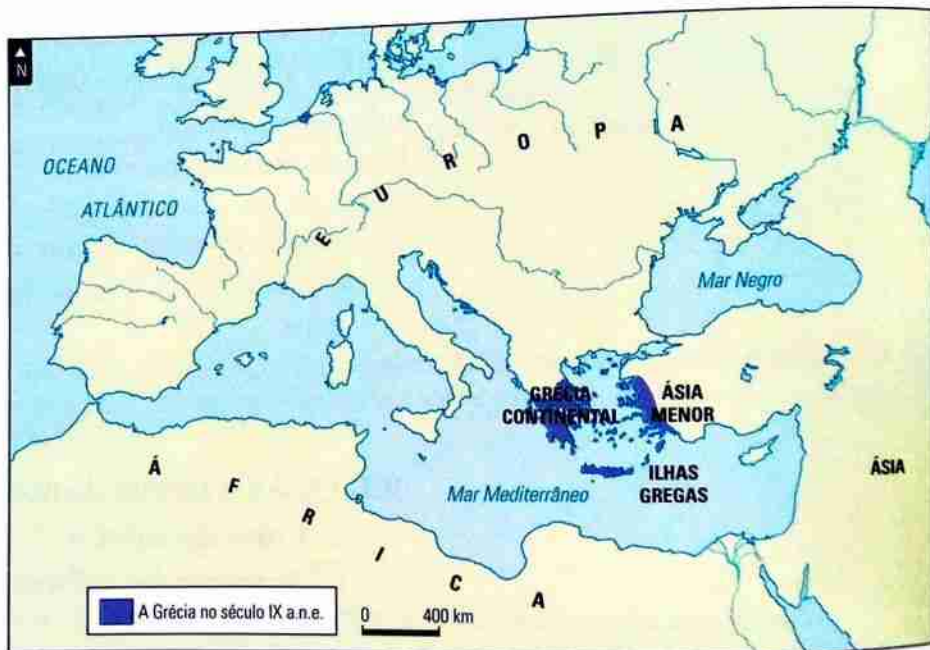
A Civilização Grega desenvolveu-se a partir do século VIII a.n.e., na Grécia continental, nas costas da Ásia Menor (actual Turquia) e do mar Negro, e em várias ilhas do mar Egeu e do mar Mediterrâneo.



37. Paisagem grega.



39. Cena de pastorícia num relevo grego.



38. Localização relativa da Grécia.

A Grécia Antiga situava-se num território com poucos recursos, rodeado por áridas cadeias montanhosas, que dificultavam a comunicação entre as populações. Por conseguinte, as povoações desenvolveram-se isoladamente e deram origem a diferentes cidades-estados. Com terras pouco férteis, apenas o litoral era propício ao desenvolvimento agrícola, à criação de gado e à extracção de minérios e minerais, tais como o ouro, a prata, o cobre, o mármore e o granito. Por outro lado, a costa era muito recortada, com bons portos naturais.

Até ao 2.º milénio a.n.e. a Grécia era habitada por povos mediterrânicos (Pelasgos), contudo o povoamento foi-se processando com sucessivas invasões de povos indo-europeus vindos das estepes da Rússia e das planícies do Danúbio, como os Aqueus, os Eólios e os Jónios.

Estes povos dedicavam-se à agricultura, pecuária, artesanato e comércio.

Por volta de 1100 a.n.e., uma nova vaga de invasores, os Dórios, chega à Grécia. Foi este povo que deu início à Civilização Grega ou Helénica (os Gregos chamavam Hélade à Grécia). Durante as invasões, os Aqueus deslocaram-se para a Ásia, os Eólios e os Jónios refugiaram-se nas ilhas do mar Egeu e na Ásia Menor, para onde foram também os Dórios mais tarde.

As diferentes povoações gregas, ao longo do século VIII a.n.e., organizaram-se em cidades-estados ou *polis* (em grego). A formação destas cidades-estados deveu-se aos condicionalismos geográficos da Grécia (solo montanhoso, com vales favoráveis ao isolamento das populações) e às rivalidades existentes entre as várias tribos.

A necessidade de defesa das povoações levou à criação de fortificações e à construção dos edifícios mais importantes, como os templos e os palácios, na parte mais elevada das cidades-estados (a acrópole). À volta da acrópole, foram surgindo espaços de habitação, de produção de artesanato, de comércio e a praça pública (ágora).



40. As cidades-estados da Grécia Antiga.



41. Polis (reconstituição).

Todavia, a necessidade de terras férteis para a agricultura, de matérias-primas para o artesanato e de novos mercados onde comprar e vender produtos lançou os Gregos num processo de expansão e colonização de novos territórios.

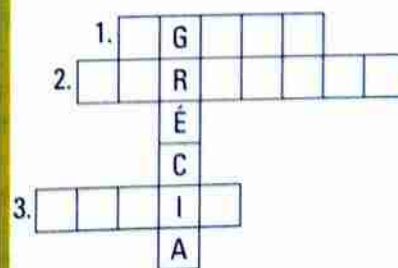
SOU CAPAZ!

1. Assinala, na sopa de letras, os povos que habitaram a Grécia.

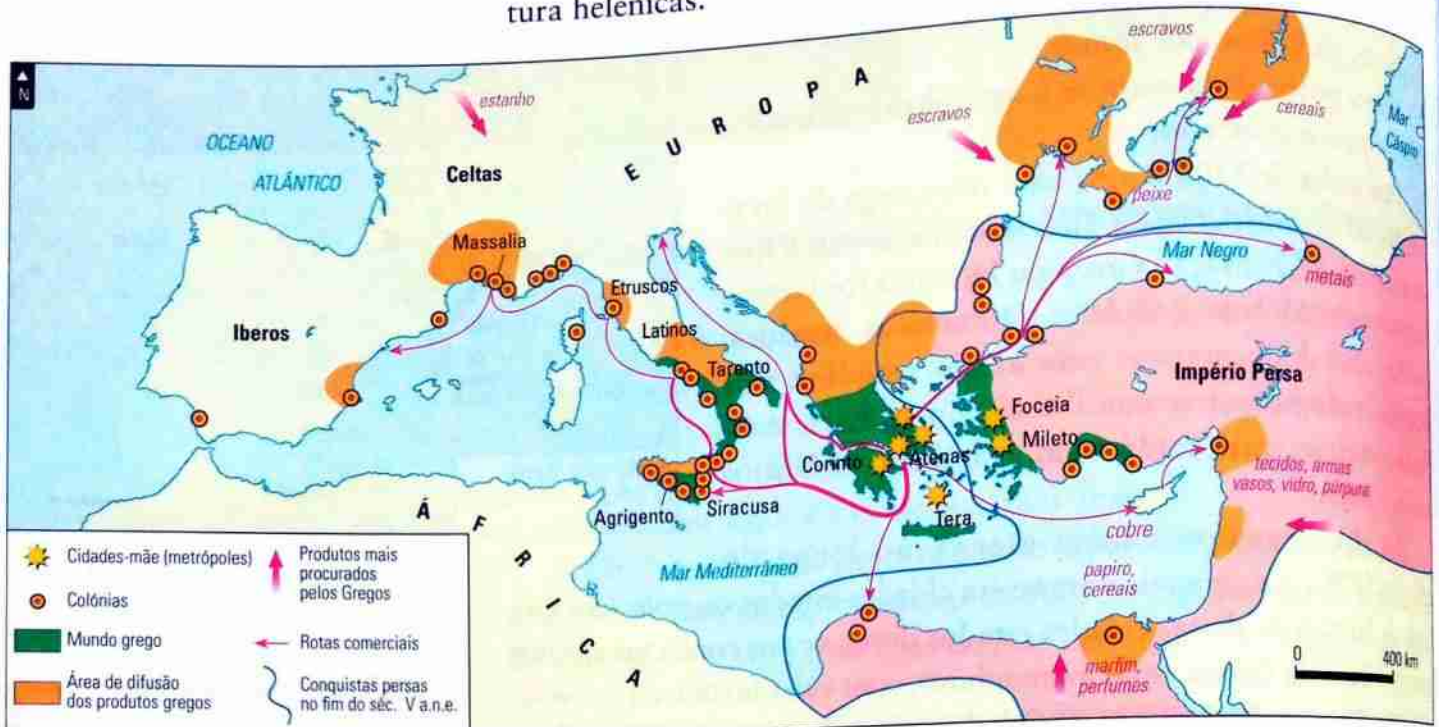
Q	S	R	T	A	E	I	L	T
O	E	F	G	V	D	N	H	A
I	O	M	A	Q	U	E	U	S
P	L	Z	F	J	L	J	U	O
A	I	E	L	M	I	O	H	V
B	O	F	T	N	P	N	D	A
T	S	I	O	I	S	I	F	M
Q	R	E	M	F	L	O	T	V
A	D	O	R	I	O	S	U	C

2. Resolve o crucigrama.

- Parte mais elevada da cidade-estado.
- Praça pública.
- O mesmo que cidades-estados.



As colónias gregas organizavam-se da mesma forma que a metrópole e, entre esta e as suas colónias, estabeleciam-se relações comerciais e culturais indispensáveis à expansão da arte e da cultura helénicas.



EXPLORO O DOCUMENTO

1. Analisa o mapa.
2. Em que regiões os Gregos fundaram colónias?
3. Qual foi a via de comunicação usada para chegar a novos territórios?

42. Expansão territorial e comercial da Grécia Antiga no século IV a.n.e.

3.2.2. A evolução política da Grécia (monarquia, oligarquia, tirania e democracia)

Em termos políticos, a Grécia passou por um processo de evolução, na medida em que se foram sucedendo vários regimes políticos, desde a monarquia até à democracia, que conheceu em Atenas o seu exemplo mais aperfeiçoado. Embora a evolução política de Atenas, que levou ao estabelecimento da democracia, tivesse ocorrido em muitas cidades-estados, cada polis tinha o seu próprio regime político.

Inicialmente, a polis de Atenas foi governada por um regime monárquico, cuja aristocracia detinha grandes propriedades, enquanto a maioria da população não tinha direitos políticos. O crescente aumento das riquezas dos aristocratas, graças ao comércio e ao confisco de terras como pagamento de dívidas, fez surgir um grupo de famílias ricas e poderosas que, por volta de meados do século VII a.n.e., implantou em Atenas uma oligarquia, regime político em que o poder pertence a um pequeno número de famílias ricas e poderosas.

Contudo, o desenvolvimento comercial ateniense também dera origem a uma classe média de comerciantes, que estavam impedidos de participar na governação da cidade, ao mesmo tempo que a situação dos camponeses e artesãos de Atenas se tornava mais difícil por causa da concorrência dos produtos das colónias.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Monarquia: Forma de governo em que o poder é exercido por um monarca ou rei.

Tirania: Forma de governo em que o poder foi usurpado e é exercido de modo autoritário.

Oligarquia: Forma de governo em que o poder está concentrado nas mãos de um grupo de pessoas ou famílias ricas.

Democracia: Regime político, em que o poder pertence ao povo/cidadãos. Os cidadãos exercem o seu poder através do voto nas eleições, podendo eleger e ser eleitos.

Foi no contexto destas tensões sociais dos finais do século VII a.n.e. que surgiram as **reformas** dos magistrados Drácon e Sólon, visando atenuar os conflitos entre classes. As reformas de Drácon, apesar de terem sido severas, não conseguiram evitar o agravamento das lutas sociais. As posteriores reformas de Sólon também não conseguiram evitar contendas políticas e sociais, na medida em que, por um lado, ameaçavam os privilégios da aristocracia e, por outro, eram insuficientes para os desejos da classe média e da maioria dos pequenos proprietários e artífices.

Outro reformista foi Pisístrato, que em 560 a.n.e., apoiado pelas massas populares, instaurou um novo regime: a **tiranía**. A tirania é um regime político em que o poder é usurpado pela força e exercido por um só homem (o tirano), sem atender ou respeitar as instituições tradicionais.

Durante a tirania de Pisístrato foram tomadas as seguintes medidas:

- confisco das terras dos nobres e sua distribuição pelos camponeses;
- diminuição dos privilégios da aristocracia;
- fomento mercantil, cultural e urbanístico de Atenas.

ANOS (a.n.e.)	683	560	508	461
PROTAGONISTAS	Drácon	Pisístrato	Clístenes	Péricles
	Sólon			
EVOLUÇÃO	MONARQUIA	OLIGARQUIA	TIRANIA	DEMOCRACIA

44. Cronologia da evolução política de Atenas.

Com a morte de Pisístrato subiu ao poder Clístenes (508 a.n.e.), que continuou as reformas:

- dividiu Atenas em 100 **demos** (circunscrições administrativas e eleitorais) agrupados em dez tribos, de forma que cada tribo tivesse os seus eleitores, independentes da riqueza;
- decretou a igualdade de direitos políticos para todos os cidadãos;
- estabeleceu o ostracismo, isto é, a condenação ao exílio de Atenas.

As reformas de Clístenes foram introduzindo algumas medidas próximas do sistema democrático, que viria a entrar em pleno funcionamento com o último reformador: Péricles.

Péricles governou de 466 a 429 a.n.e. e consolidou a democracia, defendendo os direitos dos cidadãos, empreendendo grandes obras públicas e criando novos postos de trabalho para os mais desfavorecidos. Criou uma remuneração para o exercício de funções ou cargos públicos para que todos os pudessem exercer.

- *Libertação dos camponeses que tinham sido escravizados por dívidas, devolvendo-lhes as terras.*

- *Imposição de limites máximos às propriedades agrárias.*

- *Fomento do comércio e das actividades artesanais, dando oportunidade aos atenienses de enriquecerem.*

- *Estabelecimento das bases da futura constituição democrática, segundo a qual todos os cidadãos participavam na vida política, embora só os mais ricos pudessem exercer os mais altos cargos.*

45. Péricles.



[Péricles] mostrava uma extraordinária integridade. Tinha a multidão sempre

na mão: em vez de se deixar guiar por ela, era ele que a dirigia. Sob o nome de democracia, era de facto o primeiro cidadão que governava.

P. Milza, *Le Siècle de Péricles*

EXPLORO O DOCUMENTO

1. Identifica o reformador que o documento escrito refere.
2. Caracteriza por palavras tuas a personalidade do reformador.

3.2.3. As características da democracia ateniense

Atenas, no século V a.n.e., era uma cidade-estado democrática, ao contrário de outras *polis* com diferentes sistemas políticos. Etimologicamente, “democracia” significa poder do povo (*demos* – povo + *cratos* – poder). A democracia ateniense caracterizou-se pela participação de todos os cidadãos nos vários órgãos políticos (eclésia, bulé, magistrados e tribunais). Cada uma destas instituições tinha a seu cargo o exercício dos vários poderes políticos, que deixaram de estar concentrados num só governante ou grupo de famílias.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Eclésia: Assembleia do povo, onde se reuniam os cidadãos para votar a aprovação ou reprovação das leis (poder legislativo).

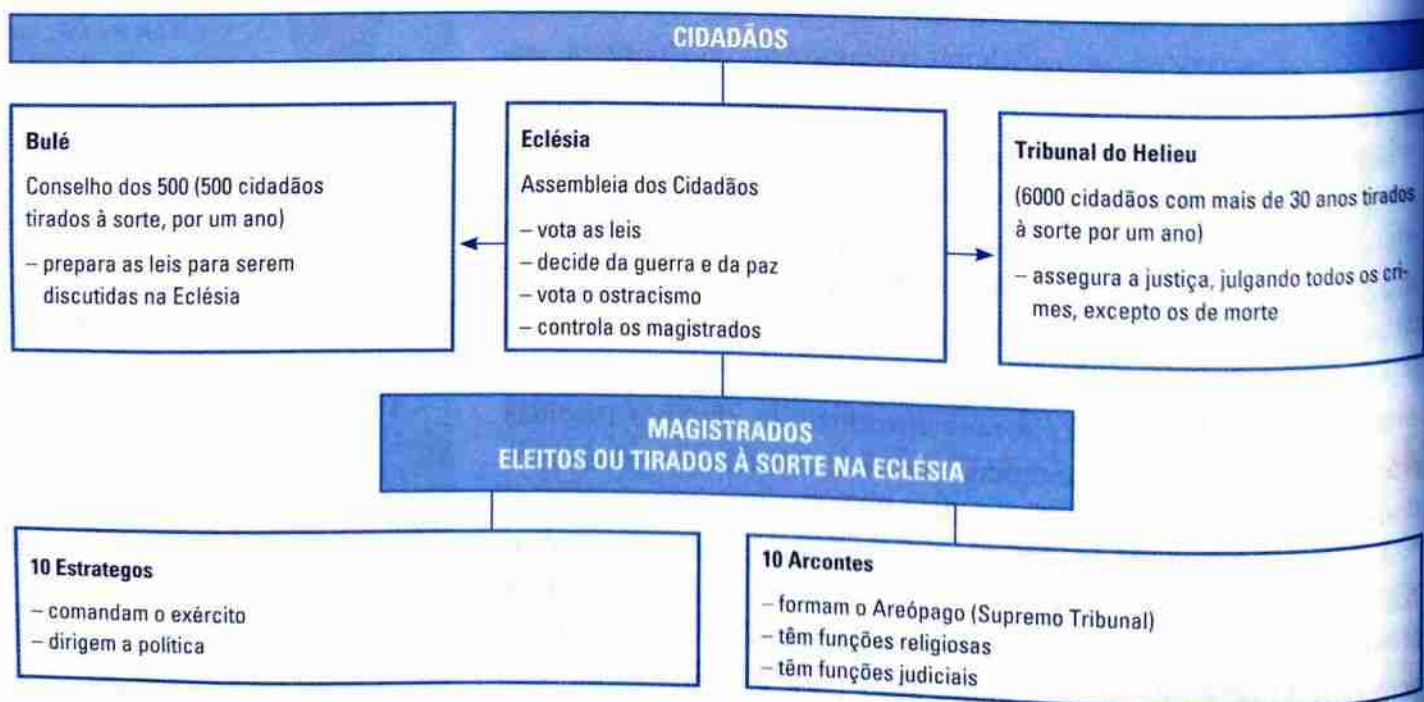
Bulé: Conselho onde se elaboravam as leis a serem discutidas na eclésia (poder legislativo).

Magistrados: Grupo que exercia o poder executivo, ao assegurar o cumprimento das leis aprovadas na eclésia.

Tribunais: Os juízes julgavam o incumprimento das leis; tinham o poder judicial.



46. Colina da Pnyx na *polis* de Atenas. No cimo destes degraus, os cidadãos discursavam e apresentavam as leis para votação.



A democracia ateniense era uma democracia directa, ou seja, todos os cidadãos podiam participar nos trabalhos da eclésia, ao contrário das democracias actuais, que são democracias indirectas, pois os cidadãos (eleitores) delegam o seu poder, através do voto em eleições, em representantes (os eleitos).

O exercício da democracia directa era possível porque o número de cidadãos não era excessivamente grande. Nem todos os habitantes de Atenas eram cidadãos atenienses; cidadão era todo o ateniense do sexo masculino, filho de pais atenienses, maior de 18 anos e com o serviço militar cumprido. As mulheres, os estrangeiros e os escravos não eram cidadãos e, por isso, não tinham direitos nem deveres políticos.

Os escravos eram uma grande parte da população de Atenas, o que faz da sociedade ateniense uma sociedade esclavagista. Os escravos eram prisioneiros de guerra, considerados instrumentos de trabalho, sem quaisquer direitos. A sua situação era hereditária, ou seja, filho de escravo manteria a mesma condição social. Mas, por norma, eram bem tratados. Faziam todo o tipo de tarefas: domésticas, agrícolas, mineiras, de construção civil e até intelectuais.

Para além desta imperfeição da democracia ateniense, havia outras contradições e limitações, nomeadamente a existência da escravatura, a condenação ao ostracismo e à morte e o imperialismo de Atenas, ao exercer o seu domínio sobre outras *polis* da Liga de Delos (associação de cidades-estados gregas com objectivos defensivos).



48. Representações de escravos na cerâmica grega:

- A. Escravas a fazer trabalhos domésticos;
B. Escravo a fazer trabalhos artesanais.

SOU CAPAZ!

- Quais foram os sistemas políticos que vigoraram em Atenas?
- Define democracia directa.
- Escreve o nome da instituição política de Atenas do século V a.n.e. que exercia:
 - poder legislativo: _____
 - poder executivo: _____
 - poder judicial: _____
- Distingue a democracia ateniense do século V a.n.e. das democracias actuais.

VIVER A HISTÓRIA

- Escreve uma dramatização em que retrates um dia na eclésia.
- Organiza um debate sobre a democracia em Moçambique. Pesquisa em livros e noutras fontes de informação para formares argumentos válidos sobre o assunto.
- Redige um pequeno poema e desenha uma ilustração sobre a escravatura na Grécia.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Ostracismo: Lei criada por Clístenes e que possibilitava à eclésia condenar ao exílio da *polis* por 10 anos quem conspirasse ou actuasse contra a democracia.

3.2.4. Roma

3.2.4.1. Localização geográfica e povoamento

A cidade de Roma deu origem a uma das mais importantes civilizações da Antiguidade Clássica.

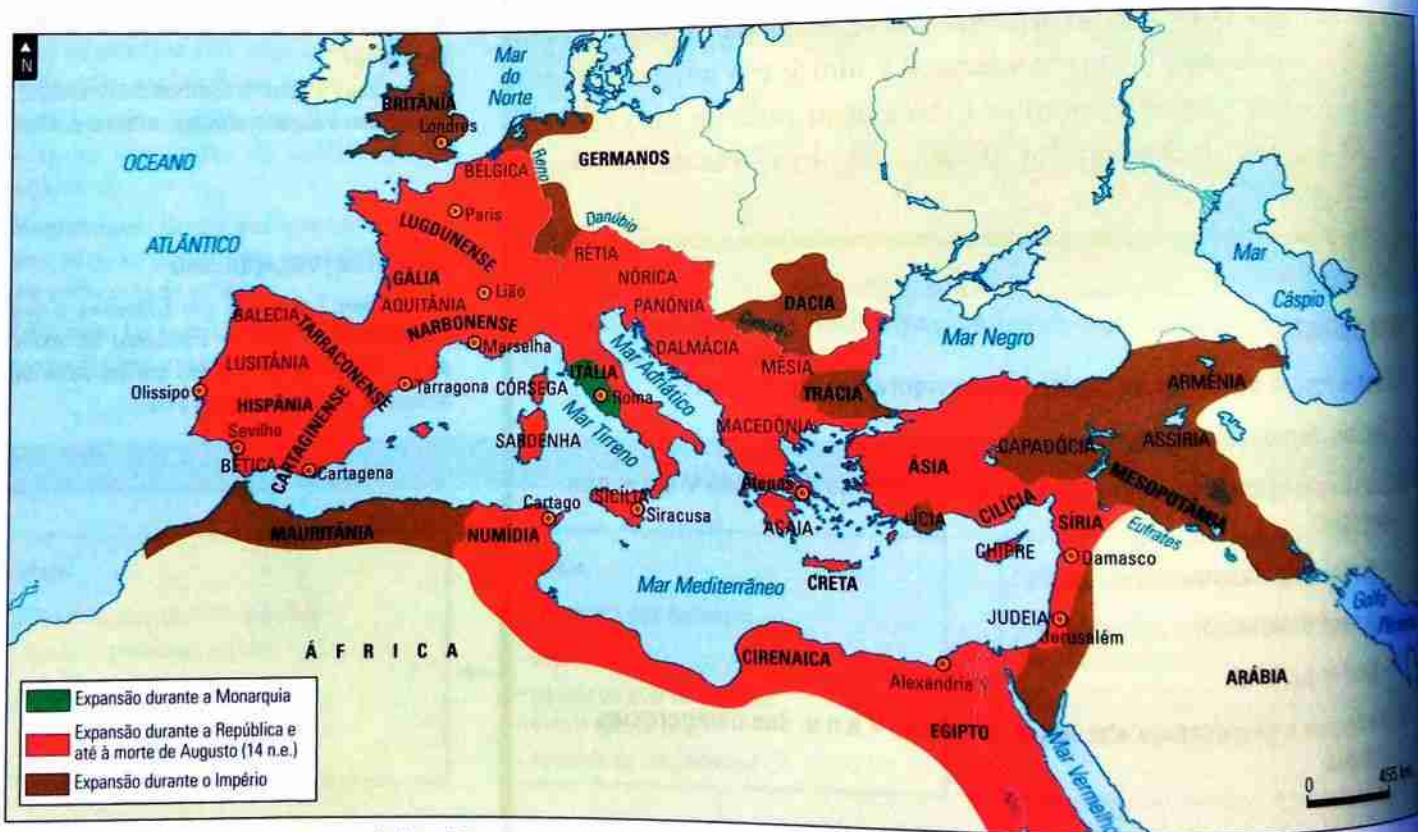
Surgida no século VIII a.n.e., Roma está localizada na Península Itálica, junto ao rio Tibre. A Península Itálica é banhada pelo mar Mediterrâneo (mar Adriático e mar Tirreno).

O local onde nasceu a cidade de Roma tinha ótimas condições naturais para a fixação humana, pois a terra era fértil para a prática da agricultura, o clima ameno, com colinas defensivas e um curso de água (o rio Tibre) navegável, para além da proximidade do mar.

O povoamento da Península Itálica fez-se através da fixação de vários povos indo-europeus: Etruscos,



49. Rio Tibre, que atravessa a cidade de Roma.



50. Expansão de Roma e formação do Império.

ANOS	753 a.n.e.	509 a.n.e.	27 a.n.e.	192 n.e.	476 n.e.
ACONTECIMENTOS	Período de formação	Período das grandes conquistas		APOGEU	DECLÍNIO
SISTEMA POLÍTICO	MONARQUIA	REPÚBLICA		IMPÉRIO	

51. Evolução política de Roma.

Gregos, Latinos, Sabinos, Úmbrios, Semitas, Cartagineses, entre outros. Os Latinos, em meados do século VIII a.n.e. (ano 753 a.n.e.), fundaram a cidade de Roma. Todavia, no século VI a.n.e., os Etruscos, originários da Ásia Menor, conquistaram e apoderaram-se de Roma. No século seguinte, os Romanos iniciaram o seu processo de expansão para além das colinas de Roma. Conquistaram toda a Península Itálica, as colónias gregas do Sul e a ilha da Sicília, ao mesmo tempo que integravam um conjunto de povos diferentes.

A expansão romana continuou através do mar Mediterrâneo e com a conquista de uma série de regiões costeiras no Norte de África, Sul da Europa, Península Balcânica, Ásia Menor e Médio Oriente. A partir do litoral, os Romanos acabaram por se apoderar também das regiões do interior, sobretudo na Europa Central e Ocidental.

No século I a.n.e., Roma era a capital de um vasto império, que se formara em redor do mar Mediterrâneo, o "lago romano". Roma era senhora de um conjunto de diferentes territórios, povos e culturas.

SOU CAPAZ!

1. Localiza no espaço e no tempo o aparecimento da Civilização Romana.



2. Destaca dois povos importantes na formação da Civilização Romana.

3. O mar Mediterrâneo era um lago romano. Comenta a afirmação.

52. Lenda da fundação de Roma.



A fundação da cidade de Roma também está relacionada com uma lenda, a lenda da loba do Capitólio:

Dois gémeos recém-nascidos, chamados Rómulo e Remo, foram abandonados dentro de um cesto nas águas do rio Tibre. Uma loba encontrou-os, amamentou-os e protegeu-os. Quando adultos, os dois gémeos fundaram a cidade de Roma. Contudo, não se entenderam no que respeito ao seu governo. Ambos queriam ser reis. Rómulo acabou por matar Remo e tornar-se no primeiro rei de Roma.

53. Escravos: objecto entre objectos.

Se os escravos estavam doentes, era preciso economizar na comida. Que venda o azeite se o preço é alto, o trigo e o vinho, os bois que envelhecem, a lã, as peles, um carro velho, os utensílios que não prestam, o escravo velho, o escravo doente; em suma, tudo o que já não servia.

Plutarco Catão, o censor

EXPLORO O DOCUMENTO

1. Concordas com o título do documento? Justifica.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Alforria: Documento que conferia liberdade a um escravo.



54. Hierarquia da sociedade romana.

SOU CAPAZ!

1. Se vivesses no Império Romano, como poderias tornar-te num escravo?
2. Quais eram as formas de um escravo se tornar livre?

3.2.4.2. Origem e características da escravatura em Roma

Com a expansão, Roma apoderou-se de inúmeras riquezas. Uma delas foram os escravos. Os povos que resistiam à conquista romana, quando derrotados pelas disciplinadas e aguerridas legiões do exército romano, eram feitos escravos.

A escravatura foi uma actividade que contribuiu para o crescimento económico do Império Romano, uma vez que todas as actividades económicas eram, em grande parte, asseguradas pela mão-de-obra escrava. Era sobretudo em Delos e em Cápua que se comerciavam estes escravos, provindos inicialmente da Ásia e da África sob domínio de Roma, e o negócio era de tal forma lucrativo que as vendas ascendiam por vezes a algumas dezenas de milhar diárias.

Os escravos, na sua maioria, eram prisioneiros de guerra. Porém, havia outras condicionantes que levavam à escravatura e que eram algo semelhantes às da Grécia, contando-se a exposição de crianças (crianças abandonadas que pertenceriam a quem as recolhesse), a venda do filho pelo pai, a venda da própria pessoa para pagar dívidas, a venda de peregrinos capturados, a venda de vassalos por alguns dos reis do Oriente e ser filho de uma escrava.

Os escravos recebiam tratamentos desumanos e eram utilizados em vários serviços, como os trabalhos nas minas, nas obras públicas e nas oficinas. Os escravos letrados, por norma os escravos gregos, trabalhavam para os aristocratas, sobretudo como pedagogos, mas também como criados domésticos e até cozinheiros. Porém, também havia os escravos agrícolas ou rurais, que trabalhavam nas propriedades dos senhores, e os escravos gladiadores, lutadores que divertiam ricos e pobres em espectáculos públicos. Os donos possuíam sobre estes servos todos os direitos, inclusivamente os de vida e morte. Não lhes era permitido ter nome, participar na vida política, possuir coisas de sua propriedade ou casar-se.

Apesar da escravatura se ter desenvolvido intensamente em Roma, foi registando um decréscimo com o fim das conquistas militares. Contudo, por várias ocasiões, os escravos revoltaram-se e tentaram libertar-se. Uma das grandes revoltas de escravos mais populares foi organizada por Spartacus (73 a.n.e.). Este escravo foi vendido a uma escola de gladiadores e, poucos meses depois, usou as suas técnicas de gladiador para lutar pela liberdade dos escravos. Esta revolta, que se estendeu a toda a Península Itálica, fracassou, mas os senhores de escravos começaram a fazer reformas para melhorar as suas condições de vida ou mesmo libertar alguns escravos. A libertação de um escravo fazia-se através da alforria, concedida pelo proprietário ou comprada pelo próprio escravo. Quando um escravo adquiria a liberdade, tornava-se um liberto e subia um estrato na hierarquia social.

3.2.4.3. A formação do Império Romano

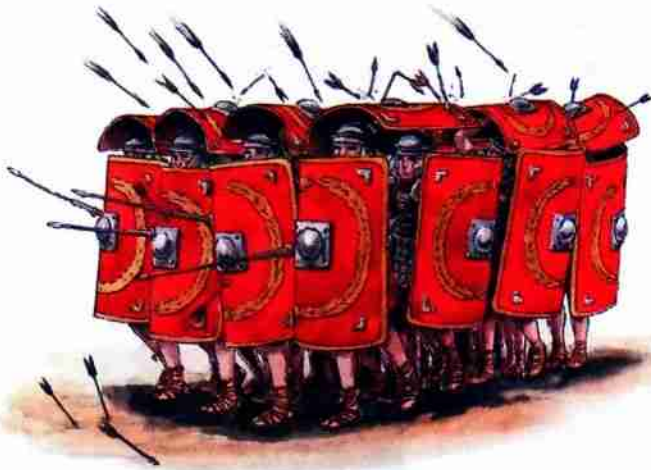
No longo processo de formação do maior império da Antiguidade, Roma passou por várias fases de evolução política: Monarquia (753-509 a.n.e.), República (509-27 a.n.e.) e, finalmente, Império.

Durante a Monarquia, todos os poderes estavam concentrados nas mãos de um rei, que governava ajudado pelo Senado e pelas assembleias do povo (*Assembleias Curiatas*). Quando o poder foi tomado por um povo invasor – os Etruscos –, foi estabelecido um período de monarquia militar que durou pouco tempo, pois os aristocratas de Roma organizaram uma rebelião que culminou com a expulsão dos Etruscos e a proclamação da República em 509 a.n.e.

A segunda forma de governo estabelecida em Roma foi a República. A República Romana é considerada uma república aristocrática porque o poder era detido pelos aristocratas (os Patrícios), que gozavam de muitas regalias e privilégios. A República Romana era dirigida por 2 cônsules com poder executivo, pelo Senado e Comícios centuriais com poder legislativo e pelos magistrados extraordinários e ordinários com poder judicial.

Foi com esta organização política que Roma desenvolveu uma política expansionista que visava a formação do vasto Império Romano.

O Império Romano formou-se através de grandes guerras de conquista e expansão, entre os séculos VIII e I a.n.e., vindo a dominar os países e estados vizinhos. O sucesso romano deveu-se à eficaz organização militar, com um exército disciplinado e bem equipado, a par da superioridade técnica desta civilização.



55. Legião romana em "tartaruga", uma tática de combate.

Conquistas romanas

Séculos V e III a.n.e.	Roma conquistou toda a Península Itálica.
Séculos III e II a.n.e.	Os Romanos conquistaram a Sicília, a Península Ibérica, o Norte de África, a Grécia e os reinos helénicos da Ásia Menor e da África.
Século I a.n.e.	Com a conquista da Gália (França actual) e do Egipto; o Mediterrâneo era um lago romano.

As conquistas romanas em África alastraram-se até à cidade de Cartago, colónia fenícia. As batalhas entre Romanos e Cartagineses denominaram-se Guerras Púnicas e foram três. Em 146, um poderoso exército chefiado por Cipião conquistou a cidade de Cartago, destruindo-a totalmente (cobriu-a de sal para que nada mais aí pudesse crescer) e vendendo a população como escrava. A região passou a ser uma província romana e foi colonizada por populações itálicas. Com esta vitória, Roma concluiu a conquista do Mediterrâneo Ocidental, quando já tinha sob o seu domínio toda a bacia oriental, do Egipto à Grécia e à Síria. Começou, então, sem hesitações, o imperialismo romano, com o domínio do mundo antigo.

No século I a.n.e., o sistema político romano deixou de ser uma república para entrar numa fase denominada Império, ficando sob o comando forte de um imperador. A República revelava-se incapaz de governar um império tão grande e com imensas lutas pelo poder, que punham em causa a ordem e a paz.

Octávio César Augusto, cônsul, foi afastando os seus rivais políticos e concentrando em si os poderes das instituições republicanas. Contudo, nunca deixou transparecer desrespeito pelos órgãos políticos romanos. Na verdade, em 27 a.n.e., Octávio César Augusto tornou-se imperador de Roma, mantendo as instituições republicanas em funcionamento, pelo menos teoricamente.

O imperador era chefe militar, económico (geria o tesouro imperial e cunhava moeda), religioso (os imperadores, à semelhança dos faraós egípcios, eram considerados deuses, a quem se devia prestar culto) e tinha o poder tribunicio, isto é, o poder de vetar ou reprovam as decisões do Senado.

O poder forte e centralizado do imperador foi um dos factores de união e engrandecimento do Império Romano.



56. Octávio César Augusto, o primeiro imperador de Roma.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

República: Sistema político em que os cidadãos participam nos vários órgãos de poder político, através de eleições periódicas.

Senado: Assembleia constituída por antigos magistrados que tinha várias funções administrativas (gestão das finanças, do exército, etc.).

Cônsul: Magistrado que chefiava o governo e o exército.

Império: Estado, de grande extensão, formado por vários territórios e governados por um imperador.

SOU CAPAZ!

1. Relaciona a acção do exército com a formação do Império Romano.
2. Quem foi o primeiro imperador romano?
3. Quais eram os poderes do imperador?



3.2.4.4. A crise e queda do Império Romano

Nos finais do século IV n.e., o Império Romano foi atacado e destruído por um conjunto de povos bárbaros (povos que viviam fora das fronteiras do Império Romano e que os Romanos consideravam ter uma cultura inferior à sua). Estes povos fixaram-se no território do Império, onde formaram reinos independentes, que estão na origem de alguns dos actuais países europeus.

A queda do Império Romano do Ocidente ocorreu em 476, quando Roma, a antiga capital do Império, foi conquistada pelos Hérulos. Iniciava-se, assim, uma nova época histórica – a Idade Média.

Contudo, a crise do Império Romano já vinha de tempos mais recuados. A ambição pelo poder fez com que aumentassem as lutas políticas e sociais. Muitos imperadores eram assassinados pouco tempo depois de assumirem o poder e vivia-se um ambiente de conspiração e traição entre os elementos do Senado.

A falta de um poder político forte e estável provocou um desregulamento social: assaltos, revoltas, corrupção, diminuição do número de escravos, desordem, crise. O império começou a enfraquecer e a tornar-se vulnerável às ameaças externas dos bárbaros.

As cidades invadidas perderam o seu valor e deixaram de ser residência das classes privilegiadas. Reinava a instabilidade social e política e o poder central não conseguia assegurar a ordem.

Houve, porém, uma tentativa de resolver esta crise imperial: dividiu-se o Império em duas partes – Império Romano do Ocidente, com capital em Roma, e Império Romano do Oriente, com capital em Constantinopla (actual Istambul) – cada uma com o seu imperador. Esperava-se, desta forma, conseguir governar melhor um império tão grande e fazer face às ameaças externas que se sentiam.

Contudo, o Império Romano do Ocidente não conseguiu escapar às invasões e à desagregação.



3.2.4.5. A cultura greco-romana

DEUSES ROMANOS	DEUSES GREGOS	PRINCIPAL FUNÇÃO
Júpiter	Zeus	Deus dos deuses, deus do céu e das tempestades
Juno	Hera	Esposa de Júpiter
Baco	Dioniso	Deus do vinho e da alegria
Apolo	Apolo	Deus do Sol e das artes
Diana	Ártemis	Deus da caça
Vénus	Afrodite	Deusa do amor e da beleza
Neptuno	Posídon	Deus dos mares
Vulcano	Hefesto	Deus do fogo

58. Deuses gregos adoptados pelos Romanos.

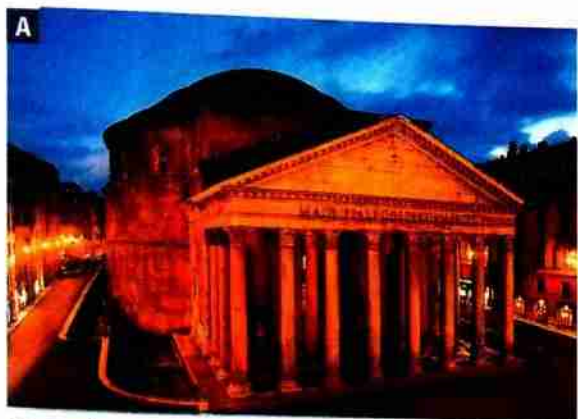
Com a expansão de Roma e a formação do Império Romano, verificou-se a difusão da cultura greco-romana. Depois da conquista romana da Grécia, a arte e a cultura romanas deixaram-se influenciar pela harmoniosa e superior arte grega.

Por todo o império, os Romanos difundiram a sua língua – o latim –, os seus costumes, a religião, o teatro, o direito e a arte (arquitectura, escultura e pintura).

À excepção do latim e do direito, que constituíram inovações romanas, a religião e a arte foram muito influenciadas pela Civilização Grega.

Os Romanos também eram politeístas e adoptaram os mesmos deuses gregos, tendo apenas mudado o seu nome.

A arquitectura romana apresentava, como influências gregas, a utilização de colunas, frisos e frontões triangulares, tendo acrescentado a utilização de cúpulas e arcos redondos ou de volta perfeita.



59. Arquitectura.

A. Templo romano (Panteão de Roma).

B. Templo grego (Pártenon, na acrópole de Atenas).



60. Escultura.

A. Escultura grega (*O Discóbolo*); B. Escultura romana (deusa Minerva).



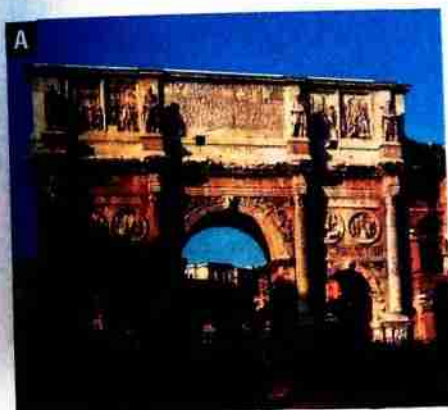
61. Mosaico romano.



62. Cerâmica grega.

Na escultura e na pintura também se seguiram os exemplos gregos, embora os Romanos preferissem o realismo (representação da realidade tal como é) ao idealismo dos Gregos (omissão das imperfeições da realidade).

Por todo o espaço do antigo Império Romano, ainda hoje podemos observar os vestígios desta cultura greco-romana.



63. Vestígios greco-romanos no território do Império Romano.

A. Arco de Triunfo de Constantino, Roma; B. Teatro romano na actual Turquia; C. Ponte romana em Chaves, Portugal; D. Mosaico romano descoberto na actual Síria.



SOU CAPAZ!

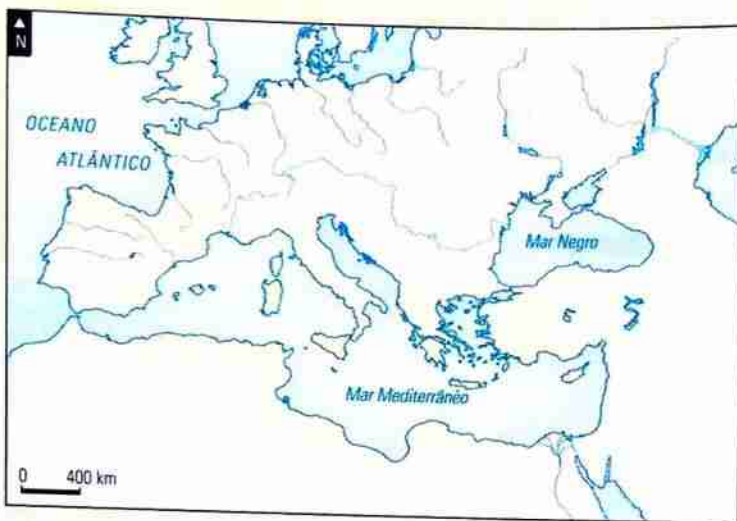
1. Justifica a queda do Império Romano do Ocidente.
2. Caracteriza a cultura greco-romana.

CURIOSIDADE

Os arcos de triunfo eram mandados construir pelos imperadores para comemorar as suas grandiosas vitórias militares. Os relevos representam normalmente cenas das batalhas.

O QUE JÁ
APRENDI...

Subunidade: 3.2. O surgimento e desenvolvimento da sociedade escravagista na Europa: Grécia e Roma



1. Localiza no mapa a Grécia Antiga.
2. Identifica os condicionalismos geográficos que levaram à formação de cidades-estados.
3. Distingue monarquia de oligarquia.
4. Identifica os principais reformistas gregos.
5. Mostra a importância da acção reformadora de Clístenes e Péricles.
6. Localiza, no mapa, a cidade de Roma e pinta as regiões conquistadas pelos Romanos.
7. Explica o aparecimento da escravatura no Império Romano.
8. Quem foi Spartacus?
9. Concordas com a acção de Spartacus? Justifica.



10. Enumera as razões da crise e queda do Império Romano do Ocidente.
11. Assinala com um X os elementos pertencentes à cultura greco-romana.



3

3.3. MOÇAMBIQUE: DA COMUNIDADE PRIMITIVA À FORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ESTADOS

3.3.1. Os Khoisan – organização económica, social e ideológica

Os Khoisan foram as primeiras comunidades que viveram no actual território de Moçambique. A base da sua economia era a caça, a recollecção e a pesca. Os produtos que juntavam destinavam-se apenas ao consumo, até porque as quantidades não eram muito abundantes.

As actividades económicas eram executadas pela população, distribuindo-se com base no sexo e na idade. Os homens saíam para a caça, enquanto que as mulheres e as crianças colhiam os frutos para além de confeccionarem os alimentos.

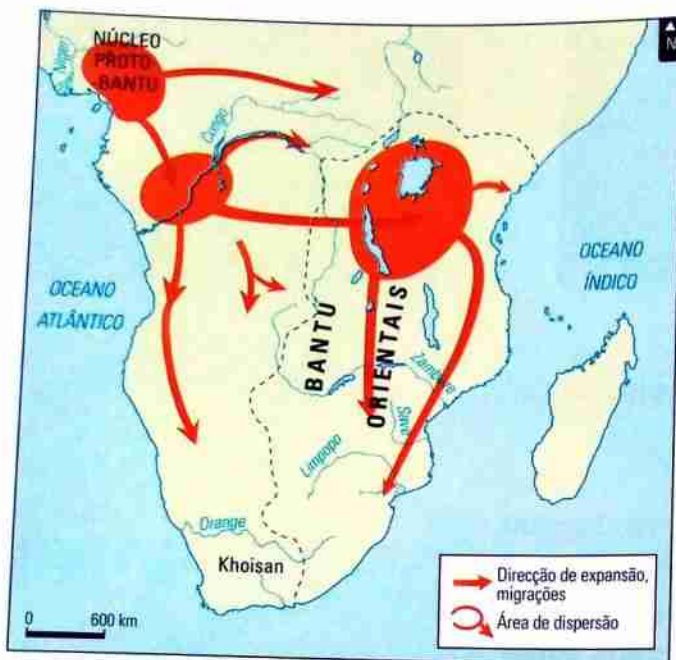
Os Khoisan viviam organizados em bandos ou grupos de recolectores e caçadores, dirigidos por anciãos ou indivíduos experientes, por norma mais idosos. Estes trabalhavam de igual modo como os outros.

Os Khoisan tinham crenças mágicas. Veneravam os espíritos dos antepassados mortos, aos quais faziam oferendas, pois acreditavam que estes espíritos lhes traziam protecção.

3.3.2. Os Bantu – organização económica, social e ideológica

Os povos de origem bantu (este conceito refere-se apenas a uma característica linguística, em que a palavra bantu – que significa homens, pessoas – é um vocábulo comum entre as 300 línguas africanas) fixaram-se no território que actualmente corresponde a Moçambique, cerca de 300 n.e. Eram comunidades de agricultores e pastores, que também se dedicavam à caça, à pesca e à recollecção.

Segundo dados arqueológicos, estes bantu são provenientes duma faixa litoral da orla marítima, da chamada floresta congolosa da região dos Grandes Lagos e chegaram a Moçambique através duma movimentação populacional chamada Expansão Bantu. Eram povos conhecedores dos metais, a partir dos quais fabricavam instrumentos, da olaria, da tecelagem e da agro-pecuária.



64. Expansão dos Bantu.

Contrariamente aos Khoisan, que eram nómadas, os Bantu eram sedentários por causa da prática das actividades agro-pastoris.

Foram estes povos que estiveram na origem dos primeiros estados (o Reino do Zimbabué e o Império de Mutapa), surgidos no 1.º milénio da nossa era.

Quanto à organização social dos Bantu, sabe-se que estavam organizados em linhagens, grandes grupos de famílias, com antepassados comuns. Estas linhagens eram dirigidas por um chefe que impunha ordem e poder. Predominavam duas classes sociais, a aristocracia dominante e as comunidades aldeãs (dominadas).

Ao nível ideológico, os Bantu veneravam os espíritos dos antepassados mortos, praticavam as cerimónias mágico-religiosas, nas quais lhes pediam chuva, saúde e protecção.

3.3.3. O Reino do Grande Zimbabué



65. Localização do Reino do Grande Zimbabué.

O primeiro Estado de Moçambique foi o Estado de Zimbabué. Foi formado, segundo dados arqueológicos, entre 1250 e 1450, por Karangas, membros do povo actualmente chamado Shona, que se instalou na região cerca do século V, proveniente da região dos Grandes Lagos. Situava-se entre os rios Zambeze e Save e tinha a capital no Grande Zimbabué, onde se concentravam os poderes político e económico. Dentro das muralhas do Grande Zimbabué existiam palhotas onde habitavam os elementos da aristocracia dominante. O povo vivia fora das muralhas.

Em Moçambique, Manyikeni, localizado a 50 km da baía de Vilanculos, em Inhambane, um reino próspero do território do Grande Zimbabué, foi um dos vários centros regionais, de que distava 450 km.

A base da economia das populações do Reino do Grande Zimbabué era a agricultura e a pastorícia. Na agricultura cultivavam mapira, milho e mexoeira. Na pastorícia criavam gado bovino, ovino e caprino. Também já trabalhavam na mineração e faziam objectos de adorno e de trabalho em ferro e em cobre.

A existência de minas de ouro conferiu ao Estado a sua participação no comércio a longa distância, com mercadores estrangeiros. Este comércio fez de Manyikeni um entreposto comercial com importância. O comércio acabou por se tornar na principal actividade económica, com a chegada dos primeiros comerciantes árabes. O ouro era o produto de troca de tecidos e pérolas árabes.

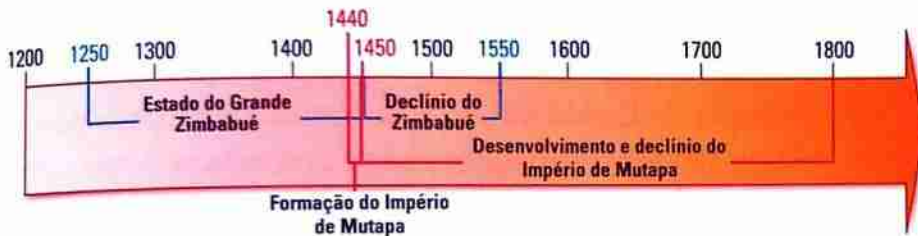
Ao nível social, predominavam duas classes: a aristocracia dominante e as comunidades aldeãs, separadas pelas desigualdades sociais, como o pagamento do tributo da classe dominada à classe dominante.

Ao nível ideológico, as populações acreditavam no poder sobrenatural dos chefes que achavam ser capazes de interpretar a chuva, os trovões, as doenças e outros fenómenos naturais, cuja origem era desconhecida. Acreditavam que os vivos e os mortos estavam unidos. Eram os chefes que orientavam estas cerimónias religiosas.

A decadência do Reino do Grande Zimbabué provocou em parte o abandono de Manyikeni a partir do século XVI, aquando da fixação portuguesa em Sofala, por volta de 1505. Por outro lado, o esgotamento das minas de ouro, a seca do rio Save e a agudização das lutas internas por causa do controlo do poder político e das riquezas não permitiram qualquer hipótese de ressurgimento daquele reino.



66. Ruínas do Reino de Manyikeni.



67. Localização temporal do Estado do Grande Zimbabué e do Império de Mutapa.

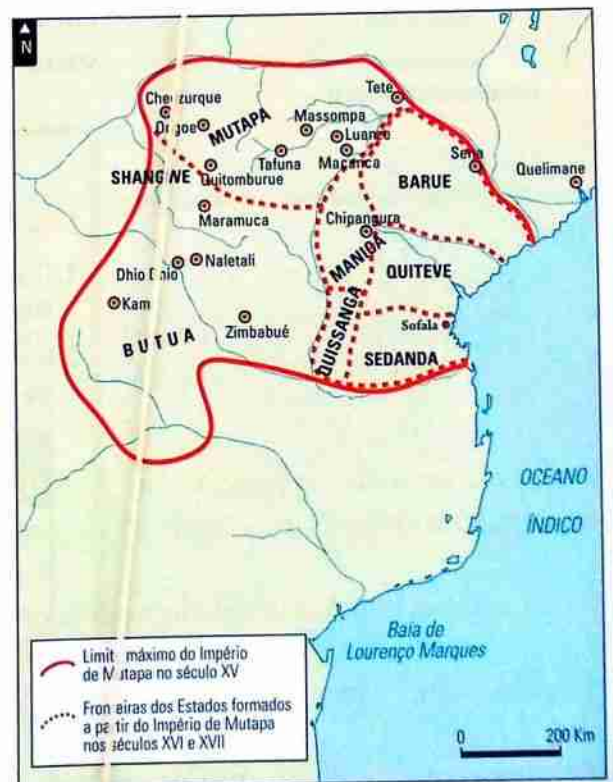
3.3.4. O Império de Mutapa

O Império de Mutapa surgiu no contexto da decadência do Reino do Zimbabué. Aquele foi formado por Mutola entre 1440 e 1450. Era mais vasto do que o Zimbabué, localizando-se entre os rios Zambeze e Limpopo e entre o Kalahari e o oceano Índico.

O núcleo central do Estado era o Reino de Mutapa que se encontrava circundado por estados vassallos: Manica, Barue, Sedanda, Maungue, Quiteve, Butua e Quissanga.

A nível social predominavam duas classes: a aristocracia e as comunidades aldeãs. A aristocracia constituía a classe dominante, enquanto que as comunidades aldeãs constituíam a classe dominada, sujeita ao pagamento de diversos tributos.

O chefe máximo do Estado era o mambo, auxiliado na governação por funcionários que o próprio escolhia.



68. Localização do do Império de Mutapa.

Administrativamente, o Estado dividia-se em províncias, distritos e aldeias. A província era dirigida por mambos, os distritos pelos fumos ou encosses e as aldeias por mwenemusha ou mukuro.

Ao nível ideológico, no Império acreditava-se que o Mwenemutapa era o proprietário do saber e tinha o direito de invocar a chuva. Este era intermediário entre os vivos e os mortos. Praticavam-se cerimónias mágicas e religiosas, em que se veneravam os antepassados, pedindo protecção, sucesso nas colheitas e nas guerras, etc.

69.

Em todas as terras do Mutapa, ou na maior parte delas, há muitas minas de ouro e, particularmente, no Chiroro, onde há muito e o mais fino que se acha neste reino. [...]

Este ouro se acha de muitas feições, a saber: em pó miúdo como areia; em grãos como contas miúdas e grossas; em lascas umas tão maciças que parecem fundidas. [...]

João dos Santos, Ethiopia Oriental, in Manual de História da 8.ª classe

EXPLORO O DOCUMENTO

1. Atribui um título ao documento escrito.
2. Qual é a actividade económica que se desenvolve com a riqueza referida no documento escrito?

A participação do Estado no comércio costeiro contribuiu para o seu declínio, ao agudizar os conflitos entre a aristocracia dominante e as comunidades aldeãs por causa da intensificação da exploração. Foi a penetração mercantil portuguesa e as sucessivas lutas internas que concorreram para o declínio do Império de Mutapa.

Em suma, antes da chegada dos Portugueses a Sofala já existiam em África estados organizados em termos políticos, económicos e sociais.

SOU CAPAZ!

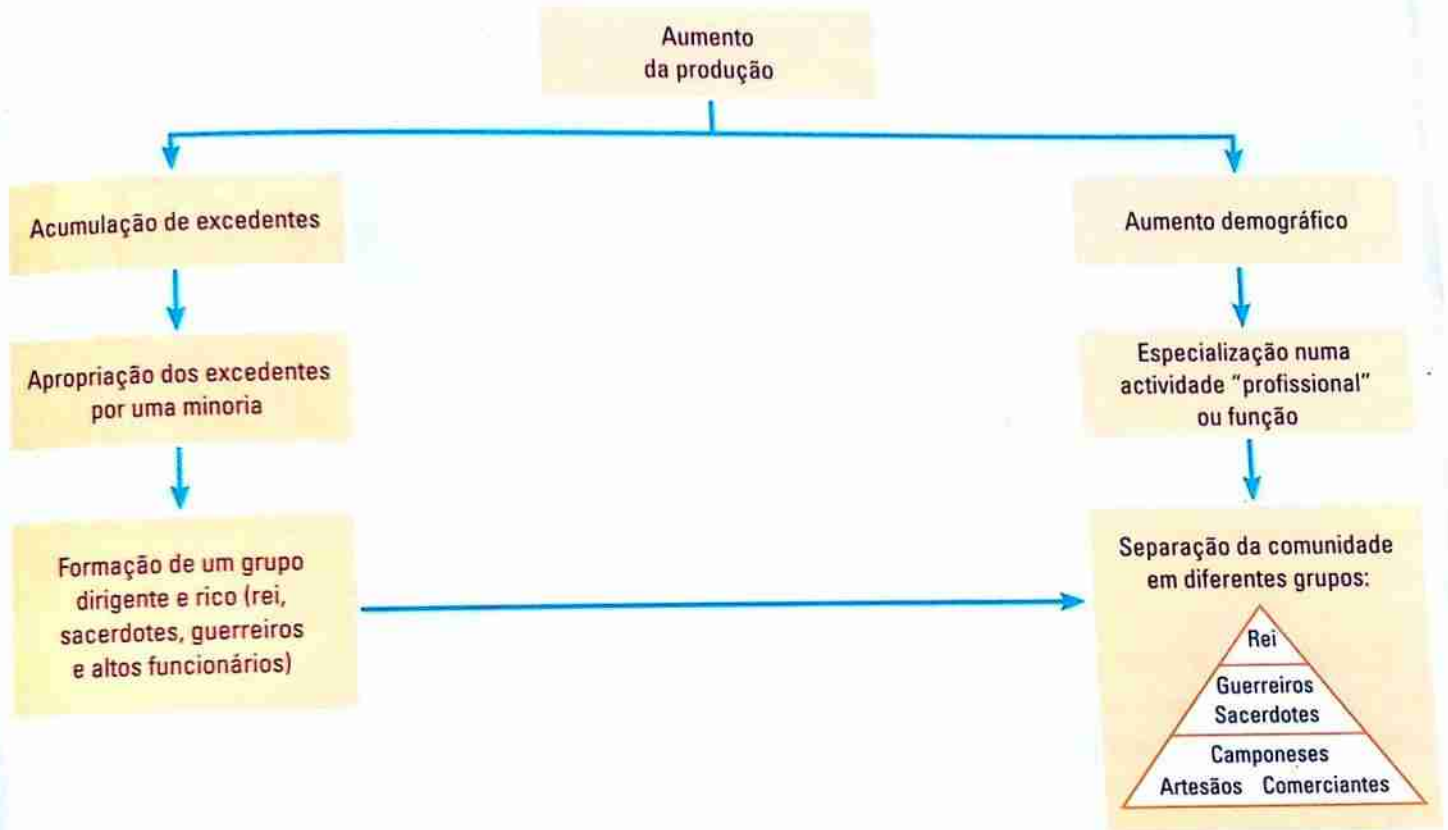
1. Distingue os Khoisan dos Bantu em termos de organização económica e social.
2. Caracteriza a situação política, económica e social de Moçambique antes da chegada dos Portugueses, através do preenchimento do quadro.

MOÇAMBIQUE ANTES DA CHEGADA DOS PORTUGUESES		
Situação económica	Situação política	Situação social

3

SINTETIZO OS MEUS CONHECIMENTOS

ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL OU DIFERENCIAÇÃO SOCIAL



Os primeiros estados

ÁFRICA: Egipto Antigo, Reino do Grande Zimbabué e Império de Mutapa

ÁSIA: Suméria, Império Babilónico

EUROPA: Grécia Antiga e Império Romano

- Os primeiros estados caracterizaram-se, a nível político e social, pela existência de uma sociedade hierarquizada e estratificada, correspondendo os estratos superiores às classes dominantes e os estratos inferiores às classes dominadas.
- No Egipto, Grécia e Roma antigas, os estratos mais inferiores da sociedade correspondiam aos escravos, importante mão-de-obra para o desenvolvimento daquelas civilizações.
- Nestes primeiros estados, o poder estava concentrado num chefe, que podia receber várias designações, nomeadamente de rei, faraó ou imperador.
- A excepção verificou-se na Grécia, que viveu uma experiência democrática, ainda que com algumas limitações ou imperfeições se comparada com as democracias actuais.

3

VAMOS
DESCOBRIR!

Ser cidadão

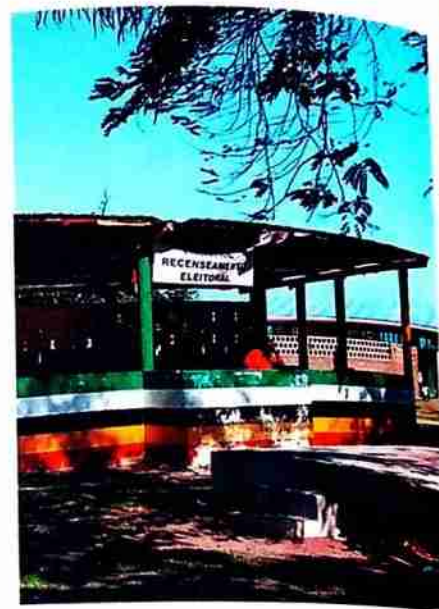
O conceito de cidadão e de cidadania surgiu na cidade-estado de Atenas, na Grécia, no século V a.n.e. Neste período, Atenas vivia sob o governo de uma democracia.

Democracia – *demo* (= povo) + *cracia* (= poder). Numa democracia, o poder pertence ao povo, aos cidadãos, que o exercem directamente, participando nos órgãos de poder, ou indirectamente, expressando a sua escolha política, através do voto em eleições. As democracias directas só seriam possíveis, na actualidade, se houvesse um número reduzido de cidadãos. Numa nação, com muitos milhões de cidadãos, a democracia directa seria caótica. Por isso, as eleições são indispensáveis para os cidadãos exercerem o seu poder político e elegerem os seus representantes nos órgãos de soberania ou poder.

Cidadão – indivíduo pertencente a um Estado livre, no gozo dos seus direitos e deveres civis e políticos. Em Atenas, no século V a.n.e., nem todos os habitantes da cidade eram cidadãos.

Actualmente, o estatuto de cidadão de um Estado livre adquire-se através da nacionalidade, residência legal e prolongada nesse país, casamento ou filiação e da maioria. Por exemplo, se a tua nacionalidade é moçambicana (nascimento em Moçambique), quando completares 18 anos tornas-te num cidadão de pleno direito da República de Moçambique.

Cidadania – vínculo jurídico-político de um indivíduo a um Estado, traduzindo-se num conjunto de direitos e obrigações recíprocos. Um cidadão tem direitos e deveres consagrados num documento fundamental para a democracia: a Constituição. Ao reclamar os seus direitos e ao desempenhar os seus deveres, o cidadão exerce a sua cidadania. A Constituição da República de Moçambique, em vigor desde 2004, estabelece os direitos e deveres dos cidadãos, bem como a organização política do Estado. Fica a conhecer alguns dos direitos e deveres dos Moçambicanos.



Posto de recenseamento eleitoral em Moçambique. O recenseamento eleitoral é indispensável para exercer o direito de voto.



Eleições em Moçambique.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE

Artigo 40

(Direito à vida)

1. Todo o cidadão tem direito à vida e à integridade física e moral e não pode ser sujeito a tortura ou tratamentos cruéis ou desumanos.

2. Na República de Moçambique não há pena de morte.

[...]

Artigo 44

(Deveres para com os seus semelhantes)

Todo o cidadão tem o dever de respeitar e considerar os seus semelhantes sem discriminação de qualquer espécie e de manter com eles relações que permitam promover, salvaguardar e reforçar o respeito, a tolerância recíproca e a solidariedade.

[...]

Artigo 112

(Trabalho)

1. O trabalho é a força motriz do desenvolvimento e é dignificado e protegido.

2. O Estado propugna a justa repartição dos rendimentos do trabalho.

3. O Estado defende que a trabalho igual deve corresponder salário igual.

Artigo 113

(Educação)

A República de Moçambique promove uma estratégia de educação, visando a unidade nacional, a erradicação do analfabetismo, o domínio da ciência e da técnica, bem como a formação moral e cívica dos cidadãos.

[...]

Artigo 133

(Órgãos de soberania)

São órgãos de soberania o Presidente da República, a Assembleia da República, o Governo, os Tribunais e o Conselho Constitucional.

Artigo 134

(Separação e interdependência)

Os órgãos de soberania assentam nos princípios de separação e interdependência de poderes consagrados na Constituição e devem obediência à Constituição e às leis.

SOU CAPAZ!

1. Enumera dois exemplos ou situações de exercício da cidadania a nível da comunidade em que vives.
2. O que é ser cidadão de um país?

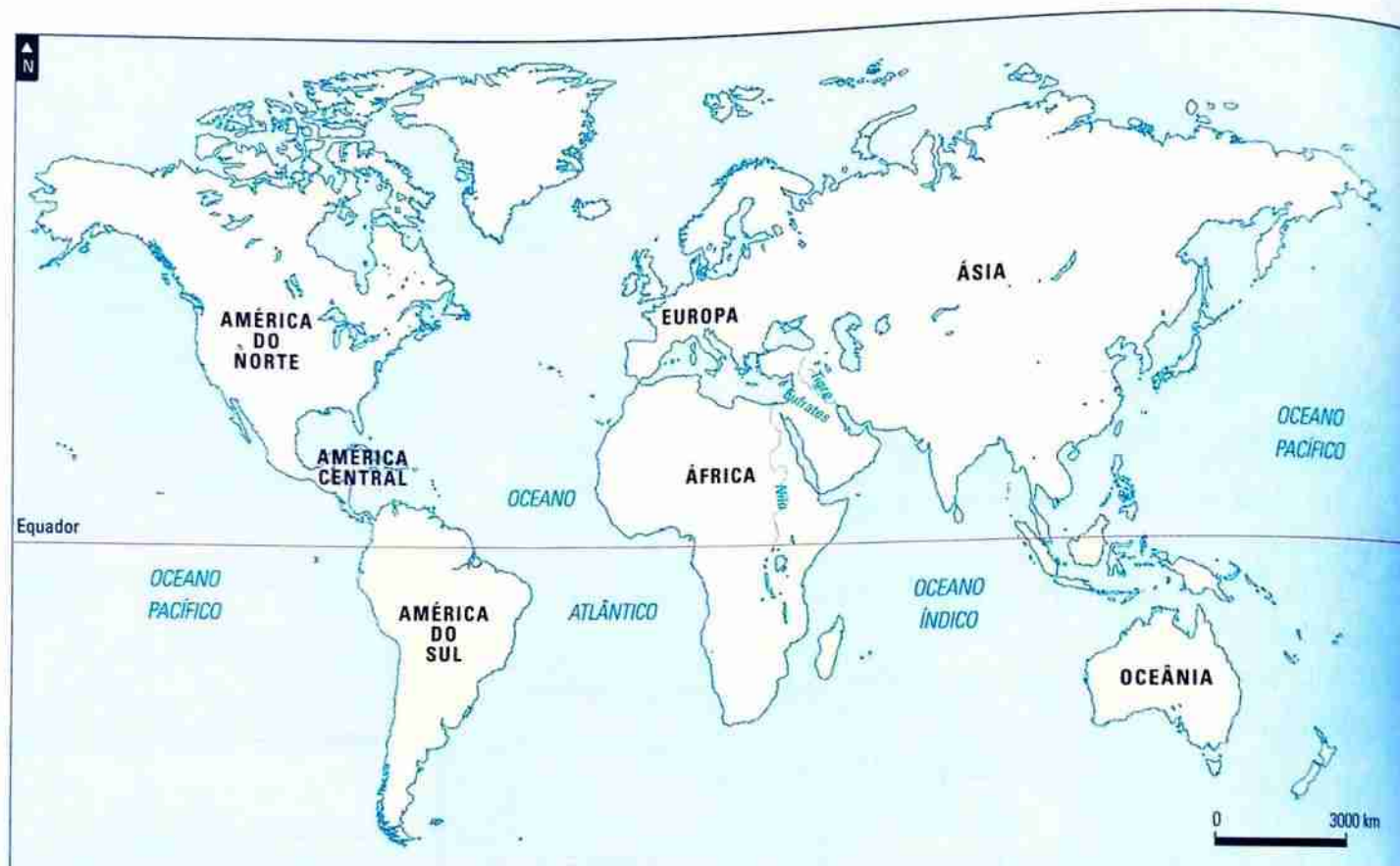
VIVER A HISTÓRIA

1. Trabalho de grupo:
 - Cada grupo deve analisar um ou mais artigos da Constituição de Moçambique, devendo, depois, apresentar as suas conclusões ao resto da turma.

3

VERIFICO O QUE APRENDI!

1. Assinala no mapa todos os estados que estudaste ao longo desta unidade.



2. Constrói a pirâmide social do Egito Antigo.
3. Como se estabeleceu a diferenciação social na Mesopotâmia?
4. O que significa Mesopotâmia? Assinala a opção correcta.
 - Conjunto dos primeiros estados.
 - Terra entre dois rios.
 - Região do hemisfério norte.
5. Explica a importância do Código de Hamurábi.

6. Lê o documento escrito.

A Constituição que nos rege nada tem a invejar aos outros povos; serve-lhes de modelo, não os imita. Recebeu o nome de democracia, porque o seu fim é a utilidade do maior número e não o de uma minoria. Quanto aos assuntos privados, todos os cidadãos são iguais perante a lei.

Tucídides, *in Peloponnesian War*, ed. C. F. Smith, Londres, 1951

6.1. Qual é o regime político referido no documento?

6.2. Caracteriza, com base no documento, esse regime político.

6.3. A democracia ateniense era imperfeita. Concordas com a afirmação? Justifica.

7. Relaciona a escravatura com a economia romana.

8. Identifica as comunidades primitivas de Moçambique.

9. Assinala os 7 erros do texto.

Os Portugueses chegaram a Moçambique no século XVI. Encontraram um território despovoado e sem riquezas. As tribos do interior viviam da recolecção e da caça e ignoravam o trabalho dos metais, bem como o comércio.

10. Reescreve o texto de forma correcta/verdadeira.

4

AS RELAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS NA EUROPA E NA ÁFRICA ENTRE OS SÉCULOS V E XV

Entre os séculos V e XV, a Europa viveu grandes transformações. O Império Romano foi destruído e ocupado por um conjunto de povos bárbaros. Do contacto da antiga sociedade romana com os povos invasores nasceu a sociedade feudal.

O feudalismo caracterizou-se por uma nova ordem ou organização política, económica e social.

O medo e a destruição causados pelas invasões bárbaras provocaram uma ruralização da economia, com o desaparecimento da actividade comercial e da circulação da moeda.

Neste contexto, desenvolveram-se relações sociais e políticas de dependência dos mais fracos e desprotegidos relativamente aos mais fortes, os senhores feudais.



1. Como surgiu o feudalismo na Europa?

2. Quais são as características do feudalismo e nível econômico, político, social e cultural?

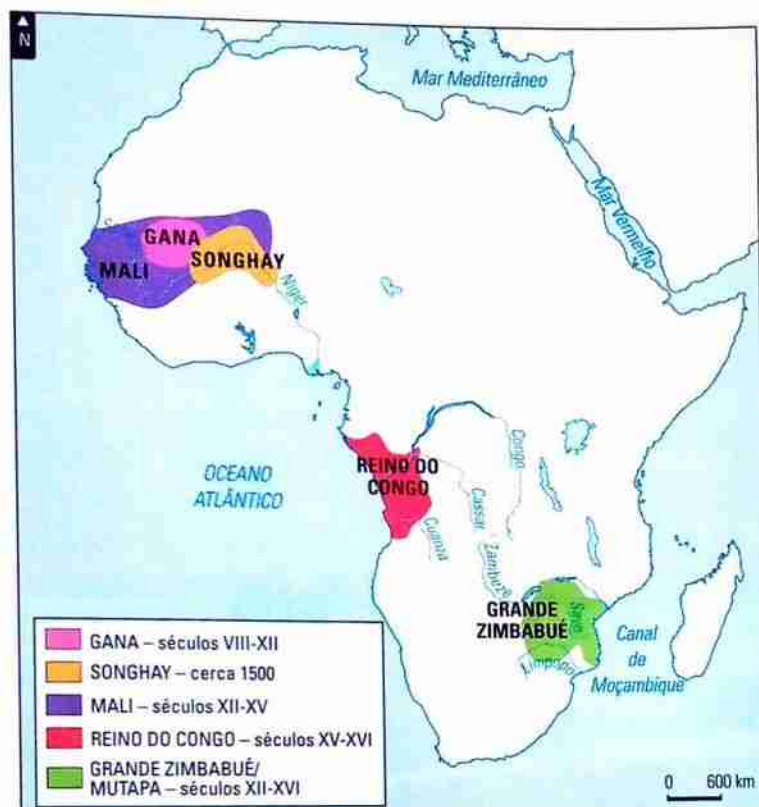
3. Como evoluiu África entre os séculos V e XV?



Igreja de Bet Giorgis, século XIII, Etiópia.

4

4.1. O FEUDALISMO NA EUROPA (SÉCULOS V-XV)



1. Em todas as regiões de África existiram vários reinos e estados independentes: na África Ocidental, os estados do Gana, Songhay e Mali; na África Central, o Reino do Congo; na África Oriental, a Etiópia; e, na África Austral, o Grande Zimbabué e Mutapa.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Bárbaro: Para Gregos e Romanos eram aqueles que falavam uma língua diferente da sua, incompreensível.

Feudalismo: Sistema político, económico e social que vigorou na Idade Média e que se caracterizava pela grande importância e divisão da propriedade (feudo), pelo enfraquecimento do poder régio e pelas obrigações recíprocas entre suseranos (os senhores do clero e da nobreza com mais propriedades) e vassallos (os senhores do clero e da nobreza com menos propriedades) e entre estes e os camponeses.

O período dos séculos V a XV corresponde à Idade Média e foi caracterizado por profundas transformações socioeconómicas e políticas na Europa e em África.

Na Europa, a Idade Média iniciou-se com a queda do Império Romano do Ocidente, no século V (ano de 476), devido às invasões bárbaras, e terminou com a tomada da cidade de Constantinopla pelos Turcos, em 1453, que ditou a queda do Império Romano do Oriente.

No que respeita à organização política, económica e social, a Idade Média europeia caracterizou-se pela emergência do feudalismo.

Em África, existiam neste período vários reinos soberanos (estados), que mantinham relações comerciais com povos asiáticos (Chineses, Árabes, Turcos, Indianos, Malaio, Indonésios, Persas). Os Árabes foram os que

deixaram maiores vestígios da sua presença em toda a África, principalmente na costa oriental, entre os séculos IX e XIII.

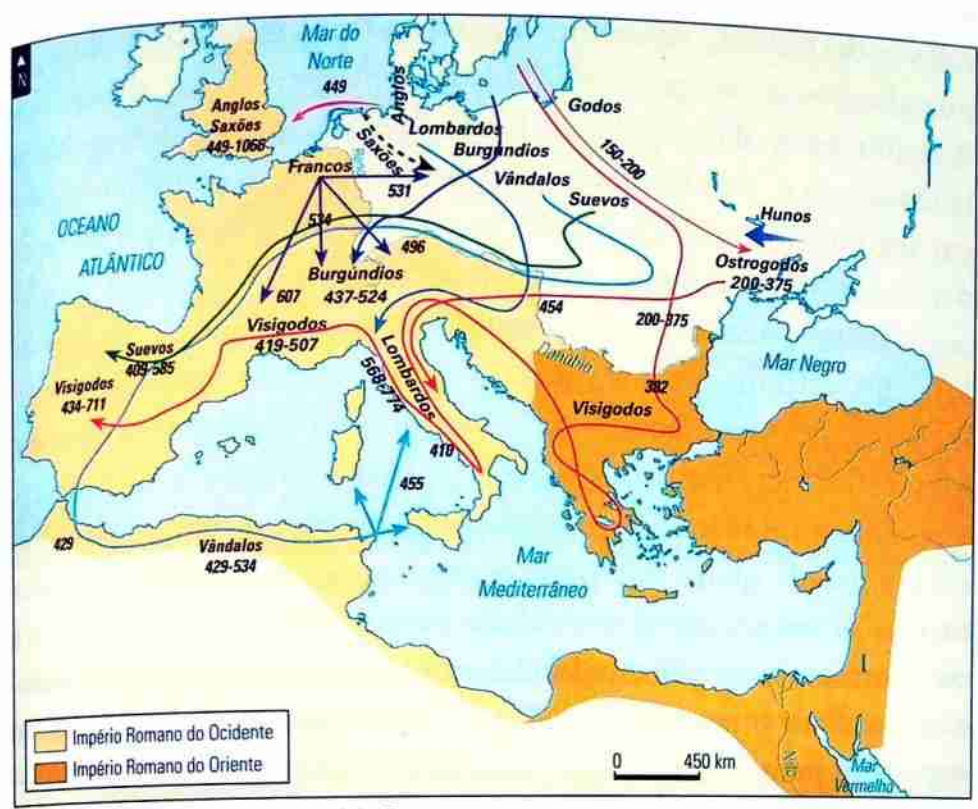
Os estados africanos também estabeleceram contactos com povos europeus, a partir dos séculos XIII a XV, tendo sido os Portugueses os pioneiros dessas relações entre a Europa e África.

O principal objectivo destes povos estrangeiros nos contactos com África era desenvolver um forte intercâmbio comercial, baseado nas trocas desiguais (recebiam produtos mais rentáveis ou valiosos, tais como ouro e marfim dos Africanos, em troca de quinquilharias).

4.1.1. A emergência do feudalismo na Europa

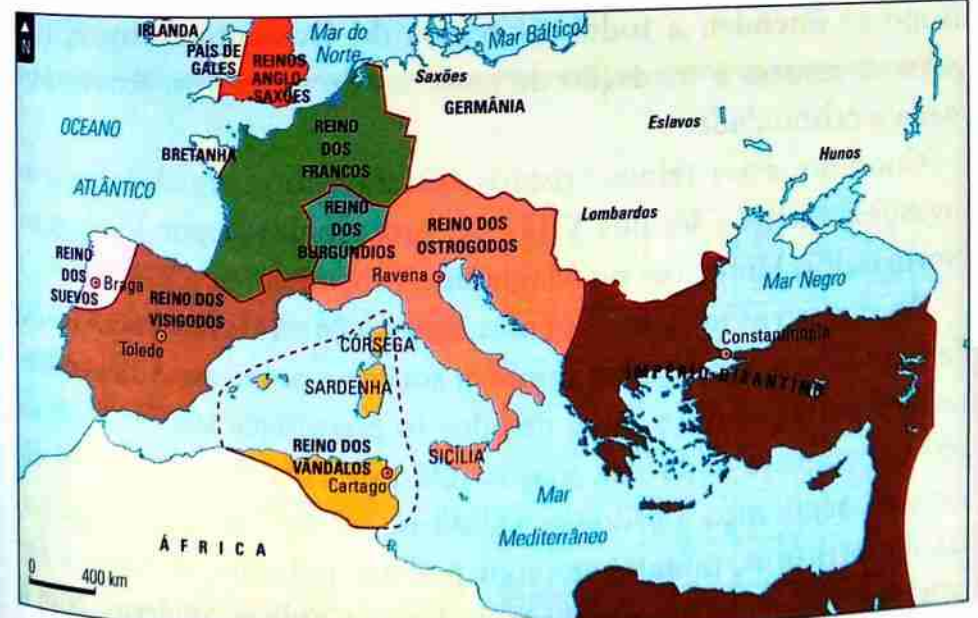
O sistema feudal desenvolveu-se, sobretudo, na Europa entre os séculos V a XV após a desagregação do Império Romano do Ocidente, com as invasões dos povos bárbaros ou germânicos. Os Romanos chamavam bárbaros a todos os que não falavam a sua

língua nem possuíam os seus costumes. Estes povos seminómadas viviam nas regiões vizinhas do Império Romano e viviam organizados em tribos: Visigodos, Suevos, Vândalos, Hérulos, Ostrogodos, Francos, Lombardos, Anglos, Saxões, etc.



2. As invasões bárbaras do Império Romano.

Estes povos sentiram-se atraídos pelas riquezas do Império Romano e, desde o século III, que se foram infiltrando no seu território, até que, para fugirem aos terríveis Hunos vindos do Oriente, invadiram o Império Romano do Ocidente. Esta foi a primeira vaga de invasões bárbaras, da qual resultou a formação de um conjunto de reinos no espaço europeu, alguns dos quais estiveram na origem de estados actuais.



4. Os reinos bárbaros fundados após a queda do Império Romano do Ocidente.

3. As invasões bárbaras.

Bandos inumeráveis de ferozes invasores tornaram-se senhores da Gália. Todo o território situado entre os Alpes e os Pireneus e entre o Oceano e o Rio Reno foi devastado pelos Vândalos, os Hérulos, os Saxões [...]. Mogúncia, cidade ilustre, foi saqueada e, na sua igreja, milhares de pessoas foram assassinadas. Igual sorte sofreram as cidades de Reims, Amiens e Arras. [...] Muitas cidades viram os habitantes eliminados pela espada ou pela fome.

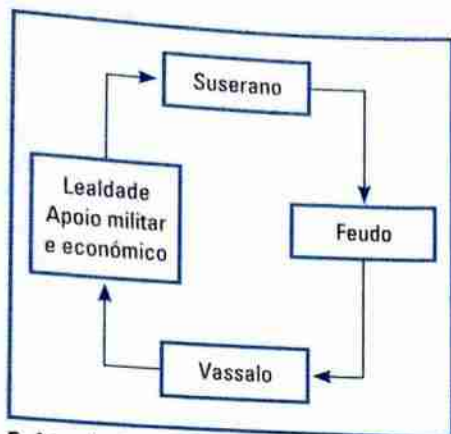
S. Jerónimo (filósofo cristão, 347-420), Cartas

EXPLORO O DOCUMENTO

1. Qual é o adjectivo utilizado por S. Jerónimo para caracterizar os invasores? Justifica.
2. Quais foram as consequências das invasões bárbaras?

EXPLORO O DOCUMENTO

1. Enumera os povos bárbaros da primeira vaga de invasões.
2. Onde se fixaram os Francos, os Visigodos e os Suevos?



5. As relações de dependência no sistema feudal.



6. Clero. Os homens da Igreja Católica, durante o período feudal, eram os únicos que dominavam a leitura e a escrita.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

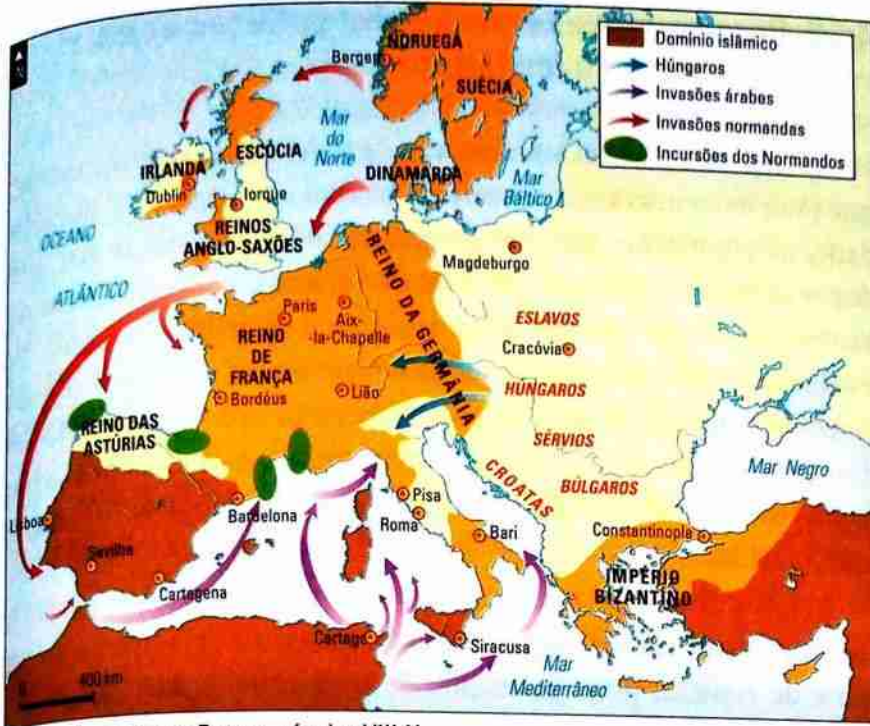
Feudo: Benefício doado pelo suserano ao vassalo. Normalmente, era um domínio senhorial, mas também podia ser um castelo, um cargo militar ou uma filha em casamento.

Destes contactos entre a Civilização Romana e os povos invasores nasceu a sociedade feudal. A crise, insegurança e medo que as invasões bárbaras provocaram obrigaram à fuga das populações das cidades (onde se desenvolvia a economia urbana) para o campo em busca de protecção e segurança junto dos mosteiros e castelos reais e de nobres, nascendo um novo tipo de relações entre as populações e os grandes senhores proprietários de terras. A maior parte da população tornou-se dependente dos senhores feudais, isto é, dos senhores da terra, pois era onde podiam viver em segurança e trabalhar para o seu sustento. Estas relações de dependência também se estabeleceram entre os senhores mais importantes (suseranos) e os senhores menos importantes (vassallos), que celebravam um contrato de vassalagem (em que o suserano entregava um feudo – um senhorio, um castelo, uma filha em casamento, etc. – em troca da lealdade e apoio do vassalo). Assim, a economia ruralizou-se, passou da cidade para o campo: o comércio e a moeda quase desapareceram, a agricultura de subsistência tornou-se na principal actividade económica e a posse de terra transformou-se no principal indicador de riqueza. Apenas se conseguia produzir o necessário à alimentação e não havia condições de segurança para viajar ou fazer comércio.

De início, a convivência entre os Romanos (conquistados) e os bárbaros (conquistadores) não foi fácil, devido às diferenças culturais (língua, costumes e religião) entre os dois povos. Contudo, as diferenças foram-se esbatendo progressivamente. Alguns reinos bárbaros converteram-se ao cristianismo. A conversão de um reino bárbaro ao cristianismo implicava a conversão do rei e de todos os seus súbditos. Tal aconteceu com Clóvis, rei dos Francos, Recaredo, rei dos Visigodos, e Teodomiro, rei dos Suevos. Foi neste período, entre os finais do século V e o século XIII, que o cristianismo se estendeu a todos os reinos do Ocidente europeu, nos quais se assistiu à fundação de centenas de mosteiros. Estava formada a cristandade.

Contudo, estes reinos cristãos sofreram uma segunda vaga de invasões, entre os séculos VIII e X, protagonizada por Vikings ou Normandos, Húngaros ou Magiares e Muçulmanos.

As sucessivas invasões tiveram consequências económicas (ruralização da economia), mas também sociais e políticas. A dependência dos mais pobres e desprotegidos (o povo) face aos senhores da terra tornou-se cada vez maior. Os próprios reis, incapazes de garantir segurança a todos os súbditos, entregaram grandes parcelas de território, juntamente com poderes judiciais, militares e fiscais, aos nobres e aos membros da Igreja Católica (o clero), com o objectivo de defenderem a terra e as populações.



EXPLORO O DOCUMENTO

1. Em que reinos cristãos se fixaram os novos invasores?

7. Novas invasões na Europa, séculos VIII-X.

Progressivamente, esta organização social e política levou ao enfraquecimento dos poderes do rei, que haviam passado para as mãos de príncipes e nobres locais.

Nos tempos medievais, esta organização política, social e económica (o feudalismo) justificava-se pela própria criação divina. Acreditava-se que, desde os primórdios da existência do Homem, Deus tinha distribuído tarefas concretas e específicas a cada ser humano: uns deviam salvar a Humanidade orando (o clero = aqueles que seguiam uma vida religiosa); outros lutavam para proteger o povo (a nobreza); e outros deviam trabalhar para alimentar e produzir riquezas para todos (o povo).

Deste modo, clarificava-se a existência de relações de dependência entre os vários grupos sociais.

SOU CAPAZ!

1. Que relações de dependência se estabeleceram na Idade Média?
2. Diz o que entendes por feudalismo.
3. Explica o aparecimento do feudalismo na Europa.
4. Assinala na sopa de letras 3 conceitos relacionados com o feudalismo.

Q	S	R	T	A	E	I	L	T
O	E	S	G	V	D	N	H	A
F	E	U	D	O	U	E	U	S
M	A	S	I	A	L	O	U	O
A	I	E	L	O	I	J	H	V
B	O	R	T	N	P	O	D	A
T	V	A	S	S	A	L	O	M
Q	R	N	M	O	L	I	T	V
A	D	O	R	I	O	S	U	C

4.1.2. Características económicas, políticas, sociais e culturais do feudalismo

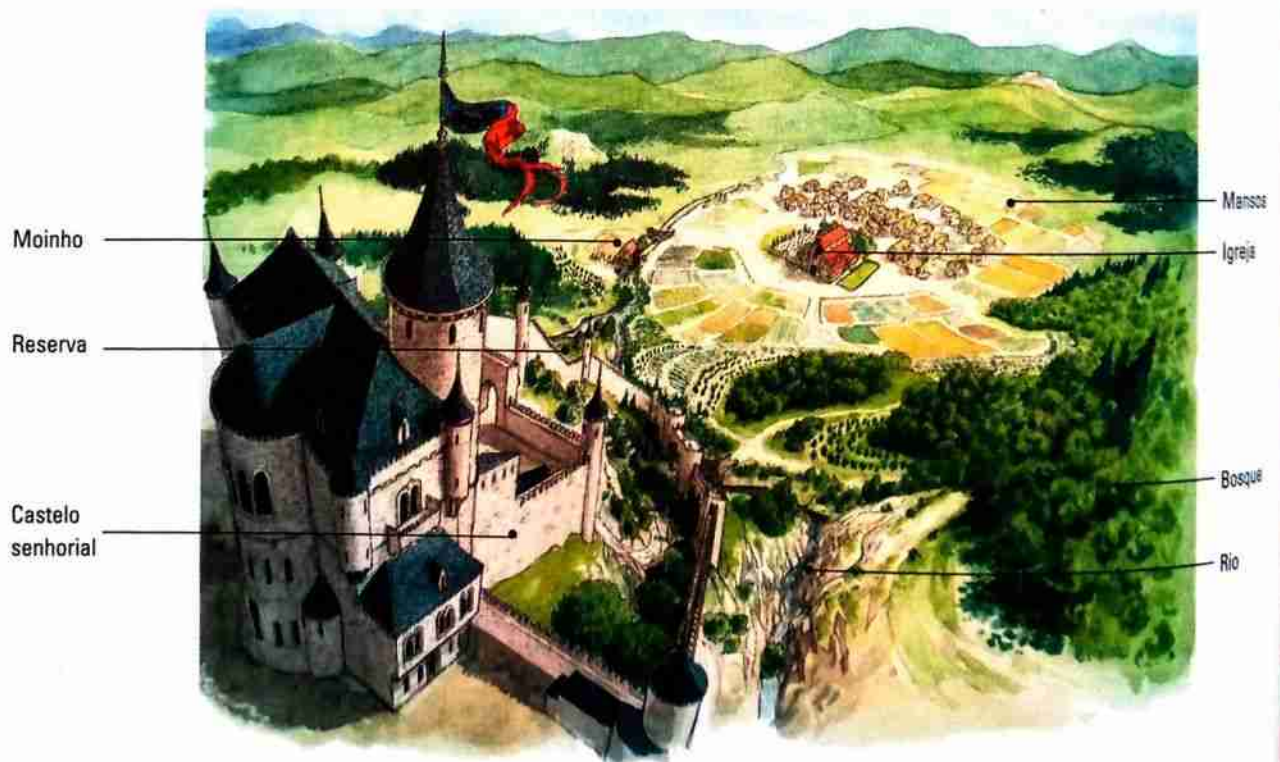
As invasões bárbaras acentuaram a ruína da economia romana, que já se encontrava em crise desde o século III. Devido à instabilidade, as populações abandonaram as cidades, lugares de atracção dos invasores pela sua quantidade de riquezas, para se fixarem no campo, pois este oferecia mais segurança. A partir do século V, a economia urbana de excedentes deu lugar a uma economia rural de auto-suficiência, passando as populações a produzir para satisfação das suas necessidades básicas. Consumia-se o que se produzia, havia troca directa de produtos e de serviços e a moeda tornara-se numa raridade.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Domínio senhorial: Extensa propriedade de terra pertencente a um senhor da nobreza ou do clero.

A agricultura e a pecuária eram as actividades básicas. Cultivavam-se cereais, leguminosas e frutos. A terra era a única fonte de riqueza, principal forma de pagamento e sinal de poder. Os donos de grandes parcelas de terra eram designados por senhores e as propriedades por senhorios ou domínios senhoriais. Os domínios senhoriais dividiam-se em duas partes:

- a reserva - explorada directamente pelo senhor, através de servos (camponeses não livres) e do trabalho gratuito que os colonos (camponeses livres) eram obrigados a prestar;
- os mansos - pequenas parcelas de terra, arrendadas pelo senhorio a famílias de camponeses para viver e trabalhar; a renda era paga com trabalho, géneros agrícolas e animais.



8. Domínio senhorial (reconstituição).

Os camponeses dos domínios senhoriais viviam sob exploração, pois ficavam sujeitos a várias obrigações: pagar uma renda; prestar dias de trabalho gratuito, geralmente três por semana; utilizar obrigatoriamente o forno, o bosque, o moinho ou o lagar do senhor, pagando em géneros ou serviços pelo seu uso; servir o senhor noutros trabalhos, como, por exemplo, na defesa contra ataques invasores.

Como vimos, a sociedade feudal era tripartida, ou seja, estava dividida em três grupos sociais, cada um com a sua função na sociedade e todos eles interdependentes. De um modo geral, o povo trabalhava, a nobreza lutava e defendia a nação e o clero rezava pela salvação da Humanidade.

O clero tinha um papel importante dentro da sociedade, pois mantinha a paz espiritual, dava assistência aos pobres e doentes, possuía grandes extensões de terras, cobrava a dízima às populações (a décima parte das suas produções), interferia na vida política e dinamizava a cultura, com a produção de manuscritos.

A nobreza, formada pelo rei (o suserano dos suseranos ou o senhor dos senhores), duques, condes e cavaleiros, dirigia os seus senhorios, declarava guerra aos inimigos, por vezes inimigos de fé, ou seja, de uma religião diferente do cristianismo, e organizava o seu próprio exército.

O povo era constituído por camponeses, pastores, artesãos e estava sujeito ao pagamento de rendas e impostos ao rei, ao clero e à nobreza.

Esta sociedade era bastante hierarquizada, com profundas desigualdades sociais.



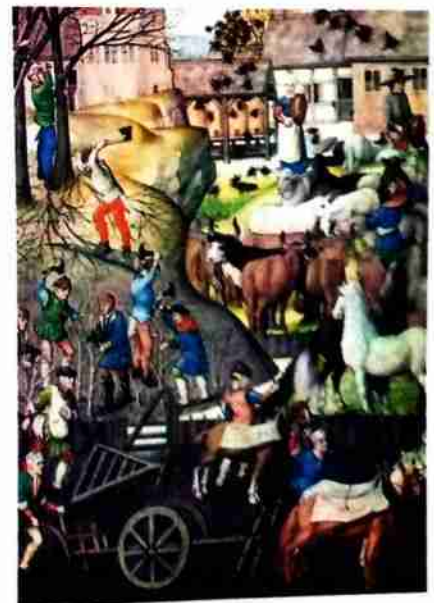
9. Hierarquia da sociedade feudal.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Exploração: Abuso do trabalho dos outros para conseguir benefícios.

Servidão: Estado de quem está privado da independência.

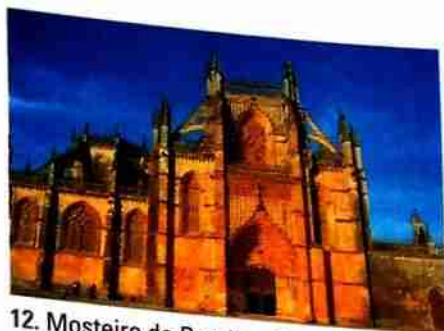
Religião: Crença na existência de um poder sobre-humano e superior, do qual o Homem se considera dependente.



10. Os deveres dos camponeses num senhorio.



11. Sé Velha de Coimbra, Portugal.



12. Mosteiro da Batalha, Portugal.

Com o clima de insegurança, o clero e a nobreza, embora grupos menos numerosos, ganharam grande importância social, pois as suas funções eram consideradas vitais e eram senhores de extensões de terra. Mesmo assim, o clero acabou mesmo por se tornar no grupo social mais importante, devido à sua estreita ligação com o poder sagrado. Numa época de medo, superstição e ignorância, tudo o que acontecia tinha uma razão divina. Só pela intermediação do clero era possível conseguir a ajuda de Deus e a salvação dos homens.

Por conseguinte, o clero e a nobreza eram os grupos sociais privilegiados, ou seja, não pagavam impostos ao rei. Pelo contrário, tinham direito de cobrar impostos ao povo (grupo não privilegiado) que vivia nos seus domínios senhoriais. Os grupos privilegiados, na maioria dos reinos europeus, chegaram a rivalizar com o poder do rei, fazendo leis, possuindo exército próprio, aplicando a justiça e cunhando moeda nos seus senhorios. Praticamente, alguns domínios senhoriais transformaram-se num Estado dentro do Estado, com os reis a sujeitarem-se aos caprichos da nobreza e do clero.

Este sistema feudal de organização política, social e económica predominou na Europa entre os séculos V e XV, mas também se desenvolveu noutros continentes, nomeadamente na Ásia, como são exemplo o feudalismo bizantino, no Califado Árabe e na China.

Em termos culturais, o período feudal ficou marcado pela forte religiosidade, embora também se tivessem produzido obras profanas:

Arquitectura	Religiosa: mosteiros, catedrais, igrejas e capelas
	Civil e militar: castelos e palácios
Pintura e escultura	Santos e cenas bíblicas; túmulos de senhores da nobreza e do clero
Literatura	Religiosa: Bíblia, vidas de santos, livros de Horas
	Civil: poesia de trovadores

CURIOSIDADE

Durante o período feudal chinês assistiu-se a um grande desenvolvimento técnico: inventou-se a pólvora, aperfeiçoou-se o fabrico de papel e porcelana e surgiu a imprensa de caracteres fixos.

SOU CAPAZ!

1. Completa o quadro.

CARACTERÍSTICAS DO FEUDALISMO			
Económicas	Políticas	Sociais	Culturais

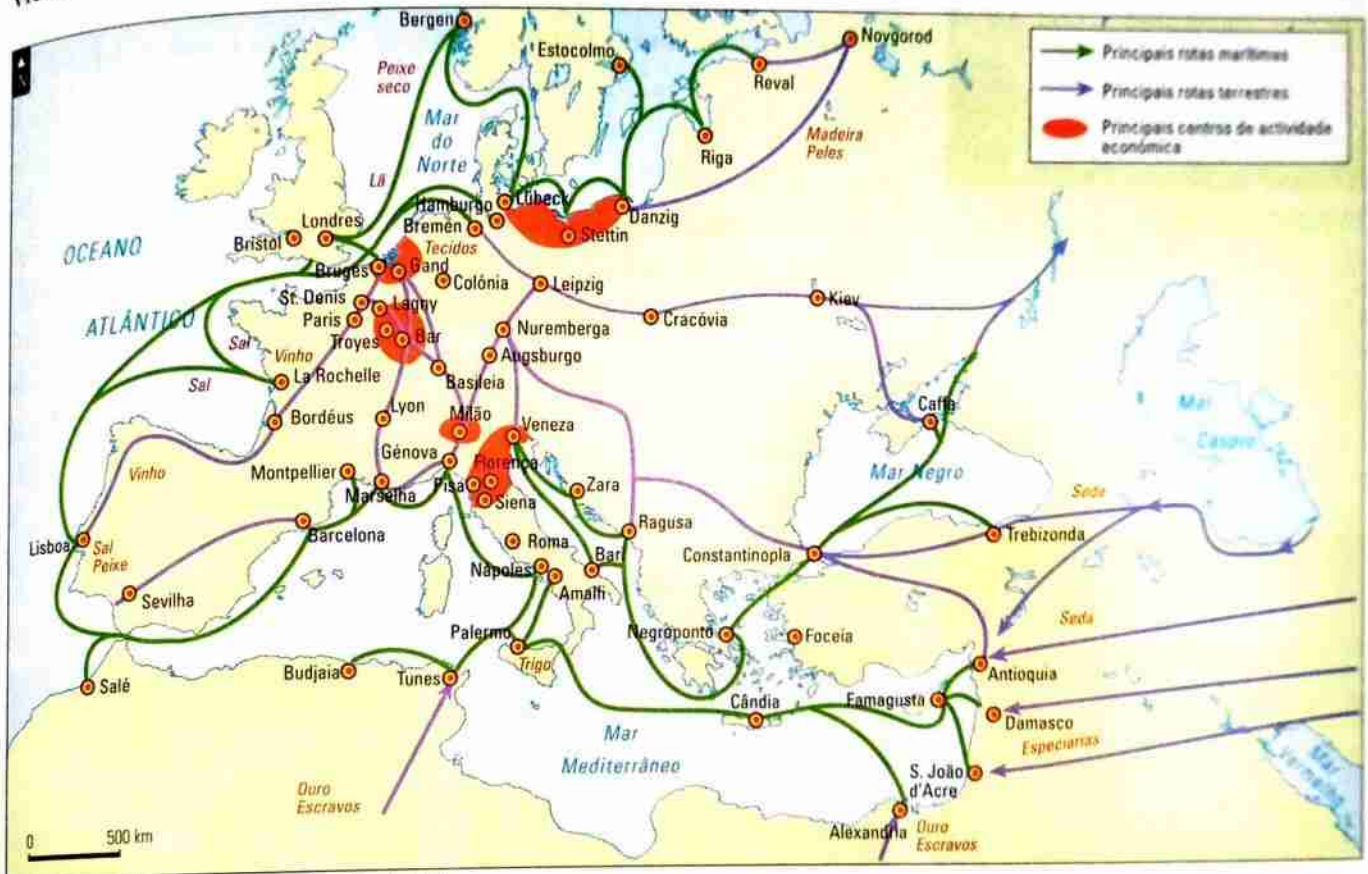
2. O que entendes por "ruralização da economia"?

3. Como se organizava um domínio senhorial?

4.1.3. A crise do feudalismo

A crise do feudalismo iniciou-se no século XIII com os progressos técnicos na agricultura, nos transportes e o ressurgimento do comércio.

Lentamente, renasceu o comércio internacional, criando condições para a emergência de novas cidades e de um novo grupo social, que habita os “burgos novos” ou cidades novas – a burguesia. Os burgueses eram originários do povo, mas dedicavam-se às atividades comerciais, acumulando muitas riquezas.



13. Rotas do comércio europeu no século XIII.

Contudo, só no século XIV é que a estrutura feudal foi abalada nas zonas rurais, com a intensificação das revoltas dos camponeses e artesãos, devido às miseráveis condições de vida (fome, peste e guerra).



14. A Peste Negra deu um grande contributo para o “Triunfo da Morte”. Os corpos fragilizados pela fome e a falta de hábitos de higiene diária possibilitaram a rápida propagação desta epidemia mortífera. O foco da peste veio do Mediterrâneo Oriental: as pulgas dos ratos que habitavam os porões dos barcos de comércio. A doença manifestava-se pelos bubões negros nas axilas e nas virilhas e o contágio fazia-se pela convivência com os infectados.



15. Azáfama portuária.

Neste período, a Europa foi assolada por várias pestes e epidemias, destacando-se a Peste Negra (1348-1350), que dizimou 1/3 da população europeia pela sua rapidez de contágio e evolução, e por várias guerras, com destaque para a Guerra dos 100 Anos (1337-1453). Face a um século de crise económica como foi o século XIV, a Europa necessitou de se reconstruir e de encontrar soluções para a sua falta de cereais, metais preciosos, mão-de-obra e outras riquezas. A expansão marítima para outros continentes, nomeadamente para África, foi o caminho traçado pelos Portugueses, seguidos para Espanha e, mais tarde, por Franceses, Ingleses e Holandeses.

Na verdade, com o fim dos conflitos armados e com o debelar da Peste Negra, a paz, a segurança e a tranquilidade regressaram à Europa. Voltava a ser possível produzir géneros agrícolas e animais em grandes quantidades. A produção de subsistência progressivamente deu lugar à produção de excedentes, destinados ao comércio interno e externo. Desta feita, havia outras possibilidades ou oportunidades de uma vida melhor fora das muralhas dos domínios senhoriais. As relações de dependência começam a quebrar-se e os próprios reis põem em prática medidas para fortalecerem o seu poder. Nem todos os homens do povo tinham de ser camponeses e de estar ligados à terra, uma vez que o artesanato e o comércio começaram a desenvolver-se. A terra deixa de ser a única fonte de riqueza e a moeda voltou a circular pelas principais cidades da Europa.



16. Reconstituições de feiras medievais. As feiras medievais eram locais de comércio, mas também um ponto de encontro e de diversão de gentes de regiões longínquas.



SOU CAPAZ!

1. Qual foi a actividade económica que renasceu na Europa a partir do século XIII?
2. Que novo grupo social surgiu relacionado com aquela actividade económica?
3. Explica a crise do feudalismo.

VIVER A HISTÓRIA

1. Faz uma ilustração e três frases alusivas às feiras medievais.
2. Elabora um cartaz sobre uma epidemia actual. Não te esqueças de abordar as formas de prevenção de contágio.

4

4.2 ÁFRICA DO SÉCULO V AO SÉCULO XV

Introdução

Enquanto na Europa e na Ásia se vivia num regime feudal, em África desenvolviam-se reinos e impérios com características políticas, económicas e sociais próprias, como foi o caso da Etiópia. No entanto, o continente africano foi palco da presença estrangeira desde os finais do século V e princípios do século VI. Esta presença estrangeira veio modificar a estrutura económica, social e política dos primeiros estados africanos.

Os primeiros povos estrangeiros em África foram os mercadores muçulmanos asiáticos, que se estabeleceram no Norte de África, na costa oriental e na costa ocidental, desenvolvendo trocas comerciais com os povos africanos e difundindo a sua religião – o Islamismo. A religião muçulmana chegou ao continente africano por duas vias: por terra, através do Norte de África, e por mar, através do Índico e até Sofala. Na costa oriental, os Árabes dedicaram-se ao tráfico de escravos negros. Contudo, a sua cultura acabou por se espalhar e por se enraizar em grande parte do continente.

A partir do século XV foram chegando os mercadores europeus, que também trouxeram consigo profundas mudanças e alterações, mesmo ao nível das trocas comerciais.



17. Mulheres muçulmanas num mercado.



18. Edifício africano com influências arquitectónicas muçulmanas.



19. Muçulmano no Egipto.

A presença europeia em África originou conflitos entre europeus e árabes asiáticos. De qualquer modo, neste contexto de desenvolvimento comercial, houve um conjunto de estados africanos que prosperaram, como aconteceu com a Etiópia.

4.2.1. A Etiópia

A Etiópia foi o único reino africano que, ao longo da História, sempre manteve a sua soberania e independência, pois, ao contrário do resto do continente, nunca foi colonizada. No entanto, após uma primeira tentativa italiana de invasão (fracassada) em 1896, foi invadida e ocupada pela Itália de Mussolini, em 1935, nas vésperas da 2.ª Guerra Mundial, por um breve período até 1941. Nasceu do antigo Estado de Axum.

Localizada na África Oriental, a Etiópia tem como limites actuais a norte a Eritreia, a sul o Quênia, a este a Somália e o Jibuti e a oeste o Sudão. Possui uma área de 1 127 127 km² e a cidade capital é Addis Abeba.

O Norte da Etiópia é montanhoso com altitudes superiores a 4000 metros, onde o maciço central é cortado diagonalmente pelo vale do rio Rift. O clima é tropical de altitude nos planaltos e nas montanhas, mas quente e seco nas terras baixas.



20. Bandeira da actual Etiópia.



21. A Etiópia actual no mapa de África.

A sua economia depende do clima e da altitude, pois as frequentes secas nalgumas regiões impedem o desenvolvimento agrícola. Nas selvas tropicais desenvolve-se a agricultura, produzindo-se algodão, milho e tabaco, e nas altitudes elevadas cultivava-se o café e a cevada e faz-se criação de gado.

A Etiópia adoptou o cristianismo como religião oficial a partir do século IV, tornando-se o primeiro reino africano cristão. Anteriormente, as crenças mágico-religiosas manifestavam-se em cultos agrícolas e no culto dos antepassados.

A civilização etíope emergiu do antigo Reino de Axum. Até ao século VI, a cidade de Axum foi a capital de um reino e o entreposto geral do comércio de marfim, desempenhando papel importante no relacionamento com Bizâncio. Mesmo assim, a agricultura era a base da economia, enquanto que o artesanato e o comércio eram actividades secundárias.

Nos princípios do século X, a Etiópia, nascida da evolução do Reino de Axum, tornou-se numa grande potência marítima e comercial. Cobrava tributos às populações muçulmanas dominadas e adoptou uma política expansionista, conseguindo conquistar algumas regiões nas margens do mar Vermelho e acabando por formar um império.

No topo da organização social do Império encontrava-se o imperador, a quem se chamava *Negusa Nagast* (rei dos reis), pois à volta dele encontrava-se o grupo dos príncipes das periferias do império. Estes prestavam vassalagem ao imperador. Esta vassalagem era feita, com frequência, através dos casamentos do imperador com princesas árabes, fomentando deste modo a poligamia em detrimento da monogamia cristã. O rei dos reis não tinha uma residência fixa e deslocava-se consoante as necessidades. Todavia, só se mostrava ao povo três vezes no ano numa tribuna, nomeadamente no Natal e na Páscoa. Os cargos mais importantes do Império eram exercidos por famílias a título hereditário.

Entre os séculos XIV e XV, a Etiópia atravessou uma crise e foi ameaçada pelos Árabes. O florescimento político e cultural da Etiópia fez com que os Árabes se sentissem atraídos pelas riquezas etíopes e tentassem conquistá-las.

Mas, a partir da segunda metade do século XV, também aumentou o interesse da Europa pela Etiópia. O corte das estradas comerciais do Sudeste asiático por Tamerlão (início do século) e a tomada de Constantinopla (1453) dificultaram o acesso ao Oriente. A existência de um reino cristão na retaguarda do Islão fez com que tanto as repúblicas italianas como Portugal e Aragão procurassem obter a aliança com o imperador etíope. A Portugal coube a realização desse desejo. Por outro lado, foi com o auxílio dos Portugueses que a Etiópia garantiu a estabilidade do Império face aos ataques e

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Vassalagem: Sujeição e tributo ou homenagem que um vassalo deve ao seu senhor.

Poligamia: Regime familiar em que uma pessoa tem vários cônjuges ao mesmo tempo.

CURIOSIDADE

A Etiópia é o único Estado africano em que existe documentação escrita sobre o seu passado, num idioma próprio – o geês –, ainda usado na Igreja etíope.

CONCEITOS | VOCABULÁRIO

Idolatria: Culto prestado a imagens consideradas como divindades.

Inquisição: Tribunal religioso, onde eram julgados todos os católicos acusados de heresia e feitiçaria.

invasões árabes. O soberano acabou por impor o cristianismo e eliminar os vestígios restantes de paganismo, tomando várias medidas:

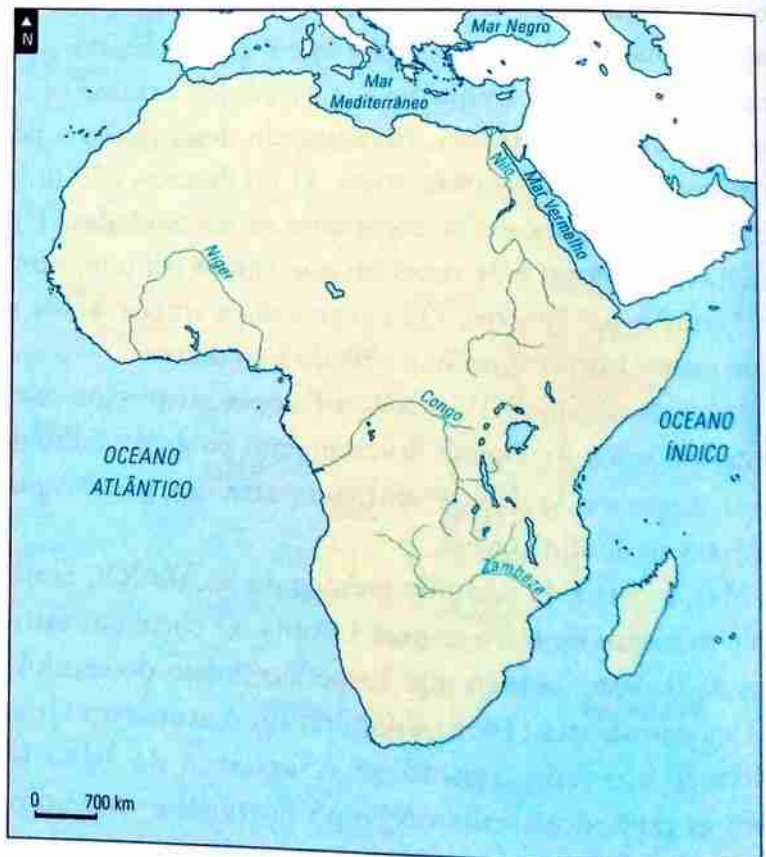
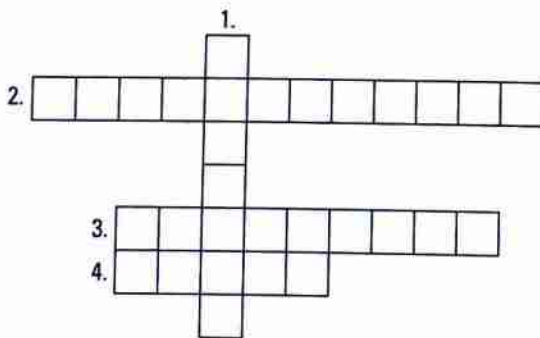
- construção de igrejas;
- publicação de livros com mensagens de fé e os usos da Igreja etíope;
- execução dos indivíduos que praticassem idolatria e a confiscação dos seus bens;
- instituição da Inquisição a partir do século XVI.

O exército imperial tentou restabelecer o poder com a ajuda dos Portugueses, mas este restabelecimento não foi eficaz devido aos conflitos existentes entre o poder central e os senhores de terras (proprietários), que desejavam a independência.

Estas contradições internas foram aproveitadas por povos invasores ou que concorriam com os interesses etíopes, como os Turcos, que puseram fim à hegemonia do império etíope e iniciaram, desta forma, uma nova etapa histórica da Etiópia, marcada pelo declínio económico e cultural.

SOU CAPAZ!

1. Localiza no mapa de África as regiões onde se fixaram os mercadores muçulmanos.
2. Em que século chegaram a África os mercadores europeus?
3. Resolve o crucigrama.
 1. Reino africano que manteve sempre a sua independência.
 2. Religião oficial daquele reino desde o século IV.
 3. Aquele que é Negusa Nagast (rei dos reis).
 4. Situação do Império da Etiópia entre os séculos XIV e XV.



4. No Império da Etiópia havia diferenciação social? Justifica a tua resposta.

4

SINTETIZO OS MEUS CONHECIMENTOS

RELAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS - SÉCULOS V-XV

EUROPA

Feudalismo

Economia: ruralização

Sociedade: tripartida e hierarquizada (clero e nobreza, privilegiados, e povo, não privilegiado)

Política: enfraquecimento do poder régio e transferência de poderes para os grupos privilegiados

Cultura: produções culturais marcadas pela religiosidade

ÁFRICA

Desenvolvimento de reinos e impérios, como o da Etiópia

- Política expansionista do Reino de Axum, que evoluiu até dar origem ao Império da Etiópia

- Poder centralizado no imperador

- Desenvolvimento agrícola e comercial

- Contactos com povos estrangeiros (primeiro, com os mercadores árabes, e, depois, com os Portugueses)

- Reino cristão

SOU CAPAZ!

Transforma o esquema ou mapa conceptual num texto narrativo em que compares as relações sociopolíticas da Europa e de África entre os séculos V e XV.

2

VAMOS
DESCOBRIR!

Epidemias

Durante o século XIV, a Europa foi atingida pela epidemia da Peste Negra. Uma epidemia caracteriza-se pela rápida e mortífera proliferação. Desta feita, milhões de europeus morreram, gerando-se igualmente um clima de medo e insegurança.

Todavia, na Idade Média, fruto do atraso científico e cultural das sociedades, ao nível da medicina, dos hábitos de higiene e das condições de vida em geral, não se conheciam métodos preventivos de contágio.

Nos dias de hoje também há epidemias. São doenças infecciosas que atingem muitas sociedades: HIV/SIDA, malária, tuberculose, entre outras. O HIV/SIDA tem atingido fortemente o continente africano. No entanto, é possível evitar o contágio, através do afastamento de situações de risco e, deste modo, evitar o alastramento da epidemia.

HIV significa Vírus da Imunodeficiência Humana (*Human Immune-deficiency Virus* – em inglês). Este vírus ou micróbio invisível diminui as defesas naturais do nosso organismo, tornando-o mais vulnerável à contracção de doenças. O HIV é o agente causador da SIDA, que é a fase mais avançada da infecção. É quando o nosso sistema imunológico está tão afectado que a pessoa apresenta manifestações de muitas doenças comuns (gripe, tuberculose, etc.) e de infecções oportunistas. Tem uma evolução lenta e prolongada e ainda não tem cura. Por conseguinte, é fundamental conhecer as formas de contágio e evitá-las.

CANTO DE ACONSELHAMENTO

PROJECTO JOVENS EM ACCÃO

PROGRAMA SSRAJ PARA PREVENÇÃO ITS-HIV-SIDA

NÚCLEO JUVENIL NGUARIRANHI UPENHU



Pathfinder
INTERNATIONAL

SOU CAPAZ!

1. Escreve por baixo das imagens as palavras **Perigo** (perigo de contágio com o HIV) ou **Prevenção**.

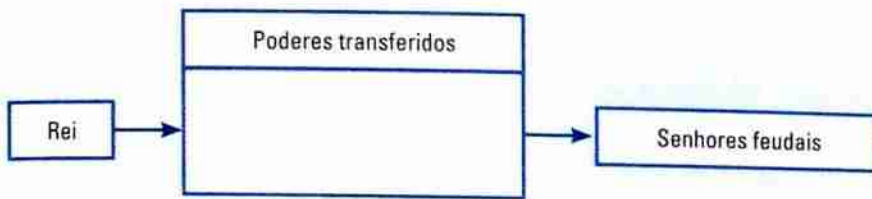


2. Escreve um *slogan* (uma frase curta e apelativa) que possa ser afixada na escola para sensibilizar a comunidade para o perigo do HIV/SIDA.

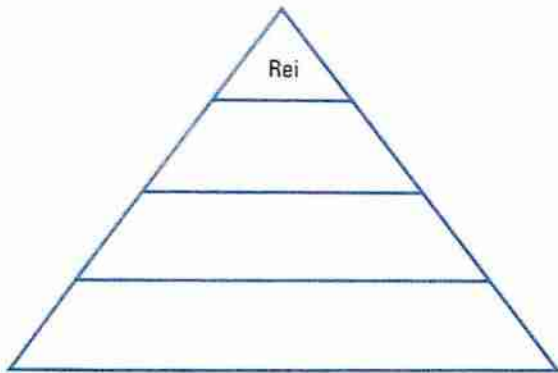
A

VERIFICO O QUE APRENDI!

1. Define feudalismo.
2. Completa o esquema.



3. Preenche a pirâmide da sociedade feudal.



4. A sociedade feudal era hierarquizada, todos tinham funções. Identifica as funções:

- a) Clero _____
- b) Nobreza _____
- c) Povo _____

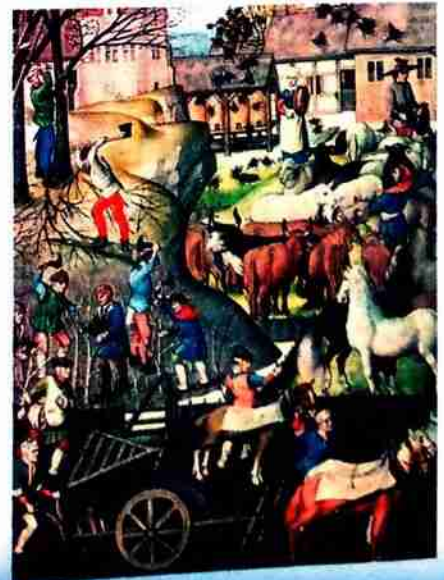
5. Refere-te às obrigações dos camponeses que trabalhavam nos senhorios, a partir da imagem.

6. Os domínios da nobreza e do alto clero tinham dimensões variadas. Em que partes se dividia o domínio?

7. O que era um feudo?

8. Escreve no quadro três expressões que caracterizem o período do feudalismo.

Economia	
Sociedade	
Política	





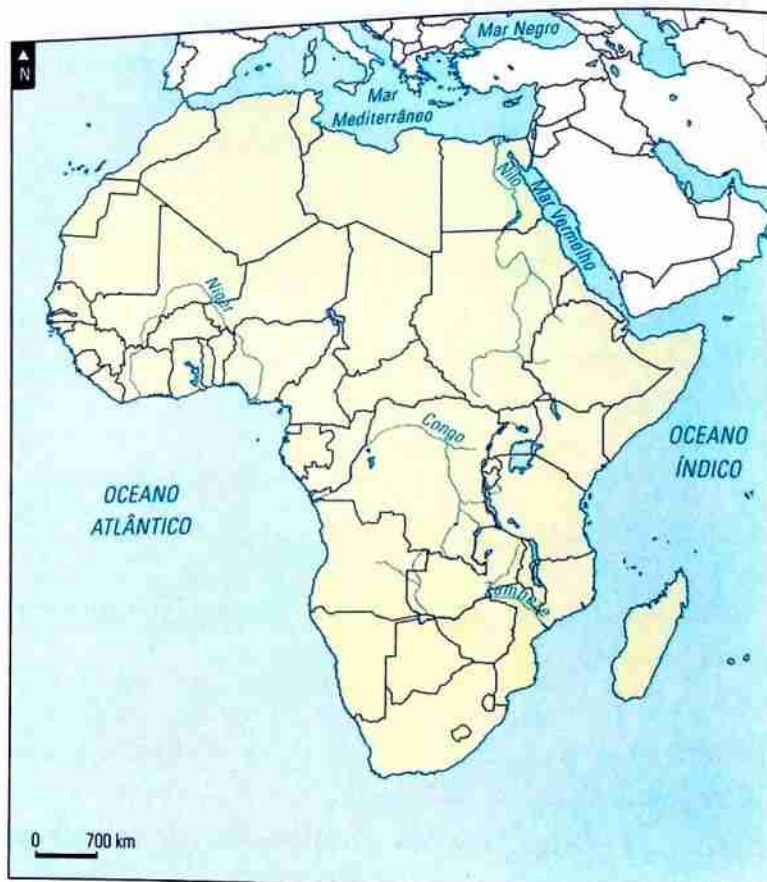
9. Elabora, a partir da imagem, uma quadra adequada ao que ela representa.

10. Assinala com um V as frases verdadeiras e com um F as falsas.

- O feudalismo surgiu na Europa e em África.
- O Império Bizantino também viveu um período feudal.
- As más condições de vida dos camponeses abalaram o feudalismo.
- Com o fim do feudalismo, ressurgiu o comércio.

11. Corrige as afirmações falsas.

12. Localiza a Etiópia no mapa.

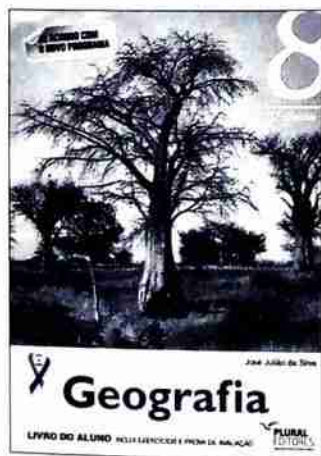
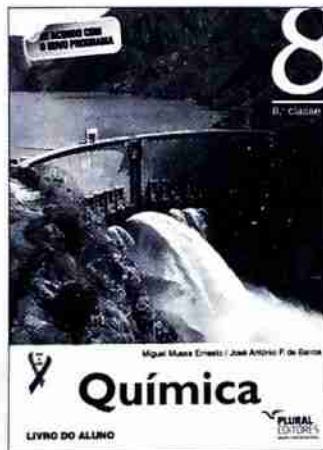
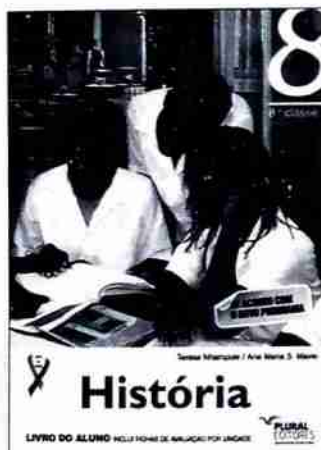
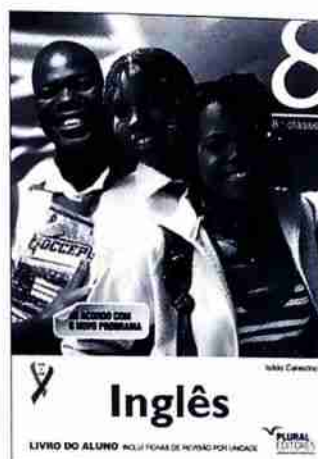
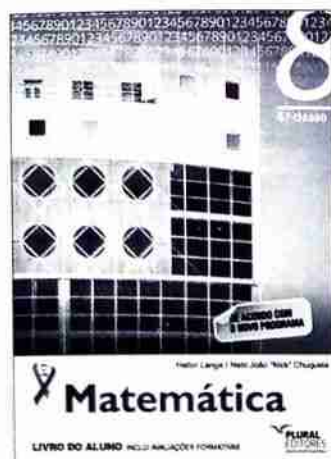
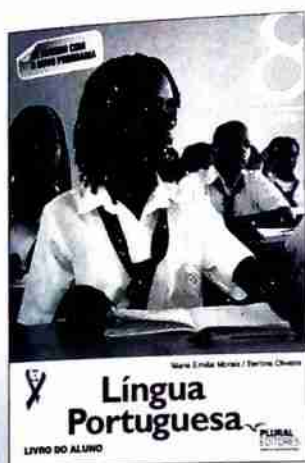


13. Caracteriza a situação económica, política e social de África entre os séculos V e XV, através do exemplo da Etiópia.

14. Completa os espaços em branco.

A Etiópia foi o Estado africano que sempre conseguiu preservar a sua _____. Teve origem no reino de _____, nos princípios do século _____. Tinha o _____ como religião oficial e contou com o apoio _____ para a consolidação da estabilidade do seu império.

Títulos disponíveis para a 8.ª classe



Símbolos da República de Moçambique

BANDEIRA



EMBLEMA



HINO NACIONAL

Pátria Amada

Na memória de África e do Mundo,
Pátria bela dos que ousaram lutar
Moçambique o teu nome é liberdade
O sol de Junho para sempre brilhará

Coro

Moçambique nossa terra gloriosa
pedra a pedra construindo o novo dia
milhões de braços, uma só força
ó pátria amada vamos vencer!

Povo unido do Rovuma ao Maputo
colhe os frutos do combate pela Paz
cresce o sonho ondulando na Bandeira
e vai lavrando na certeza do amanhã

Flores brotando do chão do teu suor
pelos montes, pelos rios, pelo mar
nós juramos por ti, ó Moçambique:
nenhum tirano nos irá escravizar



8.^a classe

História

Teresa Nhampule / Ana Maria S. Mavie

LIVRO DO ALUNO

PLURAL
EDITORES

www.pluraleditores.co.mz

ISBN 978-972-0-09051-5



09051.18